

Baseado na obra de:
L.J. SMITH

E na série de TV desenvolvida por:
KEVIN WILLIAMSON & JULIE PLEC

DIÁRIOS do VAMPIRO

Livro inspirado na série de TV
Vampire Diaries

DIÁRIOS DE STEFAN

4

Estripador



Galera

Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Série Diários do Vampiro

O despertar

O confronto

A fúria

Reunião sombria

O retorno — Anoitecer

O retorno — Almas sombrias

O retorno — Meia-noite

Caçadores — Espectro

Série Mundo das Sombras

Vampiro Secreto

Filhas da escuridão

Submissão mortal

Série Círculo Secreto

A iniciação

A prisioneira

O poder

Série Diários de Stefan

Origens
Sede de sangue
Desejo
Estripador

Baseado na obra de:

L.J. SMITH

E na série de TV desenvolvida por:

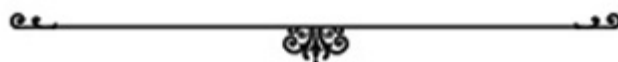
KEVIN WILLIAMSON & JULIE PLEC

DIÁRIOS do VAMPIRO

DIÁRIOS DE STEFAN



Estripador



Tradução de Ryta Vinagre

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Smith, L. J., 1965-
S649d Diários de Stefan [recurso eletrônico]: estripador / L. J. Smith; tradução Ryta Vinagre. - 1.
ed. - Rio de Janeiro: Galera, 2015.
recurso digital (Diários de Stefan; 4)

Tradução de: Stefan diaries vol. 4: the ripper
Sequência de: Desejo
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-10598-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título. III.
Série.

15-24124

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Título original em inglês:
The Stefan Diaries: The Ripper

Copyright © 2011 by Alloy Entertainment and L. J. Smith
Publicado mediante acordo com Rights People, London.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou
em parte, através de quaisquer meios.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos
pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10598-1



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Prólogo

Agosto de 1888

Quanta coisa pode mudar em um ano.

Esta é uma daquelas frases que já ouvi em conversas, que fica chacoalhando pela minha mente como uma pedrinha por uma estrada, um vestígio da minha vida anterior. Há muito tempo, um ano tinha peso, era sólido. Era repleto de possibilidades: encontrar o amor da sua vida, ter filhos, morrer. Era um degrau no caminho da vida — um caminho que não percorro mais.

Uma coisa é um ano. Outra completamente diferente foi vinte anos atrás, quando meu mundo todo virou de pernas para o ar.

Há um ano vim para a Inglaterra, uma terra tão impregnada de história que torna o conceito de eternidade bem menos esmagador. E embora o ambiente tenha mudado, eu permaneci o mesmo. Ainda tinha a aparência do dia em que me transformei em vampiro e meus sonhos ainda eram assombrados pelos mesmos pensamentos: sobre Katherine, que me transformou; sobre Damon, meu irmão; sobre a morte e a destruição que eu nunca, jamais, poderia apagar. O tempo

avançou em um galope firme, mas continuei como antes, um demônio desesperado por redenção.

Se eu fosse humano, agora estaria confortavelmente na meia-idade. Teria uma esposa, filhos, talvez até um menino que eu prepararia para assumir os negócios da família.

Antes de assassinato virar o negócio da família Salvatore.

É um legado que passei os últimos vinte anos tentando corrigir, na esperança de que uma eternidade de boas ações compensasse de algum modo os erros que cometi, o sangue que derramei.

E, de certa forma, compensaram; a Inglaterra me fez bem. Agora sou um homem honesto — ou tão honesto quanto um homem pode ser quando seu passado é desprezível como o meu.

Não sinto mais culpa por exaurir o sangue de criaturas da mata. Afinal, sou um vampiro. Mas não sou um monstro. Não mais.

Ainda assim, o tempo não toca a mim como aos humanos, nem cada ano se inicia com a mesma expectativa aflita dos que vivem. Só o que posso esperar é que cada ano me afaste mais da destruição que causei na minha juventude, sem novas dores na minha consciência. Se eu pudesse ter isto, seria minha salvação.

O sol salpicava as vigas rústicas da luxuosa cozinha do Solar dos Abbott, onde eu trabalhava como zelador. Suspirei de satisfação ao olhar pelas grossas janelas e ver as longas terras verdejantes que cercavam a casa. Embora meticulosamente conservada pela Sra. Duckworth, a dedicada governanta dos Abbott, eu podia ver, através dos raios luminosos, partículas de pólen flutuando. O ambiente aconchegante e confortável lembrava-me de Veritas, onde o pólen das magnólias flutuava para dentro das janelas abertas e cobria um cômodo inteiro com uma fina camada de poeira.

— Pode me passar a faca, Stefan? — perguntou Daisy, uma das jovens criadas, fitando-me com provocação no olhar.

Daisy era uma garota da região que de vez em quando a Sra. Ducksworth contratava para ajudar na cozinha. Uma garota baixa, de cabelo castanho cacheado e com sardas que pontilhavam o nariz arrebitado. Lembrava-me Amelia Hawke, uma das minhas amigas de infância de Mystic Falls. Percebi que Amelia, agora, provavelmente já teria filhos da idade de Daisy.

— Ora, naturalmente, minha cara Daisy — respondi com meu exagerado sotaque sulista, fazendo-lhe uma profunda medida.

Ela sempre implicava comigo por soar americano demais, e eu gostava de nossos diálogos joviais. Eram zombeteiros e inocentes, um lembrete de que as palavras nem sempre escondiam motivos velados.

Peguei a faca em uma gaveta e lhe passei enquanto ela retirava um pepino de uma grande tigela de madeira e o botava na mesa, mordendo o

lábio, concentrada.

— Ai! — gritou Daisy, afastando de repente o dedo do pepino e levando apressadamente a mão aos lábios. Virou-se para mim, o sangue vertendo do corte.

Senti as presas começarem a inchar por debaixo das gengivas. Engoli em seco e recuei, tentando impedir a transformação enquanto ainda era possível.

— Stefan, ajude-me! — implorou Daisy.

Cambaleei para trás com o cheiro de sangue que me invadia as narinas e infiltrava-se até o cérebro. Podia imaginar como seria doce o sabor daquele líquido na minha boca.

Peguei um guardanapo e lhe estendi. Fechei bem os olhos, mas isso só intensificou o aroma metálico de sangue.

— Tome! — falei, ríspidamente, sacudindo às cegas o guardanapo em sua direção.

Mas ela não o pegou e portanto abri um olho, depois o outro. Daisy estava parada ali, de braço estendido, mas algo nela era diferente. Pisquei mais uma vez. Não era minha imaginação. O castanho-claro de seus cabelos transformara-se em um cobre avermelhado e brilhante, enquanto as bochechas cheias afinaram em uma face angulosa que tinha apenas o mais leve polvilhar de sardas pela ponte do nariz.

De algum modo, Daisy desaparecera e em seu lugar surgiu uma nova figura.

— Callie? — chamei com a voz rouca, equilibrando-me na mesa de madeira.

Callie Gallagher, fogosa, impetuosa, tremendamente fiel e morta pelas mãos de Damon, estava bem diante de mim. Minha cabeça girava. E se ela na realidade não houvesse morrido? Poderia ela ter escapado para a Inglaterra a fim de recomeçar a vida? Eu sabia que não fazia sentido, mas ela estava bem na minha frente, linda como sempre.

— Stefan... — sussurrou, inclinando o rosto para mim.

— Callie! — Sorri enquanto minhas presas recuavam. Senti meu peito acelerar, uma sombra das emoções humanas que Callie ajudara-me a recordar. Estendi-lhe a mão, tocando em seu ombro, permitindo que meu nariz inalasse seu aroma de maçã e feno. Mas assim que pisquei novamente para assimilar o momento, tudo nela mudou. Seus lábios estavam separados demais, os dentes, brancos demais, os olhos, vermelhos. Uma fragrância de limão e gengibre vagava pelo ar.

Pestanejei, apavorado. O medo correu por minhas veias como gelo. Será que...

Era Katherine. *Katherine*. A primeira mulher por quem acreditei ter me apaixonado. A vampira que roubou meu coração apenas como um meio de roubar minha alma.

— Deixe-me em paz! — exclamei, rispidamente, cambaleando para trás com tal rapidez que meu pé ficou preso na perna da mesa. Equilibrei-me. Sabia que precisava me afastar dela. Era maligna. E havia me destruído. Ainda assim, era tão linda. Uma expressão maliciosa dançava por seu rosto.

— Olá, Stefan — disse ela num tom agradável enquanto avançava até mim. — Estou te assustando? Parece que você viu um fantasma!

— Você morreu — soltei, ainda incapaz de acreditar que estivesse diante de mim.

Ela riu, um som cálido e envolvente como uma dose de uísque numa noite fria de inverno.

— E não morro sempre? É um prazer vê-lo. Você me parece bem. Apesar de um tanto pálido demais — repreendeu Katherine.

— Como chegou aqui? — perguntei, por fim. Seu corpo havia sido incendiado, enterrado em uma igreja da Virgínia, a um oceano de distância. Entretanto, era inegável que ela estava parada a meio metro de mim na cozinha dos Abbott.

— Eu precisava ver você — disse Katherine, mordendo o lábio inferior com seus dentes perfeitamente brancos. — Lamento terrivelmente, Stefan. Sinto que tivemos muitos mal-entendidos. Jamais expliquei verdadeiramente

a você sobre mim ou minha natureza. Acha que um dia poderá me perdoar? — perguntou ela.

Vi-me concordando com a cabeça, apesar de meu ódio pelo que ela me fizera. Eu sabia que precisava fugir, mas não conseguia desviar meu olhar de seus grandes olhos. Eu não estava sendo influenciado. Era pior. Estava sendo impelido pelo amor. Hesitante, estendi a mão e deixei que meus dedos tocassem sua pele. Era macia, e de imediato fui consumido pela necessidade de tocá-la incessantemente.

— Meu doce Stefan — disse Katherine enquanto se curvava diante de mim. Seus lábios macios como pétalas tocaram meu rosto. Curvei-me, sucumbindo ao aroma de limão e gengibre. Meu desejo, reprimido por vinte anos, estava sendo libertado. Não importava o passado. Não importava o que ela fizera comigo ou com meu irmão. Eu a queria. Meus lábios encontraram avidamente os dela e a beijei, suspirando de felicidade e satisfação.

Ela se afastou e meu olhar voltou-se para seu rosto. Seus olhos estavam arregalados e as presas brilhavam à luz do sol.

— Katherine! — ofeguei. Mas não pude escapar. Suas mãos, frias como gelo, estavam em volta do meu pescoço puxando-me para ela, e então senti uma dor lancinante na garganta. Tentei me afastar, mas a dor se aprofundava, penetrava mais em meu corpo, até que chegou aos confins da minha alma...

Tudo em volta de mim escureceu.

Então ouvi uma batida incisiva e insistente.

— Katherine? — Tateei, confuso, notando que estava banhado de suor. Pisquei. Acima de mim, o teto inclinado de meu chalé de sapé. Os raios de sol penetravam pelas frestas do teto.

A batida continuava.

Saí atrapalhado da cama, vesti calções e camisa.

— Entre! — convidei.

A porta se abriu e a Sra. Duckworth entrou de rompante, a preocupação estampada no rosto vermelho e redondo.

— Então, você está bem? — perguntou a Sra. Duckworth.

— Estou bem. Foi apenas um sonho — falei, remexendo-me inquieto. *Teria sido* apenas um sonho? Eu não pensava nela havia séculos, mas, no sonho, Katherine parecia muito real, muito *viva*.

— Você teve um pesadelo, isso, sim — retorquiu a Sra. Duckworth com sensatez, cruzando os braços sobre o grande peito de matrona. — Ouvi seus gritos do outro lado da porta. E você me deu um baita susto. Pensei que uma daquelas raposas da floresta o estivesse atacando. A Sra. Medlock, da fazenda dos Evans, disse que uma delas pegou algumas galinhas outro dia mesmo. E em plena luz do dia!

— Um pesadelo... — repeti, apoiando-me na coluna de madeira da cama. O sol começava a cair e a mata para além de minha janela estava coberta de uma luz âmbar.

— Sim — respondeu, pacientemente a Sra. Duckworth. Trajava um avental branco engomado por cima do vestido listrado de azul e branco e seu cabelo grisalho estava penteado num coque perfeito. Ela era empregada no solar havia mais de vinte anos e supervisionava com uma preocupação maternal tudo que acontecia na casa. George Abbott sempre brincava que era ela, e não ele, quem verdadeiramente comandava a propriedade. Vendo-a me acalmar, lembrei que os acontecimentos estavam todos em minha mente e eu estava seguro aqui. — Só espero que a Senhora não o tenha ouvido. Não gostaria que ela pensasse que você foi mal-assombrado.

— Eu, não — respondi com impaciência, pegando meus lençóis e os jogando na cama. Não gostei das implicações dos coloquialismos da Sra. Duckworth, ou de ela nunca ser capaz de pronunciar uma frase gramaticamente correta. — Você quer dizer que *a cabana* é mal-assombrada. E ela não é — disse, rapidamente.

— Não, eu quis dizer que você é mal-assombrado — replicou sabiamente a Sra. Duckworth. — Você deve ter alguma coisa na cabeça que o perturba, que não o deixa descansar.

Baixei os olhos para o piso irregular e rústico de madeira. Era verdade. Embora eu tivesse fugido de casa, ainda era assombrado por visões de meu

passado. Às vezes, quando sonhava com a infância com Damon, disputando uma corrida de cavalos pelas matas da Virgínia, as paisagens do sonho eram agradáveis. Em outras, elas me recordavam que parte de mim, embora eu estivesse destinado a viver na terra pela eternidade, sempre estaria no inferno.

— Não importa — disse a Sra. Duckworth, batendo decisivamente as mãos e produzindo um aplauso alto. — Vim buscá-lo para a ceia de domingo. Os meninos não param de perguntar por você. — Ela abriu um sorriso afetuoso ao falar de Luke e Oliver, os dois meninos dos Abbott.

— Claro. — Eu adorava as ceias de domingo. Eram informais e barulhentas, repletas de comida deliciosa e implicâncias bem-humoradas entre Luke e Oliver. O pai dos dois, George, equilibrava em seu joelho Emma, de 4 anos, a mais nova dos Abbott, enquanto a mãe, Gertrude, sorria com orgulho de sua prole. Eu me sentava do outro lado da mesa, agradecido por também fazer parte do evento. Era apenas uma família normal, desfrutando de um domingo típico. E, para mim, não havia nada, nem as mais requintadas mansões em São Francisco ou os bailes cintilantes e transbordados de champanhe de Nova York, que se comparasse a isto.

Quando cheguei ao Solar dos Abbott no outono passado, tinha apenas a camisa do corpo e uma égua que havia ganhado em um jogo de cartas num bar portuário nos arredores de Southampton. Era uma beldade negra que lembrava Mezzanotte, minha montaria da infância na Virgínia. Batizei-a de Segreto, a palavra italiana para *segredo*, e passamos um mês perambulando pelo campo antes de chegar em Ivinghoe, cidade localizada a cerca de 80 quilômetros nos arredores de Londres. Procurando alguém que comprasse Segreto, fui orientado a procurar George Abbot, que, depois de ouvir minha história cuidadosamente elaborada de infortúnios, ofereceu-me tanto um valor pela égua quanto um emprego de caseiro.

— É melhor você se apressar — disse a Sra. Duckworth, interrompendo minhas lembranças. Ela saiu a passos pesados de meu chalé, fechando a porta com um baque.

Olhei rapidamente meu reflexo no espelho pendurado acima da cômoda simplória. Rapidamente alisei o cabelo para trás e passei a língua nas gengivas. Minhas presas raras vezes voltavam a aparecer, pelo menos não enquanto estava desperto. Até passei a caçar com arco e flecha, vertendo depois o sangue num copo e bebendo em um momento de descanso perto da lareira. Lembro que minha amiga Lexi tentou repetidas vezes me fazer tomar chá de sangue de cabra, na época que eu era um jovem vampiro, levando o caos à cidade de Nova Orleans. Na época, eu resistira, pensando que sangue de cabra era uma afronta ao sabor que devia ter o sangue... encorpado, doce, humano.

Se ela pudesse me ver agora, pensei com tristeza. Às vezes desejava que Lexi estivesse aqui, especialmente durante as noites longas e escuras. Seria bom ter alguém com quem conversar e ela era uma amiga de verdade. Mas Lexi e eu nos separamos depois da chegada à Grã-Bretanha. Ela decidiu partir para o continente, enquanto preferi ficar e ver o que o país tinha a oferecer. Ainda bem. Embora tenhamos nos separado ainda amigos, às vezes eu sentia que ela perdia a paciência com minha disposição melancólica. Eu não a culpava. Também me impacientava comigo, desejando poder simplesmente viver a vida. Desejava flertar com Daisy sem medo de que minhas presas aparecessem. Desejava falar da minha antiga vida nos Estados Unidos com George sem deixar escapar que eu estava vivo durante a Guerra Civil. E desejava, sobretudo, apagar Damon de minha mente. Sentia que era necessário ser eu mesmo e ficar por conta própria para seguir em frente. Até um pesadelo me levar de volta à minha infelicidade.

Mas só se eu permitisse. Aprendi que as lembranças eram apenas isto — lembranças. Não têm o poder de me ferir, a não ser que eu permita. Aprendi que posso confiar nos humanos. E, tarde da noite, com o corpo aquecido pelo sangue de um texugo e ouvindo os ruídos da floresta, sentia-me quase feliz.

Havia pouca empolgação e aventura. O que havia — pela qual eu era grato — era rotina. O trabalho era muito parecido com o que eu havia feito em minha juventude na Virgínia, quando meu pai me preparava para

assumir Veritas. Eu adquiria gado, supervisionava os cavalos e consertava qualquer coisa que precisasse de reparo. Sabia que George aprovava meu trabalho e até iríamos a Londres no dia seguinte para discutir as finanças da fazenda, um verdadeiro sinal de sua confiança. De fato, toda a família Abbott parecia gostar de mim e fiquei surpreso ao descobrir o quanto gostava deles. Eu sabia que dali a alguns anos teria de partir, porque logo perceberiam que eu não envelhecia como todos os outros. Mas ainda podia desfrutar do tempo que me restava.

Apressadamente, vesti um paletó de lã de merino, uma das muitas peças de vestuário que George me dera nos poucos meses desde que eu havia chegado ao Solar dos Abbot. Na realidade, ele costumava dizer que me considerava um filho, um sentimento que ao mesmo tempo me acalorava e me divertia. Se ele soubesse que na realidade era alguns anos mais novo do que eu... Ele levava a sério sua posição de figura paterna e, embora jamais pudesse substituir meu pai verdadeiro, eu apreciava o gesto.

Sem me incomodar em trancar a porta do chalé, subi a colina até a casa, assoviando uma música sem nome. Só dei-me conta de sua origem quando cheguei ao refrão: era “God Save the South”, uma das preferidas de Damon.

Com uma careta, cerrei os lábios e praticamente corri os passos restantes até a porta dos fundos do solar. Depois de vinte anos, qualquer recordação de Damon era afiada e abrupta como o som do trovão num dia de verão quente e seco. Eu ainda me lembrava dele — seus sinistros olhos azuis, o sorriso torto, o sotaque sulista salpicado de sarcasmo — com a nitidez de quem o vira dez minutos antes. Quem saberia dizer onde ele estava agora?

Podia até estar morto. A possibilidade disparou do nada para a minha mente. Inquieto, afugentei a ideia.

Ao chegar à casa, abri a porta. Os Abbott nunca a trancavam. Não havia necessidade. A casa seguinte ficava a 8 quilômetros pela estrada, e a cidade a outros 3 quilômetros mais adiante. Mesmo assim, a cidade só consistia em um bar, um escritório postal e uma estação ferroviária. Não havia lugar mais seguro em toda a Inglaterra.

— Stefan, meu rapaz! — chamou George ansiosamente, saindo da sala de estar para o saguão. Exultante e já um tanto embriagado de xerez antes do jantar, George estava ruborizado e parecia ainda mais rotundo que na semana anterior.

— Olá, senhor! — respondi com entusiasmo, olhando-o de cima. Ele tinha apenas pouco mais de 1,5 metro, mas parecia que o corpanzil era seu jeito de compensar a baixa estatura. De fato, às vezes eu até me preocupava com os cavalos quando George resolvia partir para uma cavalgada na mata.

Mas embora os outros criados zombassem dele de vez em quando por seu corpo pesado e sua queda pela bebida, eu via no senhor apenas amizade e boa vontade. Ele me acolhera quando eu não tinha nada e não só me dera um teto, como também esperanças de que eu mais uma vez encontrasse companheirismo dentre os humanos.

— Uma dose de xerez? — ofereceu George, arrancando-me de meus devaneios.

— É claro — respondi, cordial, acomodando-me em uma das confortáveis poltronas de veludo vermelho da sala de estar, um ambiente pequeno e aconchegante com tapetes orientais cobertos de pelo de cachorro. Gertrude Abbott tinha um fraco pelos cães da fazenda e os deixava entrar no solar sempre que chovia — o que acontecia quase todo dia. As paredes eram cobertas de retratos de parentes dos Abbott, identificáveis por suas covinhas. Tornava a todos, mesmo um retrato do severo tio-avô Martin que observava acima do bar no canto, quase amigáveis.

— Stefan! — gritou uma voz rouca enquanto os dois meninos Abbott entraram intempestivamente na sala. Primeiro veio Luke, traiçoeiro e moreno, com um topete que simplesmente não se comportava, não importava o quanto a mãe o puxasse para baixo. Em seguida veio Oliver, de 7 anos, cabelos cor de palha e joelhos magricelas.

Sorri quando Oliver lançou os braços ao redor das minhas pernas. Um pedaço de feno do celeiro pendia de seu cabelo e seu rosto sardento estava sujo de terra. Era muito provável que tivesse ficado na mata durante horas.

— Eu cacei um coelho! Era desse tamanho! — disse Oliver, afastando-se e abrindo bem os braços.

— Desse tamanho? — repeti, erguendo as sobrancelhas. — Tem certeza de que era um coelho? Não era um urso? — Os olhos claros de Oliver ficaram arregalados com a possibilidade e contive um sorriso.

— *Não era* um urso, Stefan! — intrometeu-se Luke. — Era um coelho e fui eu que atirei nele. A bala de Oliver só o assustou.

— Não foi, não! — disse Oliver com raiva.

— Papai, diga a Stefan! Diga a ele que fui eu que atirei!

— Ora essa, meninos! — George sorriu com ternura para os dois filhos. Também sorri, apesar da pontada de remorso que senti penetrar em meu âmago. Esta era uma cena familiar que eu sabia se desenrolar nas casas por todo o mundo: os filhos brigavam, rebelavam-se e tornavam-se adultos, depois o ciclo se repetia sem parar. Exceto por meu caso e o do meu irmão. Quando crianças, éramos idênticos a Oliver e Luke, turbulentos e sem medo de uma briga, sabendo que nossa lealdade feroz e imortal nos estimularia a ajudar um ao outro a se levantar instantes depois. Antes de Katherine se colocar entre nós, e tudo mudar.

— Tenho certeza de que Stefan não quer ouvir vocês brigando — acrescentou George, tomando outro gole do xerez.

— Não me importo — falei, mexendo no cabelo de Oliver. — Mas creio que preciso recrutá-lo para me ajudar com um problema. A Sra. Duckworth disse que há uma raposa na floresta que vem roubando as galinhas dos Evans, e sei que só o melhor caçador em toda a Inglaterra conseguirá derrubar a fera — inventei.

— É mesmo? — perguntou Oliver, arregalando os olhos.

— É mesmo — assenti. — A única pessoa que pode dar cabo dele é alguém pequeno, rápido e muito, mas muito inteligente. — Vi o interesse faiscar no rosto de Luke. Com quase 10 anos, ele provavelmente se sentia crescido demais para tomar parte, mas eu sabia que tinha vontade. Damon era parecido nessa idade: sofisticado demais para ser flagrado divertindo-se

com os jogos que todos brincávamos perto do riacho, contudo com medo de perder alguma diversão.

— E talvez possamos levar seu irmão — comentei em um sussurro teatral, piscando ao ver que o pai olhava. — Nós três seremos o melhor grupo de caça deste lado de Londres. A raposa não teria a menor chance.

— Parece uma ótima aventura! — disse George com eloquência enquanto sua mulher, Gertrude, entrava. O cabelo ruivo estava puxado para trás, destacando o bico de viúva na testa clara, e ela trazia no colo a filha de 4 anos, Emma. A garotinha tinha o cabelo louro e fino e olhos enormes, e costumava me parecer mais uma fada ou um espírito do que uma criança humana. Ela me abriu um largo sorriso e retribuí, sentindo a felicidade se irradiar de mim.

— Você vem, papai? — perguntou Oliver. — Quero que me veja caçar.

— Ah, sabe como sou. — George balançou a cabeça. — Eu só assustaria a raposa, que sumiria na mata. Ela me ouviria chegando a um quilômetro de distância.

— Stefan pode lhe ensinar a ficar em silêncio! — balbuciou Oliver.

— Stefan já está ensinando este velho a administrar a fazenda. — George riu com melancolia.

— Parece-me que estamos todos contando fábulas esta noite — falei, de bom humor. Embora o trabalho me exigisse muito, eu realmente desfrutava o tempo que passava na fazenda com George. Era muito diferente de como eu me sentia em Veritas, trabalhando sob as ordens de meu próprio pai. Na época, eu me ressentia de ser obrigado a ficar na fazenda, sem permissão de ir para a Universidade da Virgínia. Detestava sentir meu pai criticando-me e avaliando-me constantemente, questionando se eu era digno de assumir a propriedade. Com os Abbott, porém, sinto que sou valorizado pelo homem que sou.

Tomei um bom gole de xerez e me recostei na poltrona, livrando-me das últimas imagens inquietantes do pesadelo que tivera mais cedo. Katherine estava morta. Damon talvez também estivesse. Agora, minha realidade era *esta*.

Na manhã seguinte, George e eu estávamos em um opulento vagão de trem a caminho de Londres. Recostei-me na poltrona confortável, tentando fazer com que as ondas de náusea passassem. Eu sabia, por experiências do passado, que as cidades podiam ser barulhentas demais, excessivamente carregadas do cheiro de corpos sem asseio, demasiado tentadoras. Assim, preparando-me, bebi o sangue de um gambá e de uma lebre, e agora sentia enjoos. Mas era melhor o enjoo do que a fome, em especial porque eu queria ter a melhor aparência possível quando nos encontrássemos com o advogado de George. Sabia que era uma honra ele convidar-me a conhecer seu associado, um homem que cuidava das finanças da fazenda e nos aconselhava se houvesse algo que precisássemos fazer de forma diferente com relação aos empregados e às compras.

Entretanto, simplesmente não conseguia me livrar da imagem de Katherine em meu pesadelo. Assim, em vez de falar, assentia enquanto George perguntava-se em voz alta se devíamos ou não alugar nossos cavalos para a mina do outro lado de Ivinghoe. Era impossível sair das questões da vida e da morte para as minúcias da existência humana. Dali a vinte anos — dez, até — nada disso importaria.

A cortina de veludo de nossa cabine se abriu e um cabineiro meteu a cabeça para dentro.

— Chá ou jornal? — perguntou ele, estendendo uma bandeja de prata com uma pilha alta de bolinhos. O Sr. Abbott os olhou, faminto, enquanto o

cabineiro colocava o chá com bolinhos de passas nos pratos imaculados de porcelana e os passava a cada um de nós.

— Pode ficar com o meu — ofereci, entregando o prato ao Sr. Abbott. — Ficaremos com o jornal também.

— Muito bem, senhor. — O cabineiro concordou com a cabeça e me entregou um exemplar do *Daily Telegraph*.

De imediato, retirei as páginas que me agradavam, passando a George as matérias que ele adorava enquanto eu ficava com os cadernos de esporte e sociedade. Era uma estranha combinação, mas tinha sido meu hábito nos últimos vinte anos, o de ler as colunas sociais sempre que me via em uma cidade. Eu queria procurar por qualquer menção ao conde DeSangue, o nome que Damon usou em Nova York. Perguntei-me se ele teria desistido de sua afetação e pose grandiosa. Assim eu esperava. Da última vez que o vira, seu exibicionismo quase nos levava ao nosso fim. Era muito melhor para nós dois que ficássemos na sombra.

*Bram Stoker e Henry Irving estreiam nova peça no Lyceum
(...) Sir Charles Ainsley recebe em sua West End House (...) Há
boatos de que Samuel Mortimer concorre a vereador de
Londres (...) O arrojado conde DeSangue visto na cidade no
clube exclusivo Journeyman com a linda dama do palco
Charlotte Dumont.*

Senti o estômago se revirando ao reconhecer o nome. Era exatamente o que eu esperava. Ver as palavras era um sinal claro de que Damon ainda me perseguia; de que eu não podia atribuir meu sonho a uma imaginação exagerada ou ao excesso de xerez na noite anterior. Porque, embora Damon odiasse a mim mais do que a tudo, eu ainda era seu irmão. Fiquei a seu lado por toda minha vida. Quando crianças, eu podia sentir que ele teria uma briga com papai, mesmo antes que acontecesse. Naqueles momentos, a tensão crepitando no ar era visível como as nuvens antes de uma

tempestade. Eu também era capaz de dizer quando ele estava furioso, mesmo que sorrisse para todos os nossos amigos, e sempre sabia quando Damon estava assustado, embora ele nunca, jamais o admitisse. Mesmo quando vampiros, algo bem em meu âmago ainda tinha uma ligação com seu estado de espírito. E, quer meu irmão soubesse ou não, ele estava em apuros.

Passei os olhos pelo restante da coluna, mas só havia uma menção a Damon. O resto tratava de lordes, duques e condes, que deviam compor seu mais novo ambiente. Isto não me surpreendia. Londres, com suas festas intermináveis e ambiente cosmopolita, sempre me pareceu um lugar onde Damon poderia terminar. Humano ou demônio, ele sempre foi uma figura impressionante. E, quer gostasse ou não, era meu irmão. O mesmo sangue corria em nossas veias. Se me senti impelido a vir para a Inglaterra, não seria lógico que ele também se sentisse?

Voltei a olhar o jornal.

Quem era Charlotte Dumont? E onde ficava o Journeyman? Se eu tivesse tempo em Londres, depois da reunião com o advogado, talvez saísse sozinho para descobrir. Pelo menos isto daria um descanso à minha inquietude. Afinal, eu tinha certeza de que ele estava bebendo o sangue de Charlotte Dumont, mas se este fosse o máximo do comportamento de Damon, quem seria eu para dizer alguma coisa? E se ele estivesse fazendo algo *pior*, bem... Eu pensaria nisso quando chegasse a hora.

Na minha frente, George metia a faca na manteiga. O que ele tinha de excesso em riqueza e terras, faltava em maneiras à mesa. Mas em vez de me repugnar, seu comportamento grosseiro arrancou-me de meus pensamentos. Nossos olhos se encontraram e senti George avaliando minha camisa azul e as calças pretas manchadas de mato. Eram as melhores roupas que tinha, mas eu sabia que me davam a aparência de um trabalhador braçal.

— Creio que, quando estivermos na cidade, deva levá-lo a meu alfaiate. Mandar fazer alguns ternos — refletiu George.

— Obrigado, senhor — respondi em voz baixa. Estávamos cada vez mais próximos da cidade e o cenário mudava de grandes extensões de campo aberto para aglomerados de casas de teto baixo. — Na realidade eu gostaria de explorar a cidade sozinho depois da reunião. Veja bem, tenho alguns parentes em Londres. Se não houver problema para o senhor, gostaria de tirar alguns dias para vê-los. Cuidarei do conserto daquela cerca na ponta do pasto assim que eu voltar — menti. Nunca havia pedido uma folga. Se George mostrasse alguma hesitação, eu não iria. Mas, se ele me desse sua bênção, era quase como se o destino estivesse me obrigando a encontrar meu irmão.

— Ora, por que não disse nada antes, meu rapaz? — George sorriu, radiante. — Eu estava preocupado com você, inteiramente só no mundo. É sempre bom ter parentes, mesmo que você não conviva com eles. Porque, no fim das contas, vocês partilham um nome; partilham o sangue. É bom saber como estão passando.

— Creio que sim, senhor — respondi, nervoso. Entrávamos em terreno perigoso. Nunca lhe dei meu sobrenome verdadeiro. Em vez disso, ele me conhecia como Stefan Pine. Escolhi Pine não só por sua simplicidade, mas porque, intimamente, agradava-me a ideia de me comparar a um pinheiro: sempre imutável. Era uma concessão pessoal à minha verdadeira natureza. E assim, suponho, era também a escolha pessoal que Damon fizera de sua alcunha.

— Tire uma semana — disse George.

— Obrigado, mas não será necessário tanto. Só pretendo convidar meus parentes para um chá. Isto apenas se conseguir encontrá-los. Mas fico agradecido — falei, sem jeito.

— Vou lhe dizer uma coisa. — George curvou-se para mim, num tom de conspiração. — Eu o levarei a meu alfaiate, comprarei alguns ternos para você, e assim poderá impressionar seus parentes.

— Não, obr... — interrompi-me. — Sim, eu gostaria muito — disse com firmeza. Afinal, Damon sempre foi tão preocupado com as aparências que eu queria derrotá-lo em seu próprio campo. Queria que ele me visse como

um homem que conquistou uma vida suntuosa. Damon podia mentir e trapacear ao entrar em qualquer círculo social, mas exigia muito trabalho inspirar confiança nos humanos, o que eu fazia com facilidade. Talvez eu pudesse até servir de bom exemplo, um lembrete sutil a meu irmão de que ele não precisava ter uma vida sem significado algum.

— É o mínimo que posso fazer, filho — disse George, antes que voltássemos ao silêncio. O único barulho em nossa cabine era do movimento ritmado do trem e o estalar dos lábios de George. Repentinamente, senti-me oprimido em nossa cabine e desejei estar no celeiro à margem do solar, sozinho com meus pensamentos.

— Está calado hoje, não? Também estava assim na noite passada — disse George, rompendo o silêncio. Ele limpou a boca com um guardanapo e colocou o jornal no colo.

— Creio que sim. Tenho muita coisa na cabeça — comecei. Este podia muito bem ter sido o eufemismo do século. Naquela manhã, eu só conseguia pensar em Katherine. E agora, distraía-me a ideia de Damon estar tão perto.

George concordou com a cabeça, e seus olhos azuis aquosos traziam uma expressão compreensiva.

— Não precisa me contar. Sei que todos os homens têm segredos, mas, por favor, saiba que você tem em mim um amigo. — Embora ele só soubesse uma parte mínima de minha história, de que deixei meu pai e a América porque não quis me casar com a mulher que ele escolheu para mim, algo em sua fisionomia deu-me o desejo de me abrir um pouco mais do que já fizera.

— É claro que não quero me intrometer em suas questões pessoais — disse George, arrumando apressadamente o jornal no colo.

— Não, não está se intrometendo, em absoluto, senhor. Agradeço por seu interesse. A verdade é que ultimamente tenho me sentido inquieto — falei por fim, escolhendo com cuidado as palavras.

— Inquieto? — perguntou-me George, preocupado. — O trabalho não é de seu agrado? Sei que está um pouco abaixo de sua antiga posição na América, mas saiba que eu o observo e creio que tenha muito potencial.

Amadureça mais alguns anos, ganhe mais experiência e sei que irá longe. Talvez até compre seu próprio pedaço de terra — refletiu George.

Neguei meneando a cabeça rapidamente.

— Não é o trabalho — respondi. — Sou grato pela oportunidade e estou satisfeito por estar na fazenda. É que... Tive pesadelos com meu passado. Às vezes me pergunto... Se posso ou não verdadeiramente deixar essa parte de minha vida para trás. Às vezes penso na decepção de meu pai — expliquei, nervoso. Era o máximo de abertura que eu jamais dera a qualquer humano, com exceção de Callie. Entretanto, senti-me aliviado ao pronunciar aquelas frases, embora elas não explorassem nem de longe as profundezas abissais dos meus problemas.

— As dores do amadurecimento. — O Sr. Abbott assentiu sabiamente. — Lembro-me delas também, quando meu pai insistiu que eu acompanhasse seus passos, ansioso para ter alguém levando o nome adiante, seu legado. Foram ordens dele que eu me casasse com Gertrude e administrasse a fazenda. Assim fiz e não me arrependo. Mas arrependo-me de nunca ter tido o direito de escolher. O fato é que esta era a vida que eu teria escolhido. Mas penso que todos os homens precisam sentir que são senhores de suas decisões. — O Sr. Abbott sorriu com tristeza. — Por isso eu o admiro, Stefan. É fiel a seus princípios e se vira sozinho. Esta é uma época extraordinária. Não somos mais uma sociedade baseada em quem somos, mas no que fazemos. E tudo que vi você fazer foi exemplar. — Deu uma grande dentada no bolinho, espalhando farelos por toda a camisa.

— Obrigado. — Havia muito tempo que não me sentia bem assim. Mesmo que George não soubesse tudo a meu respeito, talvez houvesse uma verdade no que dizia; o que eu decidisse fazer era muito mais importante do que quem eu era ou fui. Se continuasse a viver como um membro produtivo da sociedade, meu poder continuaria a declinar até se tornar um zumbido quase inaudível no meu âmago. Enquanto isso, eu tinha muitas outras coisas com que me preocupar: a criação do gado, a propriedade, indústria, dinheiro. Um leve sorriso apareceu em meus lábios.

O trem deu um solavanco e o chá espirrou pelo paletó de George.

— Ah, maldição! — resmungou ele. — Pode segurar isto? — Passou-me as páginas do jornal enquanto tirava um lenço do bolso para limpar a mancha.

A tipologia e os pontos de exclamação impressos na página imediatamente chamaram minha atenção.

Assassinato!, gritava a manchete. Abaixo do texto, havia uma ilustração a bico de pena de uma mulher, seu corpete rasgado, o sangue escorrendo do pescoço, de olhos entreabertos. Embora fosse apenas um desenho, a imagem era horrenda. Curvei-me para ver mais atentamente, como que compelido.

— Não é terrível? — perguntou George, seu olhar no jornal. — Fico feliz por morar longe de Londres.

Assenti, mal dando atenção. Peguei o jornal, sujando as mãos com a tinta enquanto passava os olhos apressadamente pela reportagem.

Mulher da noite encontra criatura das trevas. O corpo de Mary Ann Nichols foi encontrado no calçamento da área de Whitechapel, em Londres. Sua garganta foi dilacerada e as entranhas, removidas. Pode ter relação com outras mortes na região. Mais detalhes, daqueles que conheciam a vítima.
Página 23.

Sem me importar com a curiosidade com que George me olhava, virei para a página, o jornal tremendo em minhas mãos. Sim, o assassinato fora medonho, mas era dolorosamente familiar. Voltei a olhar o desenho de Mary Ann na primeira página. Seu rosto inexpressivo estava virado para o céu, o horror inimaginável evidente nos olhos imóveis. Isto não era obra de um amante rejeitado ou um ladrão desesperado.

Era obra de um vampiro.

Não apenas isso, mas obra de um vampiro brutal e sedento de sangue. Em todos os meus anos, nunca vira nem ouvira falar de assassinato tão

pavoroso — a não ser por vinte anos antes, quando Lucius massacrou a família Sutherland. Damon também esteve lá.

Um arrepio de medo correu por minha espinha. Onde havia gente, havia vampiros. Mas a maioria mantinha-se discreta e, se bebesse sangue humano, agia no maior silêncio possível: em cortiços, de bêbados pela rua, simplesmente influenciando amigos e vizinhos para que os alimentassem regularmente sem que ninguém sentisse nada. Mas havia também os Originais. Diziam os boatos que descendiam diretamente do inferno, que jamais tiveram alma e assim não restavam lembranças do que era viver, ter esperanças, chorar, ser humano. Só havia uma sede incansável de sangue e o desejo de destruição.

E se Klaus estava aqui agora... Estremeci ao pensar nisso, mas, com igual rapidez, liberei-me da ideia. Era fruto de minha imaginação exagerada. Eu sempre supunha o pior, que meu segredo estava a segundos de ser revelado. Sempre isso. Deduzia sempre que estava condenado. Não. Mais provavelmente, fora obra de um Damon embriagado de sangue que precisava aprender uma lição que devia ter lhe sido ensinada muito tempo antes.

Afinal, Damon não tinha apenas sede de sangue; tinha sede de fama. Adorava as colunas sociais. Será que esta sede iria ao ponto de ele querer repentinamente aparecer também nas páginas policiais?

— Não deixe que esta reportagem o faça ter medo de Londres — disse George, rindo um tanto alto demais. — Tudo isto acontece nos bairros pobres. Não chegaremos perto deles.

— Não me amedronta — falei, com firmeza, o queixo rígido. Coloquei o jornal a meu lado. — Na realidade, creio que aceitarei sua oferta e tirarei a semana inteira de folga.

— Como quiser. — George recostou-se na poltrona, a história do assassinato agora longe de sua mente. Voltei a olhar a imagem. A ilustração era sangrenta e medonha, deixando evidente que o desenhista havia se esforçado para tornar realistas as entranhas derramando-se do corpo da garota. O rosto também fora mutilado, mas eu me fixava no pescoço,

perguntando-me se dois buracos pequenos, do tamanho de pregos, não estariam escondidos por baixo de todo o sangue.

O trem apitou e vi a vastidão de Londres pela janela. Entrávamos na cidade. Queria que o trem fizesse a volta e me levasse ao Solar dos Abbott. Queria fugir, voltar a São Francisco ou ir para a Austrália, algum lugar onde gente inocente não tivesse o pescoço dilacerado por demônios. À nossa volta, cabineiros apressavam-se para pegar baús e malas dos passageiros no alto. E, à minha frente, George colocava o chapéu, olhando rapidamente o jornal.

— Imagine só, a pobre menina... — George hesitou.

O problema era que eu podia imaginar muito bem.

Podia imaginar Damon, sedutor, permitindo que sua mão roçasse o corpete da mulher. Imaginava-o curvando-se para um beijo enquanto Mary Ann fechava os olhos, preparada para o toque dos lábios dele. E então imaginei o ataque, um grito, o desespero dela, tentando se proteger desesperadamente. E por fim via Damon, embriagado de sangue e saciado, sorrindo ao luar.

— Stefan?

— Sim? — respondi, bruscamente, já tenso.

George olhou-me com curiosidade. O cabineiro mantinha aberta a porta de nossa cabine.

— Estou pronto — falei, firmando-me nos braços da poltrona para me levantar.

— Você está tremendo! — disse George, com uma gargalhada. — Mas eu lhe garanto, Londres não é tão assustadora quanto as florestas de Ivinghoe. Na realidade, eu não me surpreenderia se você acabasse por amá-la. Luzes brilhantes, muitas festas... Ora, se eu fosse mais jovem, sem responsabilidades, não conseguiria deixar este lugar.

— Muito bem. — Suas palavras me deram uma ideia. Até que eu descobrisse quem, ou o quê, estava à solta na cidade, era em Londres que eu ficaria.

Não importava o que viesse, fosse assassino, demônio ou Damon, eu estava preparado.

Algumas horas depois, meus pés doíam e minha mente girava sem parar. Meu senso de dever manteve-me com George pela manhã, entre compromissos e medições no alfaiate. Agora eu vestia calças de linho e uma camisa branca da Savile Row, e tinha várias outras sacolas nos braços. Apesar da generosidade de George, eu estava desesperado para escapar dele. Enquanto experimentava as várias roupas, só conseguia pensar na garota e em seu corpete rasgado e ensopado de sangue.

— Posso lhe dar uma carona até seus parentes? Você não me disse onde eles moravam — disse George enquanto ia para a esquina da rua, balançando a cabeça para chamar uma carruagem de passagem.

— Não, muito obrigado — interrompi-o enquanto o coche parava rente ao meio-fio. As últimas horas com George foram uma tortura, infestadas de pensamentos que deixariam seu cabelo branco e eriçado. Eu culpava Damon por envenenar o que devia ter sido apenas um dia de diversões agradáveis.

Virei o rosto para não ver a expressão perplexa de George. A algumas quadras de distância, aparecia a catedral de St. Paul. Era uma estrutura que eu me lembrava de desenhar quando era criança e sonhava ser arquiteto. Sempre a imaginei branca e cintilante, mas na realidade era construída de calcário cinza e sujo. Toda a cidade parecia suja; uma fina camada de fuligem revestia meu corpo e o sol era encoberto por nuvens cinzentas.

Neste momento, o céu se abriu e espessas gotas de chuva caíram na calçada, como se me lembrassem de que esta era minha oportunidade de

obedecer a meus instintos e fugir de George.

— Senhor? — O cocheiro rente ao meio-fio insistiu com impaciência.

— Seguirei sozinho a partir daqui — respondi, sentindo a hesitação de George ao me deixar. O cocheiro veio acompanhá-lo à reluzente carruagem preta.

— Aproveite bem — disse George, subindo a escada do coche. O cocheiro bateu o chicote no cavalo e a carruagem partiu pelas ruas calçadas de pedra e ensopadas pela chuva.

Olhei à minha volta. Nos poucos minutos em que George e eu travamos uma conversa, as ruas ficaram quase desertas. Estremeci em minha camisa fina. O clima combinava perfeitamente com meu estado de espírito.

Levantei a mão e parei uma carruagem para mim.

— Whitechapel — falei, com confiança, surpreso quando as palavras saíram de meus lábios. Pensei em ir ao Journeyman encontrar Damon. E, um dia, eu faria isso. Por ora, queria ver com os próprios olhos onde ocorrera o assassinato.

— Perfeitamente — respondeu o cocheiro. E imediatamente fui levado pelo labirinto de ruas claustrofóbicas de Londres.

Depois de muito ir e vir com o cocheiro, ele me deixou na esquina onde a Tower Bridge era construída. Olhando ao redor, vi a torre de Londres. Era menor do que eu pensava e as bandeiras em seus torreões não tremulavam com o bater constante da chuva. Mas eu não estava ali como turista. Afastei-me do rio e peguei a Clothier Street, uma das muitas vielas sinuosas, sujas e úmidas que trançavam a cidade.

Rapidamente percebi que esta parte da cidade era muito diferente das que eu vira com George. Legumes apodrecidos amontoavam-se no calçamento escorregadio pela chuva. Construções finas e oblíquas eram acavaladas, quase uma por cima da outra. O cheiro de ferro estava em toda parte, embora eu não soubesse se a concentração de sangue era do assassinato ou simplesmente da massa de pessoas forçadas a viver em tal

proximidade. Pombos saltitavam pelos becos, mas, à exceção deles, a área estava deserta. Senti um arrepio de medo subir por minha coluna enquanto contornava apressado o parque e ia a uma taberna.

Entrei na quase completa escuridão. Só algumas velas ardiam nas mesas frágeis. Um pequeno grupo de homens sentava-se junto do balcão. No canto, do outro lado, várias mulheres bebiam. Seus trajes de cores vivas e chapéus festivos não combinavam com o ambiente sombrio e lhes conferiam a aparência de aves enjauladas no zoológico. Ninguém parecia estar falando. Ajeitei, nervoso, o anel de lápis-lazúli no dedo, olhando o arco-íris de luz refratada que a pedra criava no piso de carvalho arenoso.

Aproximei-me do balcão e sentei-me em uma das banquetas. O ar estava pesado e úmido. Abri o primeiro botão da camisa e afrouxei a gravata para contrabalançar a atmosfera sufocante. Torci o nariz, enojado. Não era o tipo de estabelecimento que eu imaginava Damon frequentando.

— Você é um dos rapazes do jornal?

Ergui os olhos ao barman diante de mim. Um dos dentes da frente era de ouro, o outro não existia e seu cabelo era espigado em tufo grisalho e rebeldes. Fiz que não com a cabeça. *Só tenho sede de sangue.* A frase apareceu em minha mente. Era uma piada infame que Damon teria soltado. Seu jogo preferido era ficar a um triz de ser revelado, para saber se alguém notava. É claro que não percebiam. Estavam ocupados demais sendo deslumbrados por ele.

— Amigo? — perguntou o barman com curiosidade, batendo um trapo sujo no balcão e olhando para mim. — Você é um dos rapazes do jornal? — repetiu.

— Não. E creio que talvez esteja no lugar errado. O Journeyman fica perto daqui? — perguntei, já sabendo a resposta.

— Há! Está de brincadeira comigo? O Journeyman é um clube fino e exclusivo. Só admite riqueza. Não é para nosso bico e você também não entraria lá, nem mesmo com essa camisa fina. A única opção é afogar suas mágoas numa cerveja! — Ele riu, exibindo um dos molares de ouro no fundo da boca.

— Então, o clube Journeyman não fica perto? — perguntei.

— Não, amigo. Perto da Strand, perto daqueles espetáculos todos. Aonde a gente elegante vai quando quer cair na esbórnia. Mas, quando querem cair na depravação, elas vêm aqui! — O barman riu mais uma vez enquanto eu virava a cara, irritado. Não ia encontrar Damon neste lugar. A não ser...

— Cerveja, por favor. Preta — falei, inspirado de repente. Talvez conseguisse fazer o barman falar e descobrir pistas de quem, ou o que, fora o responsável pela morte de Mary Ann. Porque, se tivesse sido Damon, direta ou indiretamente, eu finalmente lhe daria a lição que ele devia ter aprendido muito tempo antes. Não o mataria, nem lhe cravaria uma estaca. Mas se chegasse a esse ponto e eu o tivesse derrubado, à minha mercê, será que o machucaria?

Sim. Tive certeza imediata de minha resposta.

— O quê? — perguntou o barman e percebi que falara em voz alta.

— É só que eu gostaria daquela cerveja — respondi, forçando uma expressão simpática.

— Muito bem, amigo — disse o barman, cordialmente, enquanto se arrastava a uma das muitas torneiras enfileiradas atrás do balcão. — Aqui está. — Empurrou-me um copo de cerveja espumante.

— Obrigado. — Virei o copo como se bebesse, mas apenas deixei que o líquido tocasse meus lábios. Precisava manter minha lucidez.

— Então você não é do jornal, mas também não é daqui, não é? — perguntou o barman, apoiando os cotovelos no balcão e fitando-me com curiosidade com seus olhos cinza injetados.

Como eu falava com tão poucas pessoas, com exceção dos Abbott, esqueci-me de que meu sotaque da Virgínia me entregava de imediato.

— Da América — disse brevemente.

— E veio para cá? Para Whitechapel? — perguntou o barman, incrédulo. — Sabia que temos um assassino à solta?

— Creio que eu tenha lido algo sobre isso no jornal — respondi, tentando aparentar despreocupação. — Quem eles pensam que é?

Diante disso, o barman riu, batendo o punho gordo no balcão e quase virando minha bebida.

— Ouviram essa? — exclamou ele ao grupo variado de homens do outro lado do balcão, todos imersos em suas bebidas. — Ele quer saber quem é o assassino!

Os outros homens riram também.

— Perdão? — perguntei, confuso.

— Só estou brincando — disse o barman com jovialidade. — Não é um batedor de carteiras. Este é um matador temível. Se algum de nós soubesse quem é, não acha que teria ido diretamente à Scotland Yard ou à polícia de Londres e denunciado? É ruim para os negócios! Esse monstro deixa todas as nossas meninas meio apavoradas! — Ele baixou a voz e olhou o grupo de mulheres no canto. — E, cá entre nós, não creio que alguém esteja a salvo. Ele agora ataca as mulheres, mas quem pode dizer se depois não atacará a nós? Ele pega a faca, faz assim, você está morto — disse ele, passando o indicador pelo pescoço para dar ênfase.

Não precisa ter uma faca, eu queria dizer. Mantive o olhar fixo no barman.

— Mas ele não começa pelo pescoço. Ora, ele colocou as entranhas da garota para fora. Gosta de torturar. Está procurando sangue — completou ele.

À menção da palavra, minha língua automaticamente foi aos dentes. Ainda estavam curtos e regulares. Humanos.

— Eles não têm nenhuma pista? O assassinato foi terrível. — Fiz uma careta.

— Bem... — O barman baixou a voz e ergueu a sobrancelha para mim. — Em primeiro lugar, você promete que não é de nenhum daqueles jornais? Nem do *Guardian*, nem daqueles outros?

Assenti.

— Ótimo. A propósito, meu nome é Alfred — disse o barman, estendendo a mão para mim. Apertei, sem me apresentar. Ele, sem perceber, continuou: — Sei que a vida que temos aqui não parece arrumadinha e

direita como aquela a que você deve estar acostumado do outro lado do mar — disse ele, fitando minha roupa nova da Savile Row, que me tornava exageradamente elegante para o estabelecimento. — Mas gostamos de nosso estilo de vida. E de nossas mulheres — acrescentou, agitando as sobancelhas grisalhas.

— As mulheres... — comecei. Lembrei-me do artigo que dizia que a vítima era uma mulher da noite. Justo o tipo de mulher que Damon desfrutou a certa época. Estremeci de repulsa.

— Sim, as mulheres — disse Alfred severamente. — Não são do tipo que você encontrará na igreja, entende o que quero dizer?

— Mas o tipo de mulher que você reza para encontrar na cama! — Um homem avermelhado dois lugares adiante deu uma gargalhada, erguendo o copo de uísque num falso brinde.

— Chega dessa conversa! Somos um estabelecimento de respeito! — disse o barman, com uma faísca maliciosa nos olhos. Virou-se para mim e encheu dois copos com vários centímetros de um líquido âmbar. Virou-se e colocou um deles cerimoniosamente diante de mim.

— Para você. Coragem líquida. Precisa dela por essas bandas, com o assassino andando pelas ruas — falou Alfred, batendo o copo no meu. — Mas o melhor conselho que posso dar é que fique aqui até o nascer do sol. Talvez encontre uma bela dama. Melhor do que encontrar o Estripador.

— “O Estripador”?

Alfred sorriu.

— É como o estão chamando. Porque ele não se limita a matar, ele retalha. Estou lhe dizendo, fique aqui, para sua própria proteção.

— Obrigado — falei, inquieto. Não tinha certeza se queria ficar. O cheiro de ferro não diminuía no tempo em que fiquei no bar e eu tinha uma certeza cada vez maior de que emanava das paredes e do chão. O homem no canto ainda me encarava e me vi retribuindo o olhar, tentando ter algum vislumbre de presas ou queixo pontilhado de sangue. Ouvi as mulheres cochichando atrás de mim e me perguntei o que estariam discutindo.

— Será que Mary Ann... A vítima mais recente... Chegou a beber aqui? — perguntei, esperançoso. Se não conseguisse encontrar Damon, o melhor a fazer seria descobrir o que pudesse sobre sua vítima.

— Que descanse em paz — disse o barman com reverência. — Era uma boa menina. Vinha de vez em quando, quando tinha trocado suficiente para o gim. Isto não é uma instituição de caridade e todas as garotas sabiam que precisavam pagar a taxa certa para ficar aqui. Era um sistema que dava certo. O pessoal deixava as meninas em paz quando elas estavam nas ruas, a não ser que concordassem um preço. E elas respeitavam as regras do bar. Agora tudo se acabou. Se eu um dia descobrir o sujeito que fez isso, vou rasgar sua garganta — disse Alfred com selvageria, esmurrando o balcão.

— Mas ela saiu com alguém, ou havia um homem que você tenha visto com ela? — pressionei.

— Com o passar dos anos, eu a vi com muitos homens. Mas nenhum deles me chamou atenção. A maioria era de sujeitos que trabalham nas docas. Tipos brutos, mas nenhum faria isso. Estes homens não procuram problemas, só uma boa cerveja e uma boa garota. Além disso, ela saiu sozinha naquela noite. Às vezes, quando há meninas demais aqui, elas vão para as ruas. A concorrência é menor — explicou, notando minha expressão confusa. — Mas, antes de sair, ela teve uma boa noite aqui. Bebeu algum gim, riu um pouco. Usava um chapéu novo de que tinha orgulho. Achava que atrairia os homens para ela. Do tipo bom, sabe, não aqueles que só fingem ter dinheiro. Eu queria que ela tivesse ficado, Deus a guarde — disse Alfred, erguendo os olhos para o teto como um devoto.

— E o corpo... — perguntei.

— Ora, o corpo foi encontrado no Dutfield Park. É para onde as damas às vezes vão, quando não podem pagar por um quarto. Eu não digo nada, não é da minha conta que lugar frequentam fora do estabelecimento. Mas foi lá que ele a pegou e cortou sua garganta.

Assenti, minha mente disparando de volta a uma das muitas praças tomadas de mato que pontilhavam a região. O mato, o lixo e a tinta

descascada das cercas de ferro que contornavam os parques tornam a área mais lúgubre do que simples praças urbanas.

— E se você *for* um daqueles rapazes do jornal, eu não disse nada. — completou Alfred. — Qual é mesmo o seu nome, rapaz?

— Stefan — respondi, tomando um bom gole do uísque, que pouco fez para acalmar o pavor em meu estômago. Um assassino desalmado estava à solta e não pararia por nada.

— Bem, Stefan, bem-vindo a Whitechapel — disse o barman, erguendo o segundo copo. — E lembre-se, é melhor ter o uísque descendo pela garganta do que o assassino em cima dela.

Sorri contrafeito ao erguer o copo a meu novo amigo.

— Saúde! — bradou um dos bêbados do outro lado do balcão. Sorri para ele, esperando fervorosamente que os muitos uísques bebidos no bar não os levassem todos à ruína.

Melhor o diabo que lhe é conhecido do que o desconhecido. A frase flutuou por minha mente. Era um ditado que Lexi invocava com frequência e o qual descobri que, com o tempo, se tornava cada vez mais verdadeiro. Porque, por mais horrendo e desalmado que fosse o crime, se havia sido obra de Damon, pelo menos eu não teria nenhum outro vampiro com que me preocupar. Porém, quanto mais tempo eu passava no bar, mais um pensamento importunava meu cérebro: e se não fora Damon, mas outro vampiro?

Na outra ponta do balcão, Alfred entrou numa conversa com alguns clientes. A chuva batia nas janelas e fui lembrado da toca da raposa num canto distante da fazenda dos Abbott. Famílias inteiras de animais reuniam-se por ali, esperando pelo momento que julgavam seguro para entrar na floresta. Aquelas de pouca sorte seriam atingidas pela bala de um caçador.

Olhei à minha volta mais uma vez. Uma mulher de vestido lilás deixou a mão deslizar pelo ombro de um homem. A verdadeira pergunta era: quem eram as raposas e quem eram os caçadores? Só poderia esperar que eu fosse um caçador.

Quanto mais eu me demorava no bar, mais lotado ficava. Entretanto, não havia sinal de Damon. Disse a mim mesmo que eu estava ali para tentar descobrir mais pistas. Mas a verdade era que eu não sabia o que fazer. Esperar plantado na frente do clube? Andar de um lado para o outro pelas ruas de Londres até encontrá-lo por acaso? Ficar sentado sozinho no Dutfield Park até que acontecesse outro ataque? Fiquei realmente tentado pela última ideia. Mas era ridículo. Primeiro, por que o assassino atacaria duas vezes no mesmo lugar? Além disso, o que eu faria se o visse? Gritaria? Chamaria a polícia? Encontraria uma estaca e torceria pelo melhor? Nenhuma das opções me parecia a ideal. E se o assassino *não fosse* Damon... Bem, então eu talvez tivesse de lidar com um demônio do inferno. Eu era forte, mas não tanto. Precisava de um plano.

Observei os fregueses entrarem. Cada um deles parecia mais decadente do que o anterior, mas todos eram humanos, o que me tranquilizava. Alguns homens, aqueles com unhas rachadas e camisas sujas, evidentemente saíam de seu trabalho na construção civil, enquanto outros, fedendo a colônia e espiando furtivamente as mulheres às mesas do canto, claramente estavam ali para consorciar-se com as damas da noite. E de fato não pude deixar de notar que, sempre que uma mulher de trajes espalhafatosos entrava na taberna, o grupo a avaliava como apostadores na pista de corridas julgando os cavalos.

Essas mulheres formavam um forte contraste com a garçonete que parecia encarregada de todo o salão. Não devia ter mais de 16 ou 17 anos e era magricela como uma gralha, mas sempre que eu a via seus braços estavam carregados de pratos e copos de cerveja. A certa altura, eu a observei correr para a cozinha, mas, antes que chegasse lá, parou para retirar os pratos de uma mesa próxima. Só o que havia em um prato eram alguns pedaços de carne, umas batatas e um pãozinho pela metade. Ela olhou severamente para o prato, pegou com cautela a carne e colocou no bolso à surdina. Em seguida, meteu o pão na boca, as bochechas inchando como as de um esquilo, disparando em seguida para a cozinha.

Fechei os olhos. Desistira havia muito tempo de rezar e duvidava que algum deus ouvisse minhas preces, mas desejei, independente do que acontecesse, que aquela menina indefesa de 17 anos ficasse longe, bem longe do Dutfield Park. Ou, a propósito, de qualquer vampiro sedento de sangue.

— Procurando diversão, amor? — Uma mulher de cabelo louro e cacheado e dentes tortos empoleirou-se na banquetta de madeira de frente para mim. Seu colo branco transbordava pelo corpete.

— Não. Desculpe — respondi, rispidamente, gesticulando para que ela saísse. Uma lembrança de Nova Orleans me tomou. Foi em minhas primeiras semanas como vampiro, quando eu era cabeça dura e estava sedento de sangue, e arrastei Damon para uma casa de má fama. Ali, banquetei-me de uma jovem, certo de que ninguém notaria nem se importaria que ela desaparecesse. Agora não conseguia nem mesmo me lembrar de seu nome e me perguntei se um dia me dei ao trabalho de sabê-lo. Eram detalhes assim que me faziam afundar nas profundezas da infelicidade e aqui, nesta taberna úmida, não conseguia escapar dessas lembranças momentâneas. Todos eram lembretes de que, não importava o que eu fizesse, nem quem eu ajudasse, eu nunca teria boas ações suficientes para lavar de minhas mãos todo o sangue que derramei — e assim seria, pela eternidade. Só podia tentar. E eu faria qualquer coisa para garantir que essas mulheres não morressem nas mãos de um demônio.

Voltei a baixar os olhos para o jornal, agora amassado e sujo por minhas mãos. Quase podia recitar cada palavra da reportagem e nada nela fazia sentido. Por que o assassino a deixara daquele jeito? Era quase como se ele quisesse que ela fosse encontrada. Mas, se assim fosse, o assassino precisava ter um cuidado extremo para encobrir seus próprios rastros.

— O que gostaria de comer, amor? — perguntou uma voz cantarolada. Levantei a cabeça e vi a garçonne magricela de olhos grandes. Trajava um vestido cor-de-rosa esfarrapado e sujo coberto por um avental branco e imundo. Tinha olhos azuis grandes e longo cabelo castanho-avermelhado caindo em uma única trança pelas costas. Várias sardas pontilhavam o rosto anguloso e a pele era lisa e clara como marfim. Ficava mordendo os lábios, nervosa, um hábito que me lembrou um pouco de Rosalyn, minha noiva na Virgínia. Mas nem mesmo sua extrema cautela a impedira de ser morta por um vampiro. Meu coração doeu por esta garota.

— O que você recomendar — respondi, baixando o jornal. — Por favor — acrescentei. Meu estômago roncava, mas o que eu mais queria não estava em cardápio nenhum.

— Ora, muita gente pede o peixe... — disse ela, hesitando. Mesmo de onde eu estava sentado, ouvia seu coração bater, acelerado e leve como de uma andorinha.

— Parece ótimo. — Procurei não pensar nas moedas que minguavam em meu bolso.

— Sim, senhor — disse a menina, virando-se e dando meia-volta rapidamente.

— Espere! — chamei.

— Sim? — A preocupação era evidente em seus olhos. Parecia-se muito com Oliver quando tinha medo de a Sra. Duckworth lhe passar uma reprimenda. Havia algo no jeito estudado como ela falava, seus movimentos excessivamente cautelosos e aqueles olhos grandes e investigativos, que me fazia sentir que ela vira ou ouvira algo relacionado ao assassinato. Era mais do que apenas um ar de constrangimento adolescente.

Ela parecia assombrada.

— Sim? — perguntou, novamente, estreitando os olhos. — Não precisa pedir o peixe, se não quiser. Também temos torta de carne e rim...

— Não, o peixe está ótimo — falei. — Mas... posso lhe fazer uma pergunta?

Ela olhou o bar. Ao ver Alfred envolvido numa conversa com um freguês, aproximou-se alguns passos na ponta dos pés.

— Claro.

— Conhece o conde DeSangue? — perguntei com firmeza.

— Conde DeSangue? — repetiu ela. — Não recebemos condes aqui, não.

— Ah. — Fiquei decepcionado. É claro que não recebiam. Ela ainda olhava de mim para Alfred.

— Você conhecia... a garota que foi assassinada? — perguntei. Parecia que eu estava num evento social da igreja em Mystic Falls, perguntando que primo de Clementine conhecia que primo de Amelia.

— Mary Ann? Não. — A menina cerrou rigidamente a boca e se afastou de mim um passo. — Eu não sou assim.

— Violet? — Alfred a chamou do balcão.

— Sim, senhor! — Violet deu um grito. — Ele não precisa gritar — disse ela a meia-voz. Retirou um bloco de papel do bolso e escreveu apressadamente, como se anotasse o pedido. Depois, colocou a folha de papel na mesa e saiu às pressas.

*Você é da polícia? Minha irmã desapareceu. Cora Burns.
Por favor, ajude. Creio que ela possa ter sido morta.*

Estremeci ao ler as palavras.

Instantes depois, a menina ressurgiu da cozinha com um prato fumegante nas mãos.

— Aqui está sua comida, senhor — disse ela, fazendo uma medida enquanto colocava o prato na mesa. Um pedaço cinzento de peixe estava coberto por um creme denso e gelatinoso.

— Não sou da polícia — falei, olhando-a nos olhos.

— Ah. Bem, pensei que talvez fosse. O senhor estava fazendo muitas perguntas, entende? — comentou a garota, com o alto das maçãs do rosto ficando avermelhado. — Peço desculpas, eu não devia tê-lo incomodado. — Afastou-se alguns passos de mim, desconfiada, e notei que provavelmente pensava que eu era como os outros grosseirões que frequentavam o bar, que de início ofereciam gentileza e interesse a fim de ganhar acesso à garota.

— Espere! — chamei. — Talvez eu possa ajudá-la. Mas... podemos conversar?

— Não sei. — Seus olhos disparavam nervosos pela taberna.

— Sente-se — pedi.

Nervosa, ela se empoleirou na banquetta. Empurrei o prato para ela.

— Aceita? — perguntei, olhando fixamente em seus olhos. Eu podia ouvir seu coração batendo mais acelerado contra a caixa torácica. Ela devia estar faminta. — Pegue — acrescentei, incentivando-a, empurrando o prato para mais perto dela.

— Não preciso de caridade. — Ela foi incisiva, com certo orgulho na voz. Ainda assim, notei que seus olhos insistiam em disparar de meu jantar para mim.

— Por favor, aceite. Você parece faminta e gostaria que aceitasse.

Ela olhou o prato, desconfiada.

— Por quê?

— Porque não estou mais com fome. E parece que você está tendo um dia difícil — acrescentei com gentileza. — Meu nome é Stefan. E o seu...?

— V-v-violet — disse ela, por fim. Ela pegou um garfo e comeu uma porção de peixe, depois outra. Vendo-me olhar, pegou o guardanapo e limpou timidamente a boca. — Você é um bom homem, Stefan.

— Eu procuro ser. — Dei de ombros enquanto lhe abria um leve sorriso. Ela era mais tranquila do que fora Callie, mas tinha muito mais coragem do que Rosalyn. Intimamente, animei-me quando falou mal de Alfred em voz baixa. A garota era valente e eu simplesmente sabia que *isso*, mais do que qualquer outra coisa, a salvaria. — E então, sobre Cora...

— Shhhhhh! — Violet me interrompeu.

Virei-me e vi Alfred contornando intempestivamente o balcão na direção de nossa mesa. Antes que eu pudesse reagir, ele agarrou o cabelo comprido de Violet e o puxou, fazendo-a gritar.

— O que está fazendo, menina? — rosnou ele, seu rosto não mostrava a jocosidade de antes, atrás do balcão. — Pedindo comida como um vira-lata?

— Não, senhor, solte-a. Eu a convidei para jantar comigo! — disse, levantando-me rapidamente. Cerrei as mãos em punhos e olhei fixamente nos olhos de conta de Alfred.

— Ela não serve para jantar com meus fregueses. O lugar dela é na rua — gritou Alfred, alteando a voz e ignorando meus protestos. — Você é pior do que aquelas mulheres ali. — Ele apontou o queixo para o trio feminino que ainda parecia avaliar a multidão. — Pelo menos elas têm algo a oferecer — disse ele, avermelhado.

— Por favor, senhor! — Todo o corpo de Violet tremia. Alfred afrouxou a mão em seu cabelo, mas sua boca ainda formava uma linha rígida. — Eu farei qualquer coisa. Por favor, não tire meu emprego.

— Que emprego? Sua irmã não apareceu e mandou você. Você é pequena demais para levantar qualquer coisa e não tem beleza suficiente para criar uma clientela. Assim, eu lhe dei uma tarefa. Pegar os pedidos e levar ao cozinheiro. E você não consegue fazer nem mesmo isto! — gritou Alfred.

— Por favor! — Voltei a me intrometer, desesperado, colocando a mão no braço dele. Com o gesto, eu pretendia apenas impedi-lo de agarrar Violet novamente, mas, no momento, esqueci-me de minha força. Seu braço voou para trás, afastando-o de Violet.

Vi-o cambalear de costas na mesa. O prato de peixe caiu, virou no chão com estrondo. Violet olhou apavorada e notei que o barulho normal tinha se silenciado como numa igreja. Todos olhavam para nós.

Alfred olhou-me de cara feia, esfregando o braço, como se debatesse se começaria ou não uma briga.

— Ora — disse ele, dando um pigarro.

— Peço desculpas, mas ela não estava fazendo nada de errado. Eu pedi a ela que se juntasse a mim. Ofereci-lhe minha refeição — falei numa voz baixa e tranquila. Estava furioso, mas precisava controlar meu temperamento. — Você me entendeu? — perguntei.

— Sim — disse Alfred, desviando os olhos. Voltou-se para Violet. — Isto é verdade, garota? — perguntou ele rudemente.

— Sim — respondeu Violet, numa voz submissa. — E eu disse não, mas o senhor disse que o freguês tem sempre razão e pensei que eu deveria fazer o que ele mandava, então...

Alfred levantou a mão para interrompê-la e se virou para mim.

— Veja bem, não sei o que você está tentando fazer, mas Violet não está em oferta — disse Alfred rigidamente, ainda esfregando o braço. — Se deseja um encontro com uma dama, existem algumas que eu teria prazer em lhe apresentar. Sei que você não é daqui, mas este é meu bar e as regras são minhas. Estamos entendidos? Agora, você — disse ele, virando-se para Violet. — Fora! — Ele apontou a porta.

— Amor, posso aquecer você esta noite, se é que você me entende! — gritou um dos fregueses do bar enquanto estendia a mão para beliscar seu traseiro. Outro homem fez o mesmo, apalpando-a. Mas ela continuou de cabeça erguida, mesmo com as lágrimas escorrendo pelo rosto, e seguiu para a porta da frente.

— É o melhor a ser feito — disse Alfred, rispidamente, cruzando os braços enquanto a porta se fechava com um baque. — Você não manda neste bar. Eu mando. E ela estava incomodando você.

— Ela *não estava* me incomodando! — Joguei furiosamente alguns xelins na mesa e avancei, ameaçador, para ele. Um lampejo de medo apareceu no rosto de Alfred. Pensei em descarregar minhas frustrações nele, mas de nada adiantaria. Violet partira. E cada segundo dela lá fora implicava que corria perigo.

Saí de rompante do bar sem pensar duas vezes e entrei na escuridão. Só algumas estrelas espiavam a noite através do manto cinza e esfarrapado de Londres. Peguei meu relógio de bolso, um presente de Winfield Sutherland,

em Nova York. Depois de todos esses anos, ainda funcionava. Era quase meia-noite. A hora das bruxas.

Uma lasca de lua estava alta no céu e uma camada de neblina, tão intensa que eu sentia a condensação do orvalho na pele, navegava pelos prédios dilapidados no meu entorno. Tombei a cabeça de lado, como um cão de caça. Ouvi risos emanando da taberna, porém, por mais que eu tentasse, não conseguia ouvir o galope *ba-da-bump, ba-da-bump* do coração de Violet.

Eu a tinha perdido.

Olhei em volta, tentando me orientar. Embora a taberna fervilhasse, o resto da área parecia desolado. Lembrou-me um pouco das cidades que vi quando peguei um trem de Nova Orleans para Nova York — lugares tão dizimados pela guerra que não restava ninguém.

Vaguei pelo labirinto de ruas, sem saber aonde ia. Queria encontrar Violet. Tinha algum dinheiro de meus salários e estava certo de que podia combinar o preço de uma hospedaria para ela. Mas como a encontraria em uma cidade desconhecida, com ruas e vielas que pareciam chegar aos milhões? Era impossível.

Depois de alguns instantes, cheguei ao parque. Ou melhor, cheguei a um trecho de vegetação que a certa altura pode ter sido um parque. Agora, a grama estava amarelada, as árvores, fragilizadas, a tinta descascava dos bancos de ferro batido e nenhum lampião a gás estava aceso. Estremeci. Se este era o Dutfield Park, era o local ideal para um assassinato.

Virei a cabeça. Ouvi batimentos cardíacos — de coelhos, esquilos, até uma raposa — mas então o percebi: *ba-da-bump, ba-da-bump*.

— Violet! — chamei, minha voz falhando. Pulei com facilidade a cerca descascada e corri para as árvores no meio do parque. — Violet! — chamei mais uma vez, o *ba-da-bump* se aproximando.

E então um grito penetrou o ar, seguido por um silêncio ensurdecedor.

— Violet! — gritei, minhas presas inchando. Atirei-me pelas árvores como se meus pés corressem no ar e não em cascalho, esperando ver Damon regalando-se no pescoço da garota. Damon virando-se para mim com o sangue pingando pelo queixo. Damon arqueando a sobrancelha e me

cumprimentando com a única palavra que quase fazia meu cérebro explodir de fúria...

— Socorro! — gritou uma voz de mulher.

— Violet! — Disparei pelas árvores, a um lado, depois outro, procurando loucamente ouvir o *ba-da-bump, ba-da-bump* de seu coração. E então a vi, trêmula, perto de um poste às escuras. Seu rosto era branco como o avental, mas estava viva. Não havia sangue.

— Violet? — perguntei, reduzindo o passo ao caminhar. Meus pés esmagavam a grama seca. A trilha na mata, evidentemente em tempos melhores, tinha sido projetada para uma caminhada numa tarde de domingo. Uma pequena construção de tijolos, mais provavelmente o chalé de um zelador abandonado havia muito tempo, destacava-se na crista de uma elevação suave. Violet olhava para lá, a boca formando um O de pavor.

Acompanhei seu olhar, a lasca da lua proporcionando luz suficiente para que eu distinguísse algo escrito em vermelho na lateral da construção, cada letra oxidada destacando-se no tijolo opaco como que iluminada de trás pela luz de uma vela:

SALVATORE — TEREI MINHA VINGANÇA

Fitei as palavras, sentindo que o ar fora arrancado de mim. Era um desafio, real como se eu tivesse levado o golpe invisível. Alguém estava atrás de nós. E esse alguém não era Damon. Pior ainda, e se *Damon* fosse quem precisava de ajuda? Não me surpreenderia ver meu irmão no centro de uma mortal desavença entre vampiros. Afinal, foi o que acontecera em Nova York.

Pisquei. Só tinha visto uma mensagem horripilante como aquela uma vez em minha vida infinita — na casa dos Sutherland, em Nova York, quando Lucius, assecla de Klaus, satisfez o desejo do Original de se vingar de mim e do meu irmão. Vinte anos antes, escapamos dele por pouco. Teria ele voltado para outra vingança?

Se Klaus estava de volta, eu precisava alertar Damon. Repentinamente tudo — meus sonhos apavorantes, minha inquietação — fazia sentido. Damon estava em apuros. E, gostasse disso ou não, eu ouvi o recado e vim correndo. Independente de qualquer coisa, minha ligação com o assassinato não era mais apenas um pressentimento — agora eu fazia parte disto. Não havia como voltar atrás.

— Socorro! Alguém! — gritava Violet. Começava a entrar em pânico, de olhos arregalados.

Corri até ela e cobri sua boca com a mão para impedir que voltasse a gritar. Podia ter começado procurando por Damon, mas agora era eu o caçado. Juntos, éramos apenas duas raposas, correndo desesperadamente pela cidade, sem saber se o caçador encarregado de nosso destino estava à nossa frente ou atrás de nós. Ou apenas esperando, pronto para atacar quando menos esperássemos.

Neste momento, vendo o recado em sangue, o tempo parou. Ou melhor, o tempo voou para trás em vinte anos e atravessou o mar, até eu estar na sala de jantar formal da mansão dos Sutherland no Central Park, cercado pela carnificina, diante de uma mensagem igualmente extravagante e violenta.

Na época, Damon estava ao meu lado. Foi nesse momento que percebi que nós dois éramos verdadeiramente apenas novatos, meninos tentando passar por monstros. Quando vimos o recado escrito com o sangue dos Sutherland, finalmente aprendemos que existia um mal além de nossa imaginação.

E só piorou. Quando Lucius, o assecla de Klaus, encontrou e capturou Damon e a mim, sepultou-nos em um mausoléu como se enterrados vivos, sem se abalar com nossos gritos. Klaus e sua espécie eram Originais, criaturas infernais sem a mais remota lembrança da bondade humana e, como tal, não havia fim para sua crueldade. E agora um deles estava atrás de mim.

Mas, por um momento, senti algo mais no meu âmago. Era uma sensação fugaz, tão sutil e inédita que mal a percebi. Até entender o que era. Esperança.

*Desta vez, eu não estava despreparado. Era mais velho,
mais sensato, mais forte. Eu podia impedi-los.
E eu faria questão disso.*

— Violet! — falei, incisivamente, minha mão ainda firme em sua boca. Ela me encarava, desorientada, como se não me visse.

— Sou Stefan. Do bar. Pode confiar em mim. Você *precisa* confiar em mim — pedi, com urgência. A margem do parque ficava a apenas cem metros dali. Levaria somente alguns segundos para sair usando a velocidade de vampiro. Não me sentia seguro ali. Não me sentia muito mais seguro nas ruas claustrofóbicas de Londres tampouco, mas pelo menos lá, com pedestres por perto, era menos provável que o assassino atacasse. — Precisamos ir embora.

Ela respirou fundo, mas ainda resistia contra mim.

— Violet, escute-me. — Invoquei meu Poder. Ouvi o estalo de um graveto na mata e tive um sobressalto. Não tínhamos tempo. Klaus podia estar em qualquer lugar. — Violet, confie em mim. Você ficará em silêncio e vai me ouvir. Entendeu?

Senti meus pensamentos alcançarem sua mente e percebi o momento em que seu cérebro pareceu ceder. Assenti para tentar apressar o processo.

E então vi um lampejo em seus olhos. Eu não tinha certeza se minha influência funcionara ou se era exaustão, mas precisava acreditar. Tirei a mão de sua boca e ela piscou para mim, estupefata.

— Você ficará a salvo comigo. Temos de sair do parque. Eu vou carregar você — expliquei enquanto pegava Violet e a colocava nos ombros. Disparei das árvores para as ruas. Cada vez mais rápido, corri pelo calçamento de pedra irregular, sempre seguindo o rio Tâmis, cuja superfície vítrea refletia a lua e as estrelas. Corri por vielas e ruas afastadas até chegarmos a uma parte da cidade repleta de lampiões a gás e pedestres. Mesmo a essa hora da noite eles andavam pelas ruas como se estivesse em plena luz do dia. Permiti-me parar, metendo-me embaixo de um toldo. Apesar do calor que

ainda persistia na noite de final de verão, as mulheres tinham peles cobrindo os ombros nus, enquanto os homens usavam cartolas e ternos de três peças. Dezenas de letreiros iluminavam os dois lados da rua.

Deixei que Violet deslizesse de meus ombros e paramos ali, de frente um para o outro, enquanto uma multidão de pedestres passava de ambos os lados.

De imediato, Violet voltou a entrar em pânico e eu soube que ela queria gritar, e apenas minha influência a continha.

— Shhhh! — Tentei acalmá-la. — Shhhh! — repeti, acariciando seus ombros. Alguns transeuntes se viraram para olhar.

— Preste atenção — sussurrei, na esperança de que ela entendesse a dica de minha voz mais baixa. — Você está em segurança. Sou seu amigo.

Ela ainda fungava. Seus olhos estavam avermelhados e o cabelo, embaraçado em grossas mechas em torno do rosto sardento.

— Você está em segurança — repeti, sem me desviar dos olhos dela. Ela concordou lentamente com a cabeça.

— Precisa confiar em mim. Pode fazer isso, Violet? Lembre-se, sou um homem bom. Você mesma disse. — Tirei de meu bolso o lenço branco, recém-comprado no alfaiate. Parecia fazer uma vida inteira.

Entreguei o lenço e Violet chorou ruidosamente. Os que haviam parado para nos olhar continuaram andando, evidentemente satisfeitos de que nenhuma inconveniência estivesse de fato acontecendo entre nós.

Soltei-a, sem querer influenciá-la por um segundo a mais do que o necessário. Ela parecia tão inocente que me senti culpado por fazer isso, embora eu soubesse que era para o próprio bem da menina.

— St-St-Stefan... — gaguejou ela, ofegante. — O sangue... e as palavras... foi o assassino? — Sua voz foi interrompida por outro gemido. Ela estava de novo à beira da histeria.

— Shhhh — sussurrei, tentando fazer com que minha voz parecesse o silvo tranquilizador das ondas que ouvi no barco para a Grã-Bretanha. — Shhhhh.

Violet puxou bruscamente o ar.

— E se ele estiver com minha irmã? Ela está desaparecida desde ontem e não tenho notícias. E pensei...

— Ele não está — afirmei, com firmeza, desejando saber que fosse a verdade.

— Não posso voltar para a taberna — disse Violet numa voz fraca.

— Não há necessidade. — Segurei gentilmente seu pulso e a puxei para o lado da rua. Na luz fraca de um lampião a gás, ela parecia pálida e abatida, e senti um impulso de solidariedade. Neste momento, eu era tudo que Violet tinha. Voltei então a atenção para os assuntos mais urgentes. — Vamos encontrar um lugar para você dormir.

— Mas não tenho dinheiro — disse ela, preocupada, as mãos vasculhando os bolsos do avental.

— Não se preocupe. Você está comigo — falei, olhando as luzes que cortavam a neblina, procurando por um hotel ou taberna onde pudéssemos nos orientar. Uma placa mais além na rua chamou minha atenção: CUMBERLAND HOTEL.

— Vamos para lá — sugeri, levando Violet para o outro lado da rua. Juntos, subimos a escada de mármore atapetada de vermelho e passamos pelas portas douradas, abertas por um mordomo num terno de três peças.

Com Lexi, passei algum tempo em um dos hotéis mais requintados da América, mas rapidamente percebi que este estabelecimento era de um nível inteiramente diferente. Flores frescas foram colocadas em grandes vasos de cristal em cada superfície polida e reluzente, e os lustres eram dourados e pesados. O homem da recepção olhou desconfiado para mim e Violet.

— Posso ajudá-lo, senhor? — perguntou, sem esconder sua repulsa pela aparência desgrehada da menina.

Pelo canto do olho, vi subir as escadas uma mulher de vestido de chiffon prateado com cauda, seguida por dois criados. No bar do canto, dois homens de smoking bebiam uísque em copos de cristal. Senti os ombros relaxarem. Por enquanto, estávamos a salvo.

— Senhor? — insistiu o concierge.

— Sim. — Pigarreei. Precisava me recompor para influenciá-lo. Uma coisa era influenciar alguém que estava meio morto de fome e histérico; outra muito diferente era influenciar um homem de plena posse de suas faculdades mentais.

— Sim, você pode me ajudar. — Aproximei-me com confiança do balcão de tampo de mármore enquanto uma Violet apavorada vinha atrás de mim. A iluminação naquele saguão antiquado era baixa, com dezenas de lustres que davam ao salão um brilho alaranjado e formavam sombras grandes e disformes nas paredes. Sempre que uma das sombras se mexia, eu olhava para trás.

— O que posso fazer pelo senhor? — perguntou enfaticamente o concierge.

Endireitei os ombros e encarei seus olhos cinzentos. Concentrei-me nas pupilas, permitindo que meu olhar se focalizasse até que eu não visse nada além do negror.

— Precisamos de um quarto.

— Lamento. Não temos mais quartos disponíveis esta noite — disse o homem.

— Sei que é repentino, mas deve haver um quarto reservado para a realza, quando vem de visita. Minha esposa e eu precisamos desse quarto.

— Mas Stefan! — guinchou Violet atrás de mim. Sem interromper o contato visual, coloquei delicadamente meu pé no dela, alertando-a. Aprendi com Lexi o truque de pedir um quarto reservado para hóspedes VIP. Sempre funcionava.

— O *melhor* quarto — acrescentei para dar ênfase.

— O melhor quarto — disse ele, lentamente, folheando alguns papéis. — Naturalmente. A suíte Rainha Vitória. Ela ficava neste quarto, sabe.

— Ótimo. Ora, então imagino que gostaremos dele tanto quanto a rainha. — Fingi um leve sotaque britânico.

— Assim espero, senhor... Hummm...

— Pine — completei, usando o primeiro nome que me veio à cabeça. *Rápido*, pensei de leve. Eu sabia que perdia o Poder rapidamente. Afinal, já

fazia quase um dia desde que me alimentara direito. — Precisarei do quarto por pelo menos uma semana — acrescentei, torcendo para que eu já estivesse longe antes que a semana terminasse.

O concierge assentiu e eu sorri. Ainda conseguia influenciar. Ainda tinha meu Poder. E eu tinha vinte anos de sabedoria na manga. Na época não estava preparado para combater Klaus, mas agora seria diferente.

— O carregador lhes mostrará seu quarto — disse o homem. — E o senhor e sua esposa têm alguma bagagem?

Fiz que não com a cabeça. De imediato, um mordomo alto e carrancudo contornou a mesa e estendeu o braço para Violet.

— E, senhor? — acrescentei, baixando a voz para que ninguém, nem mesmo Violet, pudesse ouvir. — Coloque na minha conta.

— Naturalmente, senhor — concordou o concierge, deslizando uma pesada chave de ferro pelo balcão. — Tenham uma boa estada.

Sorri, tenso, e segui o carregador e Violet pela escada sinuosa, passando pelos andares até pararmos diante de uma porta branca. Era a única porta em todo o pavimento.

— Acompanhem-me — disse o carregador, pegando a chave em minha mão e a colocando na fechadura. Abriu a porta com grandiloquência e depois, colocando um castiçal de prata em uma mesa de cerejeira, rapidamente acendeu os vários lampiões no quarto.

— Oh! — Violet tremeu e levou as mãos à boca.

— Obrigado. — Assenti para o carregador, retirando um xelim de meu bolso puído. Ele o recebeu na palma da mão e me olhou com curiosidade. Eu não o havia influenciado e sabia que ele estava curioso, considerando o fato de vestirmos praticamente trapos e não termos bagagem.

A porta se fechou com um rangido e eu a tranquei.

— Stefan? — perguntou Violet, hesitante, olhando o quarto com assombro. Andou num círculo, tocando as pesadas cortinas de veludo, a mesa de carvalho, as paredes com papel florido, como se não acreditasse que nada daquilo fosse real.

— Agora estamos bem. É tarde, vamos descansar um pouco. — Gesticulei para a enorme cama no meio do quarto principal. — Ficarei no cômodo ao lado. Podemos conversar pela manhã.

— Boa noite, Stefan. E obrigada. — Ela me abriu um sorriso leve e cansado e foi para a cama. Fechei a porta com um estalo e me acomodei em um sofá no aposento adjacente, decorado como uma sala de estar. E assim fiquei. Minha mente girava e nem mesmo conseguia começar a analisar em quais perguntas eu tinha de me concentrar. O que faria com Violet? O que podia fazer a respeito de Klaus? Ou Lucius? Parte de mim queria simplesmente se levantar e voltar a Ivinghoe, onde minha única preocupação era uma vaca que dera um coice na cerca do pasto. Mas outra parte de mim sabia que eu estava preso a Londres. Agora fazia parte disto. Até eu resolver o mistério do assassinato, outros seriam mortos.

Pensamentos apavorantes não paravam de perturbar minha mente enquanto a noite se transformava em dia. Abaixo de mim, as ruas bem-iluminadas pareciam ordeiras e limpas: o máximo da civilização moderna. Até a superfície escorregadia pela chuva, de algum modo, parecia imponente. Mas eu sabia que era tudo uma ilusão. Os vampiros atacam em qualquer lugar e só porque este havia escolhido a parte ruim da cidade, não significava que não viria aqui.

Enfim o sol nasceu, queimando parte das nuvens densas. A porta se abriu um pouco, proporcionando a necessária interrupção do círculo interminável de meus pensamentos.

— Olá? — chamei, hesitante. Ainda estava tenso e qualquer ruído provocava um formigamento em minhas gengivas. Era um lembrete sutil de que estava preparado para lutar a qualquer momento.

— Stefan? — disse Violet com timidez, entrando na sala. Seu cabelo ruivo estava puxado em um coque no alto e o avental parecia mais brilhante do que na noite anterior, fazendo-me deduzir que ela o lavara no banheiro opulento. Seus olhos cintilavam e o cabelo, agora eu percebia sob a luz, tinha um brilho dourado.

— Violet — respondi, levantando-me, com pouco equilíbrio. Ignorei as pontadas de fome em meu estômago.

— Você dormiu? — perguntou Violet, acomodando-se no sofá e colocando as pernas embaixo do corpo. Atravessei a sala e me empoleirei na cadeira de madeira de frente para ela.

Neguei com a cabeça.

— Tinha muito em que pensar — expliquei, cerrando e descerrando o queixo. Cada parte de meu corpo doía, embora eu não soubesse se do terror da noite anterior ou de nossa fuga por Londres.

— Eu também — confessou Violet, suspirando com tristeza enquanto aninhava a cabeça nas mãos. — Minha irmã... Estou tão preocupada com ela.

— O que aconteceu com sua irmã? — Horas antes, eu tinha esperanças de que Damon não fosse o responsável por essas mortes e desaparecimentos. Agora, torcia sem convicção para que fosse. Damon era conhecido por influenciar mulheres para sua própria diversão. Se ele fizera isso com Cora, bem, significaria que ela ainda estava viva. Mas se Klaus ou Lucius a tivessem encontrado... Estremeci.

— É justamente isso. Eu simplesmente não sei. Ela saiu para trabalhar no Ten Bells duas noites atrás e não voltou para casa. E então aconteceu o assassinato... e todo mundo dizia... — Os lábios de Violet se torceram numa careta, mas ela continuou: — Diziam que talvez ela não tenha voltado para casa porque saiu com outro. Que ela foi para casa com um homem, como algumas das mulheres da taberna. — Seu rosto ficou ruborizado. — Mas Cora não é assim. E eu não sou assim. Tentei dizer a Alfred e ao policial que Cora não teria saído com alguém, que ela estava desaparecida. Mas eles não fizeram nada — completou Violet com tristeza, entrelaçando os dedos e olhando fixamente o chão.

— Por que não? — perguntei. Enfureceu-me que ninguém levasse a sério as preocupações da garota. Afinal, ela era apenas uma jovem inocente, preocupada com a irmã.

Violet balançou a cabeça negativamente.

— A polícia disse que só podem fazer alguma coisa quando encontrarem um corpo. Disseram que ela era uma adulta e pode ir aonde bem entender. Estou tão preocupada. — Suspirou.

— Mas se Cora estivesse morta — argumentei, tentando tranquilizá-la com a conclusão a qual tinha chegado durante a noite —, certamente seu corpo teria sido encontrado.

— Não *diga isso!* — Violet reagiu rispidamente. — Desculpe-me — acrescentou de pronto. — Detesto ouvir isso. Mas, sim, tem razão. Se ela tivesse sido assassinada, eles teriam encontrado... alguma coisa. — Ela estremeceu. Concordei com a cabeça e em silêncio. — Mas não soube de nada. Ninguém soube. É essa a questão. Cora não teria ido embora sem me contar. Não é algo que ela faria.

— As pessoas mudam — falei, inutilmente, sem saber o que dizer para reconfortar Violet.

— Mas Cora é minha *irmã* — insistiu a jovem. — Viemos para cá, juntas, seis meses atrás. Nunca deixamos uma à outra. Somos tudo que temos no mundo. Somos do mesmo sangue.

— De onde vocês vieram? — perguntei, tentando não me encolher com a palavra *sangue*.

— Irlanda — respondeu Violet com um olhar distante. — Sou de uma cidadezinha perto de Donegal. Só tem uma igreja e um bar e nós duas sabíamos que não podíamos ficar ali. Nossos pais sabiam também. Nosso pai usou tudo que tinha para nos mandar para cá. Pensou que nos casaríamos, teríamos famílias, nunca precisaríamos nos preocupar com a fome... — Violet soltou um riso curto e áspero que não combinava com sua personalidade meiga e inocente. Eu me retraí. Apesar da aparência juvenil, evidentemente sua vida fora difícil.

— E a vida não saiu como planejado — completei, lentamente. Eu podia me identificar muito bem com esta parte.

Violet concordou, desolada.

— Pensávamos que nos tornaríamos atrizes ou cantoras. Bem, eu pensava. Cora se divertia com a ideia. Mas eu pensava que conseguiria um

papel no coro de um espetáculo — disse ela pensativamente. — E tentamos, mas só riam de nós nos testes. Depois, pensávamos que podíamos nos tornar vendedoras de loja. Mas assim que alguém via nossas roupas e ouvia nosso sotaque, nos expulsava. Andamos sem parar pela cidade, falando com qualquer um que tivesse sotaque irlandês. Enfim conhecemos uma garota, Mary Francis, prima de um rapaz de nossa cidade. Trabalhava na taberna e nos disse que daria uma palavra com Alfred. Fomos até lá e Alfred gostou de imediato de Cora. Mas disse que eu era nova demais. Assim, fui posta para trabalhar nos fundos, como copeira.

Devo ter feito uma careta, porque a sombra de um sorriso passou pelo rosto de Violet.

— Senti-me pior por Cora. Ela era obrigada a flertar com Alfred. Sei que foi por isso que ele me deu o emprego e nos deixou alugar um quarto. Íamos para a cama no fim de uma longa noite e contávamos histórias sobre nosso dia. Ela sempre dizia que trabalhar na taberna me seria útil um dia. Era possível examinar os personagens e ver como interagiam. Ela acreditava que, se ganhássemos bastante dinheiro, poderíamos tentar ser atrizes mais uma vez. Cora jamais desistiu.

— E você? — perguntei com gentileza.

— Bem, a certa altura, você percebe que os sonhos são apenas isso... sonhos. Às vezes creio que eu deveria aceitar a realidade. Sabia que isso é o mais perto que cheguei de um teatro desde que vim para cá? — comentou ela, avistando pela janela o letreiro próximo. — E Cora... — Ela balançou a cabeça. — Onde ela está? — exclamou Violet, enterrando a cara nas mãos pequeninas. — As coisas estão tão desesperadoras que nem mesmo consigo raciocinar. Ainda alimento esperanças de que Cora tenha encontrado uma vida melhor. Não no céu. Quero dizer aqui. Uma vida melhor aqui. E talvez ela não tenha me contado porque não queria que eu ficasse magoada ou com inveja, sabe? É só nisso que consigo pensar. — Violet ainda escondia o rosto nas mãos.

— Sei que Cora está bem. — É claro que eu não sabia de nada, mas assim que disse isso, vi os ombros de Violet relaxarem. Senti-me triste por esta

menina, sem um único amigo no mundo. Quis poder ajudá-la. E, subitamente, tive uma ideia.

— Ouça o que podemos fazer. Posso conseguir seu emprego de volta e também garantir que Alfred não a incomode. Não posso prometer que o emprego será o ideal, mas posso garantir que será melhor do que antes — falei, sabendo que precisava encontrar um lugar para me alimentar antes de conseguir influenciar Alfred efetivamente.

— Obrigada — disse Violet. Um leve sorriso brincou em seus lábios. — Em meu país, no dia de São Estêvão, homenageamos o santo que protege os pobres. E creio que este ano o dia tenha chegado cedo para mim. Obrigada, São Stefan.

Virei o rosto, pouco à vontade com sua veneração. Se ela soubesse de minha verdadeira natureza, estaria rezando para que seu santo a protegesse de mim.

— Não agradeça a mim. Fique aqui e descanse. Sairei para falar com Alfred e descobrir o que puder sobre Cora.

— Devo ir com você — disse Violet, decidida e levantando-se.

Balancei negativamente a cabeça.

— Não seria seguro.

— Mas se não é seguro, e quanto a você? — perguntou Violet, com uma voz aguda. — Eu não me perdoaria se lhe acontecesse alguma coisa enquanto você está aí fora por minha causa.

— Nada me acontecerá. — Desejei que fosse a verdade. — Não tenho medo de lutar. Mas não será necessário. Vai ficar tudo bem.

— É estranho, mas acredito em tudo que você diz — disse Violet, sonhadoramente. — Mas nem mesmo o conheço. Quem é você?

— Sou Stefan Sa... sou Stefan — respondi. Contive-me para não dizer meu sobrenome, com medo de assustá-la, em vista do recado da noite passada. — Sou da América. E sei o que é ficar sozinho. Deixei minha família. É difícil.

Violet assentiu.

— Sente falta deles?

— Às vezes. Eu me preocupo com eles. — Isso era verdade.

— Bem, então suponho que somos espíritos irmãos — disse Violet. — Você me salvou. Não sei o que eu teria feito no parque, ali, sozinha.

— Você... viu alguém? — Era a pergunta que eu não fizera na noite anterior. Mas agora, à luz do dia, eu precisava saber.

Ela fez que não com a cabeça.

— Creio que não. Estava muito escuro e eu mal conseguia enxergar o que havia à frente. Mas senti o vento aumentar, depois vi as árvores se mexendo. Quando olhei, vi aquele recado medonho. E entendi que foi escrito com sangue. Senti alguma coisa. Senti... — Ela estremeceu.

— O que você sentiu? — perguntei com gentileza.

Violet suspirou, a aflição evidente em seu rosto.

— Senti que eu estava cercada pelo mal. Havia algo ali. Pensei que seria atacada, então você apareceu e...

— Trouxe você para cá — completei rapidamente. Eu sabia muito bem como Violet se sentia. Era um sentimento que eu tinha em Nova York, quando estava certo de que Klaus estava por perto. Tateei o bolso. — E agora, seu São Stefan tem mais uma coisa para você. Pegue isto. — Coloquei um pingente em sua mão. Era um frasco de verbena em uma corrente de ouro.

— O que é? — perguntou ela, balançando o pingente. Ele refletia a luz bruxuleante da vela na mesa.

— Um amuleto da sorte. — A verbena era venenosa para mim e eu ainda podia sentir seus efeitos através da barreira do vidro do frasco. Mas eu a carregava para todo lado. Até agora, nunca havia precisado usá-la. E tinha esperanças de que Violet também não precisaria.

— De sorte, eu preciso — disse Violet, colocando o pingente no pescoço. Assim que ela o fez, não podia mais ser influenciada, nem mesmo por mim. Agora estávamos oficialmente ligados apenas pela confiança.

— Eu também — comentei.

E então, ela se colocou na ponta dos pés e permitiu que os lábios encostassem meu rosto.

— Para dar sorte — sussurrou em meu ouvido.

Sorri para Violet. O próprio inferno podia estar caçando nessas ruas, mas pelo menos eu tinha uma amiga. E, como aprendi em minha longa vida, isso não era pouca coisa.

À luz do dia, as ruas sinuosas de Londres não eram tão intimidadoras como em minha correria louca na noite anterior. Carruagens enchiam as ruas, vendedores apregoavam de tudo nas esquinas, de flores a jornais e tabaco, e uma cacofonia de idiomas impossibilitava distinguir qualquer conversa isoladamente. Voltei-me para o leste, seguindo o fluxo do Tâmesa, o rio que se tornara minha estrela polar para me orientar em Londres. A água escura e turva era sinistra, como se tivesse segredos profundamente enterrados sob a superfície. Queria poder pegar Violet e tirá-la desta cidade. Podia mantê-la a salvo por ora, mas por quanto tempo isso seria possível? Só conseguia pensar na expressão de pavor da jovem, sua voz fraca, a força que ela tivera para deixar a família na Irlanda a fim de seguir seu sonho. Violet tinha um viés de coragem que faltava a Rosalyn, mas sua inocência juvenil me deixava nostálgico pela época em que eu tinha sua idade. Era minha culpa que ela perdesse seu quarto com refeições e, portanto, eu queria protegê-la como pudesse.

As pessoas são nossa ruína. Interagir com elas é o que acaba conosco. Seu coração é mole demais. Era algo que Lexi me dissera muitas vezes ao longo dos anos. Sempre assenti, mas às vezes questionava por quê. Por que, embora fosse bem fácil evitar os humanos quando eu estava na companhia de Lexi, eu parecia procurar por instinto a companhia deles quando estava sozinho? E por que isto era tão errado? Só porque eu era um monstro, não significava que não valorizava mais o companheirismo.

Assim, quando meu coração endurecerá?, perguntara, impaciente.

Ela tinha rido. *Espero que não endureça. É a parte de você que o mantém humano. Creio que seja sua bênção e sua maldição.*

Enquanto eu ia a pé para Whitechapel, parei no meio do St. James Park. Minha sede aumentava. Eu sabia que teria de estar no auge de minhas forças, se voltasse à taberna. Ao contrário do pesadelo que foi o Dutfield Park na noite anterior, este campo era aberto e exuberante, cheio de lagos, árvores e pedestres desfrutando de piqueniques improvisados. Era amplo; mas, à primeira vista, ainda parecia menor do que o Central Park em Nova York, onde eu passara várias semanas, faminto, procurando por comida.

Nuvens mais uma vez rolavam pelo céu, banhando toda a cidade na escuridão. Era apenas meio-dia, mas não havia sinal do sol. O ar era úmido e pesado de chuva, apesar da ausência das gotas. Nunca era assim em Ivinghoe. O clima lá parecia mais honesto, de algum modo. Quando dava a impressão de que ia chover, chovia. Aqui, nada era o que aparentava.

Farejei o ar. Embora não pudesse vê-los, sabia que os animais estavam por todo lado, escondidos sob os arbustos ou correndo por túneis abaixo da grama. Fui a um denso agrupamento de árvores, na esperança de capturar uma ave ou um esquilo sem que alguém percebesse.

Uma perturbação nos arbustos me fez enrijecer. Sem pensar, usei meus reflexos de vampiro para alcançá-lo, prendendo um esquilo gordo e cinza nas mãos. Dependendo apenas do instinto, cravei os dentes no pescoço da minúscula criatura e suguei seu sangue, contendo a ânsia de vômito. Os esquilos da cidade tinham um sabor diferente daqueles do campo e este tinha um sangue aguado e amargo. Ainda assim, teria de servir.

Joguei a carcaça nos arbustos e limpei a boca. De repente, ouvi um farfalhar do outro lado da floresta. Girei o corpo, de certo modo esperando ver Klaus, pronto para uma luta. Nada.

Suspirei, com meu estômago finalmente se aquietando, saciado.

E, então preparado, saí em direção à taberna Ten Bells, pronto para influenciar Alfred a devolver o emprego a Violet. Como esperado, o ar tinha

um cheiro bolorento e penetrante, com o odor de cerveja misturado ao de corpos humanos sujos.

— Alfred? — chamei, meus olhos mais uma vez se adaptando à quase escuridão noturna do bar. Eu não estava ansioso para falar com o homem. Ele era abominável e, embora minha influência garantisse que Violet fosse tratada com gentileza, eu detestava a ideia de que ela voltasse para cá. Mas sabia que era o melhor para a jovem. Porque, quanto mais Violet se envolvesse comigo, mais perigo corria. E isso era algo que eu sabia com a clareza do recado escrito em sangue na parede.

— Alfred? — chamei mais uma vez, justo quando ele saía da cozinha, limpando as mãos nas calças. Suas faces estavam vermelhas e os olhos, injetados.

— Stefan. O sujeito de Violet. Agora decidiu que está farto dela? Não damos reembolso — disse ele categoricamente, apoiando os braços carnudos no balcão.

— Ela é uma amiga — retruquei. Aproximei-me dele, tratando de olhá-lo bem nos olhos, mantendo os dedos e as palmas flexionadas para não atacá-lo. Eu o odiava. — E há algo que preciso discutir.

— O que é? — perguntou ele, desconfiado.

— Aceite Violet de volta — exigi tranquilamente. — Ela é esforçada no trabalho e precisa do emprego e do quarto.

Alfred assentiu, mas não abriu a boca para falar.

— Exatamente como a irmã. Sai com o primeiro homem que a olha com gentileza. Umas tolas, se quer minha opinião. Mary Ann, esta, sim, estava no lugar errado, na hora errada, mas Violet...

— Você fará isto? — insisti. Queria seguir sua linha de conversa, mas não podia parar no meio da influência. Nas últimas 24 horas, havia influenciado mais do que nos últimos vinte anos e não tinha tanta confiança em meu Poder como no passado. — E quando a aceitar, não tocará nela. Você a protegerá. Vai apenas aceitar Violet de volta.

— Aceitar Violet de volta — repetiu ele lentamente, como quem está em transe.

— Sim — concordei, aliviado com a confirmação.

Neste momento, o sino da taberna tilintou e um homem corpulento entrou de rompante, claramente ainda embriagado da noite anterior. Alfred olhou o tumulto, rompendo o feitiço e estragando minha oportunidade de fazer perguntas: com que homem Cora saiu? E o que mais Alfred sabia?

— Você verá Violet amanhã à noite — falei a Alfred, que se retirava, como se estivéssemos apenas numa conversa leve. Puxei uma banquetta para o balcão, esperando para quando ele estivesse livre. A porta se abriu novamente e uma mulher saracoteou para dentro, num vestido índigo que claramente ostentava a enorme brancura de seu colo. Reconheci como a mulher que me procurara na noite anterior. Desta vez, eu estava feliz em falar com ela. Tinha um grande sinal de beleza acima dos lábios pintados de vermelho e seu cabelo caía em cachos louros e brilhantes por baixo de um chapéu enfeitado com uma pluma preta. Era baixa e atarracada, mas portava-se com a confiança de uma mulher muito mais bonita.

De pronto, seus olhos escuros se fixaram nos meus.

— Ora, olá — disse ela, caminhando desequilibradamente até mim. — Meu nome é Eliza. — Ela estendeu a mão para que eu beijassem.

Retraí-me. Embora tivesse acabado de me alimentar, o sangue fino do esquilo não fora suficiente para satisfazer minha sede mais profunda, e sua carne exposta era quase insuportável. Sentia o cheiro de seu sangue e quase podia imaginar o sabor suculento e doce cobrindo minha língua. Apertei os lábios e olhei as rachaduras empoeiradas entre as tábuas do piso.

— Tentei falar com você ontem à noite — continuou ela, deixando que a mão adejassem pelo meu ombro como quem espana um fiapo imaginário. — Mas você só tinha olhos para aquela menina. Julguei-a de muita sorte, falando com um lindo jovem como você. Espero que a tenha desfrutado. — Ela me olhou enviesado.

— Eu não *desfrutei*. — Afastei-me, detestando sua insinuação. — Violet é apenas uma amiga — disse, com frieza.

— Bem, precisa de alguém que seja mais do que uma amiga? — perguntou ela, piscando para mim.

— Não! Eu preciso saber... — Olhei para Alfred, mas ele estava do outro lado do bar, ocupado num jogo de dados com o bêbado. Ainda assim, baixei o tom. — Preciso saber mais sobre o assassino.

— Você é um daqueles policiais? — inquiriu ela, desconfiada. — Porque já falei com eles, não dou desconto nem informações sobre amigo meu. Nem por todo o gim da China.

Balancei a cabeça para sua expressão ferida.

— Só estou preocupado. Especialmente agora. Ao que parece, há outra mulher desaparecida. Conhece Cora? Ela trabalha aqui. — Por Violet, eu esperava que Cora estivesse viva.

— Cora? — O rosto da mulher se transformou numa careta. — Ora essa, ela era a garçonete, não? Sempre a achei muito arrogante e superior a nós, mas Deus sabe que ela fazia o mesmo que fazemos. Parece que só estava esperando o preço certo — disse a mulher, indignada.

— Quer dizer que ela saiu com um homem? — perguntei com urgência. Estava claro que essa mulher vigiava atentamente Cora e eu torcia para que isso se traduzisse numa pista de seu paradeiro.

A mulher concordou com a cabeça.

— O mesmo homem que tentei a noite toda que se enamorasse de mim. Era bonito. Disse que era produtor ou ator no Gaiety. Um desses tipos do teatro. Mas tinha um sotaque estranho. Meio parecido com o seu — acrescentou ela, sem ter certeza.

— Ele tinha sotaque? — perguntei, incapaz de conter minha empolgação. Não queria me precipitar, mas duvidava que houvesse muitos frequentadores do Ten Bells que falassem com um sotaque arrastado e sulista como o meu. Talvez Damon tivesse vindo aqui. E talvez, só talvez, ele soubesse que eu estava na cidade. Talvez fosse o motivo do recado na parede. Não fora Klaus; apenas uma das armadilhas idiotas de Damon para me levar a uma perseguição de gato e rato.

— Você está me deixando rouca. Se quiser que eu fale mais, terá de me pagar uma bebida — disse Eliza, arrancando-me de meus devaneios. — Um gim duplo, por favor. — Seus olhos brilhavam de ganância.

— Naturalmente — concordei. Fui ao balcão e voltei com um gim e um uísque. Lambi os lábios ao ver Eliza beber um gole. Tomei um golinho cuidadoso de minha própria bebida. Embora eu não quisesse me embriagar, por vezes o álcool moderava meu desejo pelo sangue. Esperava que assim fosse desta vez. Eu precisava de algo que me distraísse do pescoço de Eliza. Tomei outro gole grande de uísque.

— Pronto, assim está melhor. Nada como uma dose de gim à tarde, não concorda, amor? — perguntou ela, já aparentando um humor muito melhor. — Bem, ele falava de jeito estranho. Mas não se incomodou muito em me dizer grande coisa — acrescentou sombriamente. — Ficou falando com ela a noite toda. Passei por eles algumas vezes. Disse que ele a levaria ao teatro, para mostrar tudo a ela. Que talvez lhe conseguisse um teste. Os homens dizem qualquer coisa para levar uma mulher para a cama. — Parecia enojada.

— Lembra-se do nome dele? Se tem alguma característica marcante? Se a estava intimidando? — Despejei as perguntas enquanto um pavor ondulava por meu estômago.

— Não sei! Como eu disse, ele não quis conversar comigo! — respondeu Eliza, indignada. — E acho que isso foi bom, em especial com esses assassinatos. Talvez seja melhor ficarmos com os homens que conhecemos, mesmo que eles nos deem calote quando não conseguem... — Ela hesitou e me olhou, seus olhos me desafiando a entender sua insinuação.

— Mas como era a aparência dele? — perguntei, mal ouvindo o que dizia.

Seus olhos se fixaram em mim desconfiados.

— Ah, ainda tá pensando nele? Sei lá. Elegante. Alto. Cabelo louro-escuro. Mas como o corpo de Cora não apareceu em uma vala nem nada, eles devem estar aproveitando a companhia um do outro — acrescentou ela, rabugenta.

Cabelo louro-escuro? Franzi o cenho. O cabelo de Damon era preto. Era a primeira pista que não tinha uma combinação perfeita. Por outro lado,

estava claro que Eliza não era a testemunha ocular mais confiável do mundo. Decidi continuar concentrado no que mais a mulher tinha a dizer.

— Ou talvez ele fosse de fato um daqueles produtores de que ela sempre falava. Bom para ela. Sempre pensava que era melhor do que qualquer uma de nós, mesmo — acrescentou Eliza.

— Você era íntima de Mary Ann? — perguntei, mudando o assunto para a vítima de assassinato.

Eliza suspirou e afastou os olhos de mim rapidamente, para o grupo variado de homens que enchia o bar desde que começáramos a conversar. Como ficou claro que eu não estava interessado em lhe fazer nenhuma proposta, ela evidentemente procurava alguém que fizesse. Sem ver alvo nenhum, ela voltou a olhar para mim.

— Mary Ann era minha amiga. Pelo menos era antes de sair e ser morta — disse Eliza, com uma nuvem de raiva cruzando seu rosto. — Mas, também, o que você esperaria?

— O que quer dizer com isso? — perguntei.

— Ora, ela era amiga minha e eu teria dito isso na cara dela, se tivesse a chance. Ela era uma daqueles tipos. Gostava de se arriscar. Farreava com homem ruim. Nem lembro com quem ela saiu. Depois que a encontraram, toda retalhada e morta, a polícia veio até a taberna. Com quem ela saiu? perguntaram. O que ela disse enquanto estava saindo? E a resposta era que não vimos nada, não ouvimos nada, e se ela tivesse nos contado com que homem ia sair, talvez pudéssemos evitá-lo no futuro! — Eliza estremeceu e notei seu colo volumoso. Virei a cara, mas não antes que ela me pegasse olhando.

Ela sorriu com lascívia.

— Tem certeza de que não quer continuar esta conversa em particular? — perguntou ela, lambendo sugestivamente o lábio inferior.

— Tenho certeza! — respondi com firmeza, levantando-me com tal rapidez que a cadeira atrás de mim virou. — É claro que você é linda, mas não posso.

— Posso fazer um desconto. Especial para estrangeiros! — disse ela, balançando as sobancelhas.

— Preciso ir. — Tirei alguns florins do bolso. — Isto é para você. Por favor, não saia com ninguém — pedi. Coloquei as moedas em sua mão.

Seus olhos brilharam ao pegar o dinheiro.

— Tem certeza de que não posso lhe dar uma coisinha?

— Não é necessário. — Arrastei a cadeira para trás e saí da taberna.

Assim que cheguei à rua, cambaleei e de imediato percebi que o uísque me subira à cabeça. Mas eu tinha uma pista que me levaria a Cora e Damon.

— Você aí!

Girei o corpo. O bêbado que estava no bar quando entrei avançava para mim, seu hálito fedia a gim.

— O que foi? — perguntei.

— Sei quem você é — disse ele, cambaleando cada vez para mais perto de mim. — E estou de olho em você! — Riu como um louco, para em seguida se desequilibrar, quase tombando de costas contra uma parede.

O medo tomou conta do meu cérebro. Olhei-o de cima, um bêbado risonho. O que ele queria dizer com isso? Seria apenas tagarelice de bêbado, ou mais uma pista de que minha chegada a Londres não havia passado despercebida?

Sei quem você é.

As palavras golpeavam minha consciência. Quem era eu? No passado, eu fora Stefan Salvatore. Damon sabia disso. Assim como quem escreveu a mensagem na parede. Quem mais?

Era um bêbado. Deixe para lá, ordenei a mim mesmo enquanto saía apressadamente do parque em direção ao hotel, parando pelo caminho para comprar ingressos para um musical burlesco no Gaiety Theatre. Adquiri dois ingressos no camarote, cada um mais caro do que o pagamento de uma semana. Mas havia influenciado o bilheteiro a dá-los a mim, justificando o ato com o argumento de que valeria a pena se a peça nos levasse a encontrar Cora. Com os ingressos no bolso do paletó, assoviei comigo mesmo no caminho de volta ao hotel.

Violet deu um salto assim que abri a porta.

— Como foi o seu dia? — perguntou ela, ansiosa e cansada. — Encontrou Cora?

— Falei com Alfred e você não precisa se preocupar com seu emprego. E creio saber onde posso encontrar Cora — disse, lentamente, camuflando minha própria empolgação. A última coisa que queria era dar falsas esperanças a Violet.

— É mesmo? Onde? Como? — Violet bateu palmas. — Ah, Stefan, você é maravilhoso!

— Não sou — respondi com irritação. — E não tenho certeza, mas creio que ela talvez tenha conhecido um produtor do Gaiety Theatre. — Expliquei brevemente minha conversa com Eliza, embora tenha deixado de fora a parte sobre o homem com o sotaque. Mas, para Violet, era como se Cora já tivesse sido encontrada.

— É sério? — Violet ficou radiante. — Ora, não admira que ela não tenha dito nada! Porque, veja bem, Alfred teria ficado com ciúmes. E se ele soubesse que ela deixou o emprego, não a aceitaria de volta. Assim, talvez Cora só esteja esperando para conseguir o emprego no teatro antes de vir me buscar. Isso faz sentido, não?

— Creio que sim — disse, devagar. As bochechas de Violet estavam coradas e ela andava de um lado a outro do quarto. Estava animada e agitada e eu queria acreditar na história que ela havia conjurado. Podia ser verdade. Mas não nos faria bem algum andar feito animais enjaulados de um lado para outro no quarto. Tínhamos algumas horas antes do espetáculo e Violet ainda trajava seu avental manchado da noite anterior.

— Vamos fazer compras — decidi, levantando-me e caminhando para a porta.

— É sério? — Violet torceu o nariz. — É claro que eu queria ir, mas não tenho dinheiro...

— Tenho algumas economias. Por favor; é o mínimo que posso fazer depois de tudo que aconteceu na noite passada.

Violet hesitou, mas assentiu, aceitando minha ajuda.

— Obrigada! Estou ansiosa para ver Cora. Ela não acreditaria que tive minha própria aventura. Creio que talvez até fique com inveja — continuou a jovem irrefletidamente. Comecei a relaxar.

Afinal, eu também podia fazer esse jogo dela de *e se*. Podia fingir que o bêbado na frente da taberna estivera alucinando e me confundira com um primo havia muito desaparecido. Podia fingir que eu era humano.

E era aí que o jogo terminava. Porque eu não era humano e, por mais que quisesse acreditar nisto, tampouco o resto era verdadeiro.

— Precisamos ir antes que as lojas fechem — falei, sem jeito. O que eu estava fazendo? Por que me importava se esta garota ou sua irmã estavam vivas ou mortas? Stefan Pine voltaria para Ivinghoe e acordaria no dia seguinte para ordenhar as vacas. Stefan Pine pararia de ler os jornais de Londres. E Stefan Pine não tiraria uma garota da sarjeta e lhe compraria um vestido para compensar o fato de que o próprio irmão provavelmente estava bebendo o sangue da irmã dela.

Mas eu não era Stefan Pine. Era Stefan Salvatore e estava envolvido demais para partir. Juntos, saímos na tarde escura. Ergui a mão para parar um coche.

De imediato, uma carruagem encostou para nós.

— Para onde? — perguntou o condutor, tocando o chapéu.

— Onde podemos comprar um vestido? — perguntei vigorosamente.

— Eu os levaria ao Hyde Park. À Harrods.

— Mesmo? — Violet bateu palmas, deliciada, ao ouvir o nome. — É onde ficam todas as lojas elegantes! Li sobre isso. Soube que até Lillie Langtry vai lá!

— Vamos — incitei com eloquência. Não fazia ideia sobre o que Violet estava falando; só o que me importava era que ela estava feliz.

Partimos pelas ruas de Londres. Comparada com Whitechapel, esta parte da cidade era linda. As ruas eram amplas, homens e mulheres elegantes caminhavam de braços dados na calçada, e até os pombos pareciam limpos e comportados. Violet olhava de um lado a outro, como se não conseguisse decidir onde se concentrar.

Por fim, o condutor parou junto a um imponente prédio de mármore.

— Chegamos!

Parei. Deveria eu influenciá-lo para não pagar a corrida?

— Obrigada! — Violet enganchou o braço no meu enquanto descia do coche. A oportunidade de influenciar foi perdida e procurei em meus bolsos alguns xelins e os entreguei ao condutor.

Ele partiu. Violet e eu passamos pela soleira e entramos em um hall abobadado tomado por aromas concorrentes de perfume e alimentos. O

piso de mármore era tão encerado que eu via nosso reflexo quando baixava os olhos. Todos falavam num tom um pouco mais elevado que um sussurro, como se estivéssemos numa igreja. E o local, de fato, parecia um lugar sagrado.

Violet suspirou, extasiada.

— Parece um pecado, mas, quando eu era pequena, nosso padre nos pedia para imaginar o paraíso. Sempre pensei que seria assim. Tudo brilhando e novo — disse ela, fazendo eco a meus pensamentos enquanto atravessávamos os corredores sinuosos da loja de departamentos. Uma seção que vendia material de escritório dava lugar a outra de brinquedos, que se abria para um enorme salão de alimentos. Era como se tudo que se pudesse imaginar estivesse sob o mesmo teto.

Por fim, chegamos ao fundo da loja. Vestidos de todas as cores estavam pendurados em suportes e mulheres desfilavam os modelos da loja como se estivessem em um coquetel. Vendedoras se postavam atrás de balcões de vidro, prontas para auxiliar os clientes.

— Pode escolher o que quiser — falei, abrindo as mãos como quem mostra a extensão das mercadorias.

Mas Violet estava triste.

— Queria que Cora estivesse aqui. Ela iria adorar.

— Vamos encontrar Cora.

— Posso ajudá-los? — perguntou uma mulher de vestido preto, deslizando até nós.

— Precisamos de um vestido — falei, assentindo para Violet.

— Naturalmente — disse a mulher. Ela olhou Violet da cabeça aos pés, mas se conteve e não disse nada sobre suas roupas esfarrapadas. Em vez disso, sorriu.

— Temos alguns artigos que lhe servirão muito bem. Venha comigo — disse a vendedora, gesticulando para que Violet a acompanhasse.

Então, virou-se para mim.

— O senhor fique aqui. Quando eu terminar com ela, nem mesmo a reconhecerá.

Por um segundo, parei. Não queria deixar Violet fora de vista. Depois ri sozinho. Era paranoia minha. Estávamos na mais requintada loja de departamentos do mundo. A vendedora não iria machucá-la.

— E então, podemos? — A vendedora arqueou a sobrancelha preta como se sentisse meu desconforto.

— É claro — respondi. Acomodei-me em um sofá felpudo cor de pêssego e apreendi o ambiente. Parecia-me que Whitechapel ficava em outro país. Seria possível ficar apenas deste lado da cidade e esquecer o assassino? Eu queria tanto.

— Stefan?

Levantei a cabeça e arquejei. Violet trajava um vestido verde-esmeralda que acentuava sua cintura fina e o cabelo ruivo. Embora o rosto ainda estivesse abatido e tivesse olheiras profundas, ela estava linda.

— O que você acha? — perguntou Violet timidamente, girando em frente ao espelho.

— Está linda, não? — comentou a vendedora em voz baixa. — Experimentamos também outros e sua esposa ficou igualmente extraordinária em todos eles.

— Ela não... Sim — falei, simplesmente. Era muito mais fácil mentir. — Ficaremos com este vestido. Levaremos todos eles — concluí, puxando-a de lado para influenciá-la a nos entregar a compra de graça. A expressão de Violet compensava isso.

Em vez de pegar uma carruagem de volta ao hotel, seguimos a pé. De vez em quando, eu a pegava lançando olhares furtivos a si mesma nas vitrines, mexendo nas saias de seu novo vestido verde-esmeralda. Era bom que eu pudesse fazer alguém feliz.

— Receio não ser capaz de pagá-lo — disse Violet a certa altura.

— Não é necessário. — Meneei a cabeça. — Sua amizade é retribuição suficiente.

— Obrigada. Mas sinto que não estou sendo uma boa amiga. Só o que faço é falar de mim mesma. Sei apenas seu nome e que você é da América. É um homem de negócios?

Eu ri.

— Não, trabalho em uma fazenda. Sou como você. E sei como é perder um familiar. Meu irmão certa vez ficou desaparecido. Morri de preocupação por ele.

— Ele voltou? — perguntou ela com os olhos arregalados.

— Um dia, sim. E sei que você em breve verá Cora. — Meu coração se condeou por Violet e sua irmã desaparecida. — Fale-me um pouco mais dela.

— Bem, é claro que nós brigávamos. Mas todos os irmãos são assim, não? Ela tem de ser a primeira a fazer tudo. E é claro que eu queria ser igual a ela. Não acredito que teria me mudado para Londres sem ela. E agora que Cora não está aqui...

— Você precisa descobrir quem você é — sugeri em voz baixa.

— Sim — concordou Violet. — Mas é difícil saber quem eu sou sem Cora. Éramos muito próximas. Era assim também entre você e seu irmão?

— Não. — Fiz que não com a cabeça.

— Vocês brigaram?

— Sim, mas já faz muito tempo. No momento, estou me concentrando no futuro — falei, oferecendo a dobra de meu cotovelo para ela passar o braço.

— Ora, seu irmão está cometendo um erro brigando com você.

— E eu jamais brigaria com você, se fosse minha irmã. — Estava desfrutando do nosso agradável diálogo.

Paramos no hotel para deixar nossas sacolas com o carregador e seguimos ao teatro.

— Parece que isto é um sonho e não quero acordar — disse Violet, os olhos brilhando enquanto um lanterninha nos conduzia a nossos lugares. Estar com Violet parecia natural; nossos gracejos tranquilos lembraram-me de Damon, eu e os outros meninos implicando com as garotas de Mystic Falls nos churrascos e eventos sociais ao longo do ano.

De repente, o teatro ficou escuro e a cortina subiu no palco.

— Ah, Stefan! — Violet bateu palmas e se colocou bem na beira da poltrona de veludo, apoiando os cotovelos no parapeito do camarote. Surgiram dezenas de meninas do coro, usando saias rodadas e chapéus grandes, e tentei prestar atenção na música que cantavam. Mas não conseguia. Só conseguia pensar em Damon. Por que ele fizera isso? Levou anos, mas eu encontrara a paz. Não podia ele fazer o mesmo? Podia se alimentar das mulheres e ter suas festas elegantes, tudo que quisesse. Eu só queria que parasse de destruir a vida dos outros. Estava convencido de que podíamos viver em paz um com o outro. Mas eu não podia fazer isto se meu irmão estava matando.

Vi Violet olhar para mim e tentei dar a impressão de que aproveitava o espetáculo. Mas, por dentro, eu estava frustrado. Detestava que tudo *sempre* voltasse a Damon e que, mais provavelmente, assim seria pela eternidade.

— Não vi Cora — disse Violet, decepcionada. — Talvez ela não esteja neste musical.

— Hummm? — perguntei, notando que a cortina havia baixado e aplausos estrondosos emanavam de todos os cantos do teatro.

— O musical! Acabou o primeiro ato — disse Violet. — Ah, Stefan, foi tão lindo!

— Então, você gostou? — perguntei mecanicamente. Se Cora não estava aqui, estaríamos desperdiçando outra noite? Quem sabe o Journeyman ainda estivesse aberto. Eu estava prestes a contar os planos a Violet quando notei lágrimas escorrendo do canto de seus olhos.

— Se pelo menos... — começou ela.

— Se pelo menos o quê? — perguntei.

— Se Cora estivesse aqui. Sempre que a cortina sobe, cruzo os dedos e rezo a São Judas, mas... tudo bem. Ainda assim, gostei do espetáculo. Obrigada — disse ela, sorrindo com tristeza.

— Compreendo. — Apertei sua mão. E compreendia mesmo. Quando Damon fora embora para lutar na Guerra Civil, na época em que éramos humanos, eu sempre sentia um remorso de meio segundo quando fazia algo agradável, pensando no quanto teria sido melhor se ele estivesse presente,

participando. E embora eu soubesse, sem nenhuma sombra de dúvida, que agora estava melhor sem meu irmão, ainda havia um resquício da vontade de estar com ele. Quanto mais eu via o mundo, mais percebia que nem todos tinham laços com seus irmãos como eu e Damon. E talvez isso na verdade fosse melhor do que o que eu tinha, e o que havia perdido.

A cortina subiu novamente e começou outro ato, mais grandioso que o anterior. Esforcei-me para assistir, mas não conseguia acompanhar nem mesmo algo elementar, como quem interpretava o amante ou o vilão. E as canções dos números musicais me pareciam tolas e nada encantadoras. Assim, em vez disso, observei Violet. Iluminada pelas luzes do palco, ela parecia estar num transe completo, feliz como nunca a vira em nosso curto tempo de convivência.

Quando as cortinas baixaram novamente, levantei-me e aplaudi educadamente com a plateia.

— Ah, Stefan, obrigada! — disse Violet, jogando espontaneamente os braços em mim. — Não quero que esta noite acabe!

— Não há de quê — respondi, mexendo-me impacientemente. Diante de nós, a atriz principal estava no palco, lançando beijos à plateia, enquanto integrantes da fila da frente lhe jogavam flores.

Violet suspirou teatralmente, incapaz de desviar os olhos do palco.

— Cora deveria estar na peça — disse ela, a voz inflexível e determinada. — Charlotte Dumont não é tão talentosa quanto ela.

— Quem? — perguntei. O nome me parecia conhecido.

— Ora, Charlotte Dumont. A atriz.

— Ela estava *aqui*? — perguntei. Charlotte era a mulher com quem o conde DeSangue havia se associado. Talvez esta não tenha sido uma perda de tempo.

— Stef-an! — disse Violet jocosamente. — Ela era a atriz principal. Não foi maravilhosa? — Os olhos de Violet dançavam, mas eu não prestava atenção. Meus olhos corriam pela multidão, à procura de meu irmão.

— Só uma vez na vida, eu gostaria de me sobressair — continuou Violet, sem perceber minha distração. — No Ten Bells, sinto-me invisível. Queria

me sentir única. Como acontecia quando eu era pequena. Sabe, quando seus pais pensam que você é especial, e você acredita neles? — disse Violet, tristonha, enquanto suspendia elegantemente as saias para descer a escada sinuosa do teatro que levava até a saída. Observando de alguns passos atrás, fiquei maravilhado ao ver como Violet estava diferente da triste garçonete da noite passada. Nas roupas requintadas, tinha toda a confiança e o aspecto de quem fora criada no luxo.

— Você é especial — falei, com sinceridade. Ela era encantadora e divertida, e eu sabia que se acreditasse em si mesma, encontraria quem acreditasse nela.

— Ora, obrigada — respondeu Violet, faceira. À nossa volta, as pessoas se viravam para olhá-la. Eu estava certo de que estavam boquiabertas porque tentavam reconhecê-la; não teria sido ela uma das moças cândidas e cômicas que estavam no palco agora mesmo? Violet sorria, claramente desfrutando da atenção.

— O que faremos agora? — perguntou Violet, com os olhos brilhando.

Chegamos à rua fria e suspirei, olhando em volta. Embora fosse tarde, a rua estava tomada de transeuntes. A poucos passos, notei um fluxo de pessoas entrando por uma pequena porta preta com a placa PALCO. Tomei a decisão num átimo.

— Tenho uma ideia — disse. — Vamos conhecer Charlotte. — Colei um sorriso na cara e parti para a porta, decidido.

— Seu nome? — perguntou um homem baixo de cabelo preto penteado para trás, olhando o caderno encapado em couro nas mãos.

— Nome? — repeti, fingindo confusão, tentando fazer com que ele olhasse para mim.

— Sim, seu nome — disse o homem com uma paciência exagerada, enfim erguendo os olhos a mim. — Infelizmente a festa é apenas para a lista de convidados.

— Sir Stefan Pine, e minha esposa, Lady Violet — acrescentei enquanto Violet ria, deliciada, atrás de mim. Embora o trabalho dele fosse guardar a porta, o leve arrastar de suas palavras evidenciava que tomara uns drinques

enquanto a plateia assistia à apresentação. Não precisei influenciá-lo muito para confundi-lo.

— Sim, senhor — disse ele, sem olhar a lista e nos conduzindo para dentro.

Violet arregalou os olhos, mas apenas coloquei um dedo nos lábios e acompanhei o grupo de pessoas para os bastidores imensos.

Entramos em uma sala fortemente iluminada, grande, quase como um salão de baile, já repleta de atores nos vários estágios de figurino, assim como membros da plateia, que reconheci como os integrantes abastados de nosso camarote. Sem dúvida estávamos no lugar certo. Agora, só precisávamos encontrar Charlotte. Estava quase fácil demais.

E então senti um tapinha no ombro.

Girei o corpo.

Ali, com um largo sorriso, o cabelo preto e vasto e uma expressão indecifrável nos olhos azuis brilhantes, estava Damon.

— Olá, mano — disse Damon, abrindo um largo sorriso.

Sorri também. Fingiria gentileza. Por enquanto.

— É o seu irmão? — perguntou Violet com curiosidade, elevando a voz cantarolada. — Aquele que...

— Não! — Agitei o braço na minha frente, como se espantasse uma pergunta absurda. — Um velho amigo — menti. Meu coração batia forte na caixa torácica. Embora eu o estivesse procurando a tarde inteira, foi um choque dar de cara com ele depois de todos aqueles anos.

— Ah, sim, Stefan e eu nos conhecemos há muito. — Damon olhou de viés. — Na verdade, às vezes penso que eu morreria por ele.

Me mexi, inquieto. Avaliando meu irmão. Eu estava consciente demais de Violet parada a meu lado. Estudei Damon, apreendendo cada aspecto de sua aparência.

Ele não envelhecera. Era uma observação ridícula, mas a primeira que me ocorria. Naturalmente, tampouco eu mudara, mas estava tão acostumado a ver meu rosto no espelho toda manhã que nem reparava; era apenas uma realidade de minha existência. Ver Damon novo e sem rugas, entretanto, como na noite em que morrera, abalava-me.

Em um exame mais atento, porém, havia uma diferença: seus olhos mudaram. Pareciam mais escuros, de algum modo, cheios de segredos, horrores e mortes. Quem sabia o que ele fizera nos últimos vinte anos? Se por acaso se tratasse de algo parecido com o que esteve fazendo em Londres, ele vinha mantendo a si e às forças policiais locais muito ocupados.

— Você me parece bem — observou Damon, como se fôssemos vizinhos que apenas se esbarravam numa praça da cidade, e não irmãos que haviam se visto pela última vez do outro lado do oceano, décadas antes.

— Assim como você — concordei. Seu cabelo preto estava penteado para trás e ele vestia um terno caro com uma gravata de seda.

— E quem é esta dama adorável? — Damon estendeu a mão para Violet.

— Não é ninguém de sua conta...

— Meu nome é Violet Burns. — Violet fez uma mesura e ruborizou enquanto Damon pegava sua mão e a levava aos lábios para um beijo.

— Encantado. Damon DeSangue — disse Damon. Fiz uma careta ao ver a familiaridade com que o nome falso saía de sua língua. Notei, porém, que ele perdera o sotaque italiano afetado que insistira em usar em Nova York.

— E o que estão fazendo aqui? — perguntou ele.

— Já estávamos de saída...

— Não! — intrometeu-se Violet. — Por favor, vamos ficar. Nosso hotel fica muito perto, estamos no Cumberland — disse ela a Damon, batendo os cílios como se quisesse encantá-lo. — E estamos procurando por minha irmã — acrescentou ela, sua voz afetada pela demonstração espalhafatosa de choque no rosto de Damon pelo hotel escolhido por nós.

— O Cumberland! — disse Damon enquanto meu estômago despencava. A última coisa que queria era que ele soubesse o nome de nosso hotel. — Você subiu na vida, Stefan!

Basta de joguinhos, falei a meia-voz. Estamos velhos demais para isso.

Eu jamais superei meu gosto pelos jogos, respondeu Damon, sem mover os lábios.

Não a machuque, pedi entredentes. Mas Damon não disse nada e apenas balançou levemente a cabeça em um gesto impossível de interpretar. Violet ainda o olhava fixamente, expressando veneração. Típico. Damon sempre atraía a atenção das mulheres. Neste momento, uma mulher alta e bonita, com um vestido de seda azul-escuro e cílios postiços, aproximou-se languidamente dele, trazendo duas taças de champanhe. Vi uma echarpe de seda dourada enrolada várias vezes no pescoço. Tinha certeza de que, se ela

a abrisse, eu veria duas pequenas perfurações no pescoço: marcas das presas de Damon. Meu irmão, notando meu olhar, ergueu as sobrancelhas e sorriu com malícia. Violet arquejou.

— Charlotte Dumont! — Deu um gritinho, batendo palmas, deliciada. Sorri, feliz por pelo menos ela ter prestado atenção ao espetáculo. Eu não acreditava que tinha deixado uma pista tão óbvia quase escorregar por meus dedos.

— Ora, sim, é o meu nome — disse Charlotte, rindo ao entregar uma taça de champanhe a Damon. — Não posso deixá-lo nem por um minuto! — disse ela a meu irmão, batendo jocosamente em seu braço. — Sempre que faço isso, volto e vejo uma multidão se derretendo para você. E a estrela de nossa dupla devia ser eu! — Ela fez beicinho.

— Não se preocupe, querida. — Damon colocou a mão em seu ombro em um gesto tão carinhoso que me surpreendeu. Será que ele realmente gostava daquela mulher ou só a estava usando para ter dinheiro e status? — Este é meu velho amigo, Stefan... Se este for o nome que você tem usado ultimamente.

— Stefan Pine, e esta é minha amiga, Violet — expliquei, pegando a delicada mão de Charlotte e levando aos lábios para um beijo.

— Sou atriz. Dos Estados Unidos — disse Violet, esforçando-se ao máximo para ter um sotaque americano enquanto inclinava-se em uma grande medida.

— É mesmo? — perguntou Charlotte incisivamente, num tom desdenhoso, tentando decidir se Violet era ou não uma concorrente.

— Bem, eu gostaria de ser — alegou Violet, claramente percebendo que sua declaração não era a melhor maneira de cair nas boas graças de Charlotte. — Assim como minha irmã. Cora Burns. Você a conhece?

A expressão de Charlotte se abrandou um pouco.

— Cora... O nome me parece familiar — disse Charlotte, puxando a manga de Damon. — Conhecemos uma Cora, amor?

Damon revirou os olhos.

— Até parece que consigo acompanhar todos que conhecemos. É para isso que servem as colunas sociais, não? Se estiverem lá, então conhecemos. Caso contrário, não conhecemos.

— Bem, se a encontrar, por favor, diga-lhe que sua irmã procura por ela — disse Violet, insegura. Não senti nada além de alívio. Charlotte parecia ter alguma familiaridade com o nome de Cora. Talvez a irmã de Violet tivesse simplesmente partido com um produtor de teatro.

— Não acho que a conheço, meu bem, desculpe-me. — Damon deu de ombros.

— Está tudo bem — disse Violet com tristeza. — Só gostaria que ela soubesse que a estou procurando.

— E por falar em procurar — disse Charlotte animada, rompendo o silêncio —, creio que preciso de outra taça de champanhe. — Na curta conversa, ela já bebera todo o conteúdo da primeira. — Gostaria de vir comigo? E talvez, se você tiver sorte, eu a apresente ao Sr. Mackintosh, o produtor de nosso pequeno espetáculo. Sua irmã não é a única que pode ser atriz.

Os olhos de Violet brilharam enquanto as duas mulheres se afastaram para a multidão de convidados. Damon observou com uma expressão confusa.

— Mulheres! — observou ele quando as duas estavam seguramente fora de alcance. — Ruim com elas, pior sem elas. Não é verdade? Os resmungos, os elogios, o entusiasmo... Não admira que os humanos envelheçam com tal rapidez. — Ele virou a própria taça de champanhe.

— Bem, parece que você tem uma fonte constante de nutrição — comentei, sombriamente. Teria a escolha de mulheres por parte de Damon incitado a ira de Klaus? Ou alguma outra coisa? O que quer que fosse, eu não criaria problemas até chegar ao fundo da questão.

— Ah, sim. Ela me serve bem, embora o sangue costume ter alto teor alcoólico. É ótimo antes de uma noitada fora, mas preciso ter cuidado para não abusar — disse Damon despreocupado, como se fizesse uma crítica a

um novo restaurante. — E você? Voltou ao sangue humano em sua meia-idade? Não me diga que ainda subsiste de esquilos e coelhos! — Ele riu.

— Não vou falar sobre Charlotte — retruquei, ignorando suas provocações. — E estou aqui para impedi-lo. Você está sendo estúpido e descuidado, e vai acabar se machucando. O que está fazendo aqui?

— Estou aqui por causa do clima. — Damon replicou com sarcasmo. — Preciso de um motivo? Talvez tenha decidido ver a paisagem. A América parecia pequena demais. Aqui há muito mais diversão.

— Que tipo de diversão? — perguntei incisivamente.

Damon abriu outro sorriso, revelando seus dentes ultrabranços.

— Sabe quais. Aqueles habituais que acompanham uma viagem ao exterior: conhecer gente nova, provar uma culinária diferente...

— Experimentar o assassinato? — sibilei, baixando a voz para que ninguém mais me ouvisse.

A confusão atravessou o rosto de Damon, seguida por uma gargalhada longa e oca.

— Ah, quer dizer o absurdo de Jack, o Estripador? Francamente. Pensei que me conhecesse. — Damon finalmente parou de rir.

— Eu o conheço o bastante — respondi, cerrando o queixo. — E sei que você adora atenção. E isto é má notícia para você.

— Nenhuma notícia é má para mim. — Damon bocejou, como se a conversa o entediase. — Bem, você sabe, *mano*, que eu sempre abominei jogos de adivinhação e não tenho paciência com a histeria. Prefiro matar discretamente.

— Então, não matou ninguém recentemente? — Meus olhos disparavam pelo ambiente para ter certeza de que não nos ouviam. Ninguém estava escutando. As pessoas ao redor se ocupavam demais bebendo e rindo para prestar atenção em nossa intensa conversa nas sombras.

— Não! — disse Damon, irritado. — Tenho me divertido muito com minha aventureira dos palcos. — Ele agitou sugestivamente as sobrancelhas.

— Ótimo. — Eu não daria a Damon a satisfação de ouvir suas façanhas. — Mas os assassinatos...

— São cometidos por algum humano estúpido que será apanhado cedo ou tarde — disse Damon, dando de ombros.

— Não. — Balancei a cabeça e expliquei brevemente o que vi, a mensagem em sangue “SALVATORE — TEREI MINHA VINGANÇA” no Dutfield Park.

— E daí? — perguntou Damon, sem que a menor perturbação cruzasse seu rosto.

— Creio que pode ser Klaus — rebati, frustrado por ter de declarar o que me parecia tão evidente. — Quem mais escreve recados com sangue e sabe nosso nome?

Os olhos de Damon se arregalaram um pouco, imediatamente voltando a sua expressão indolente e satisfeita.

— Esta é sua pista? Porque qualquer um pode escrever isso. E detesto ferir seu ego, Stefan, mas não somos exatamente os únicos Salvatore no mundo. Pode inclusive ser o nome de uma daquelas mulheres de Whitechapel. Não estou preocupado. E é claro que o assassino, quem quer que seja, usaria sangue para escrever. Tinta e papel não têm o mesmo efeito apavorante. — Ele suspirou, olhando o bar, onde Violet e Charlotte bebiam suas taças de champanhe e riam.

— Agora, se me der licença, preciso de uma bebida. Venha comigo, mano. Vamos comemorar nosso reencontro — disse ele, partindo pela multidão. Eu o acompanhei, furioso. Damon agia como se eu tivesse contado uma piada. Será que não se importava que um vampiro psicótico estivesse à solta? Não o incomodava que talvez fôssemos alvo de um assassino?

Ao que parecia, não. A cada dois passos, ele era parado por várias admiradoras: mulheres que reconheci do coro, um senhor baixo com uma enorme barba branca que parecia ser o alfaiate do teatro e um homem largo, com abotoaduras de ouro e uma cartola que imaginei ser um dos produtores da companhia. Tentei lhe fazer perguntas leves para saber se ele tinha alguma relação com Cora, mas eu sabia que ele não era o homem que eu procurava. Tinha um forte sotaque britânico e cabelos pretos. Nada parecido

com a descrição de Eliza. Sempre que Damon era parado, ele ria e sorria, brindando com sua taça e fazendo elogios. Eu tinha de admitir: superficialmente, Damon não passava de um perfeito cavalheiro.

— Vê como estou me comportando bem? — perguntou Damon depois que, enfim, chegamos ao bar e o barman nos ofereceu duas taças de champanhe.

— Como um padre — admiti. Era estranho estar numa festa com Damon. Parte de mim ainda queria que fosse como era na época em que éramos humanos, quando sempre prevíamos o que o outro ia fazer ou dizer. Outra parte, a mais sensata de mim, sabia que eu jamais podia confiar em Damon como vampiro; afinal, ele tinha matado Callie e teria feito o mesmo com os Sutherland se Klaus e seus asseclas não os alcançassem primeiro; além disso, abandonara Lexi e eu, vinte anos atrás, sem se despedir.

Entretanto, para ele, nada nos deixaria quites. Afinal, havia sido eu quem transformara Damon em um vampiro. Ele me pedira para não fazê-lo, mas eu o forcei a beber sangue, obriguei-o a viver a eternidade. Ele jamais me perdoara. Com o tempo, embora houvesse uma crescente lista de ofensas e injustiças que ele me fazia, eu ainda estava disposto a deixar tudo para trás se significasse que seríamos verdadeiros irmãos, como no passado. E era doloroso demais perceber que isso jamais aconteceria ainda que, para os de fora, parecêsemos grandes amigos. De fato, Damon estava me apresentando a todos sempre como seu “velho amigo Stefan da América” e só o que eu podia fazer era sorrir, assentir e desejar viver em um mundo em que a verdade fosse tão simples.

— Charlotte estava fascinante, como sempre — ouvi alguém dizer aquilo, e me virei. Um cavalheiro alto e louro estava ao lado de Damon. Vestia uma camisa branca de seda abotoada até o pescoço, acompanhada de um elegante sobretudo preto. Seus sapatos eram de couro italiano e era impossível saber sua idade; ele podia ter de 25 a 40 anos.

— Samuel! — exclamou Damon, dando um caloroso tapa nas costas do homem. — Este é Stefan, um velho amigo.

— Olá — falei rigidamente, baixando um pouco a cabeça. Sentia que Samuel avaliava minhas mãos ásperas, rachadas e cortadas de semanas de trabalho braçal árduo, bem como a leve barba que se formava em meu rosto. Tinha abandonado o hábito de me barbear diariamente no Solar dos Abbott.

— Bem-vindo — disse Samuel, depois de um bom tempo. — Qualquer amigo de Damon é amigo meu. — Mas antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, Charlotte e Violet aproximaram-se de nós, Violet claramente embriagada.

— Este é o dia mais especial da minha vida! — anunciou Violet a ninguém em particular, lançando a taça de champanhe no alto em um brinde, com tal intensidade que o líquido espirrou, formando uma constelação em seu vestido de seda.

— Imagine só que um dia eu fui assim — disse Charlotte, fingindo pavor. — Espero que a leve para casa e lhe ensine alguns pormenores da convivência na sociedade educada — acrescentou ela, olhando-me incisivamente.

— Bem, infelizmente, Violet não conseguirá nada disso com Stefan, querida. Mas ela terá muitas lições. Stefan adora a própria voz. Posso até dizer que, no passado, ele já me matou de tanto falar.

— Meu gosto por falar equivale ao de Damon de ouvir a si mesmo — retruquei, com certa irritação evidente por trás de meu tom jocoso. Eu precisava levar Violet de volta ao hotel. Afinal, ela teria de trabalhar na noite seguinte. Mas eu sabia que seria um desafio conseguir que ela saísse de boa vontade daquela festa. E ainda não tínhamos encontrado Cora.

— Bem, preciso ir, mas verei você e Charlotte amanhã na Grove House? — perguntou Samuel depois de um instante, olhando sugestivamente para Damon.

— Naturalmente — concordou Damon, assentindo com a cabeça.

— À uma da tarde? Deve ser antes de meu espetáculo — disse Charlotte.

— Sim — disse Samuel. — E, Stefan? Você e sua amiga gostariam de ir? Pode ser divertido — acrescentou com secura. Pestanejei. Senti que tudo que

ele dizia ficava à beira de um insulto, mas era impossível situar o que havia de tão ofensivo em suas palavras.

— Quer ir a uma festa, mano? — perguntou Damon, erguendo as sobrancelhas.

— Ah, por favor? — Violet pediu, batendo palmas.

— Veremos — respondi, sério.

— Violet, você gostaria de ir? — Típico de Damon. — Stefan irá, se puder encaixá-la entre suas reflexões morais, a leitura de Shakespeare e o trabalho de detetive.

— Trabalho de detetive? — perguntou Charlotte, confusa.

— Não ligue para isso, querida — disse Damon. — Piada interna.

— É uma história tediosa — acrescentei. — Muito mais interessante é o amor de Damon pelo drama. Faça-o lhe falar das peças que encenou.

— Você é ator? — perguntou Violet.

— Conversaremos mais na festa! — disse Damon, claramente irritado. Bem, ótimo. Se falar em código e irritá-lo era o jeito de conseguir que ele me desse atenção, assim seria.

— Sim! — disse Violet ansiosamente.

— Já está na nossa hora — falei com gentileza, pegando Violet pelo braço e levando-a à porta através da multidão de gente.

Soltei um suspiro de alívio quando o ar frio bateu em meu rosto. Era o antídoto perfeito para a atmosfera quente, abarrotada e tensa da festa. Não pensei em Damon. Concentrei-me no zunido dos lampiões a gás, no farfalhar das folhas e no passo ritmado dos pedestres — todos os ruídos cotidianos que sempre ouvia, ampliados pelos meus sentidos, mas raramente valorizados.

Quando chegamos ao quarto, coloquei Violet na cama, cobrindo gentilmente seu corpo. Seus olhos estavam inteiramente fechados quando a cabeça tocou na fronha de seda.

Demorei mais para adormecer. Lá fora, as ruas de Londres ainda zumbiam e sempre que fechava os olhos pensava ouvir o riso de Damon, vagando das ruas para minha mente.

Sempre fui um irmão. É um pensamento que me vem, espontâneo, no meio da noite, ou quando ando em silêncio pela floresta, perseguindo minha presa. Não importa quem saiba disso a meu respeito ou se partilho ou não essa informação, é uma parte de mim que jamais posso esquecer.

Quando eu era humano, é claro, tinha meus pais, mas eles eram mais velhos, autoritários; uma presença pela manhã e à noite. Damon, no entanto, sempre esteve a meu lado. Foi com ele que explorei o mundo, foi com ele que me rebelei, foi ele, por vezes, quem eu desejei ser.

Por outro lado, Damon nem sempre foi um irmão. Como o mais velho, houve anos em que fora apenas ele, sozinho no mundo. Nunca teve o sentimento constante de ser comparado a alguém. Nunca soube como era estar sempre buscando o sol, enquanto se fica à sombra de outro.

Não creio que um dia ele tenha se sentido assim a meu respeito. Sempre foi o irmão mais velho, sempre me mostrando como as coisas eram feitas, sempre me convencendo a montar em um cavalo que me assustava, ou a beijar uma garota quando eu me preocupava que ela não gostasse de mim. Eu o observava, espantado, enquanto ele conquistava o mundo.

E, mesmo agora, não conseguia me libertar dele. Não conseguia deixar de ser o irmão mais novo, que ficava ao mesmo tempo temeroso e assombrado pela força singular que era Damon Salvatore.

— O que acha? — Acordei com Violet entrando na sala, com um vestido azul-claro por cima de uma anágua que farfalhava a cada passo.

— Você está linda — elogiei, enquanto me sentava e esticava os braços no alto. Nem acreditava que tinha me permitido dormir para além do amanhecer; em geral eu estava bem desperto muito antes do nascer do sol. Mas, apesar de todos os meus pensamentos perturbados, o sofá confortável me seduzira a um sono profundo e sem sonhos.

Perguntei-me o que estaria acontecendo no Solar dos Abbott, quem cuidava das galinhas e do gado. Imaginei Oliver olhando pela janela, esperando que eu voltasse para casa e o levasse para caçar. Parecia um outro mundo.

— A que horas pensa que devemos sair? — perguntou Violet.

— Para o quê? — perguntei, deliberadamente me fazendo de desentendido. Tinha esperanças de que a menção da festa à tarde, feita por Damon, fosse eliminada das lembranças de Violet pelos rios de champanhe que ela havia consumido na noite anterior.

— Ora, para a festa que seu amigo nos convidou. Nós *vamos*, não é? Parece divertido. Além disso, Charlotte falou que o produtor dela estará lá, o que não pôde ir na noite passada. Talvez ele seja o homem que se encontrou com Cora. — Ela alisou dobras invisíveis no vestido com suas pequenas mãos. Violet estava, sem dúvida nenhuma, se preparando para ser uma mulher como Charlotte, com um monte de homens ávidos e prontos a fazer suas vontades e elogiá-la a qualquer instante. E embora a vaidade de Violet me exasperasse, ela era tão ingênua e entusiasmada, como uma criança brincando de se vestir de adulto, que não podia ser nada além de adorável.

— Tem certeza de que estou bem? Não quero que eles pensem que eu era

uma desmazelada dos cortiços. Afinal, eu disse a eles que era uma atriz da América. Da *Ca-lei-fórnia* — disse ela, dando ênfase demasiada à segunda sílaba.

— Califórnia — corriji. — E seu sotaque está ótimo. — Era divertido. Quanto mais tempo Violet e eu ficávamos juntos, mais parecíamos adotar o sotaque um do outro. Ela até que era convincente como americana, embora eu tivesse certeza de ficar definitivamente ridículo usando um vago sotaque irlandês.

Violet assentiu.

— Como você conheceu Damon mesmo? Ele insistiu em chamá-lo de “mano”. É algo que todas as pessoas dizem na América? — perguntou ela, franzindo a testa. Eu sabia que se respondesse sim, ela acrescentaria esta palavra a seu repertório. Ela havia me perguntado o mesmo ontem à noite, enquanto eu a acompanhava, de certo modo carregando-a escada acima, mas eu não tinha respondido.

— Não, a maioria das pessoas não se trata assim, a não ser que sejam parentes de sangue, mas é algo de que Damon me chama desde que me entendo por gente. É uma história muito longa e tediosa, na verdade — menti. — Conheço Damon há uma eternidade; passamos por bons e maus momentos. Sei que ele é encantador, mas não deixe que a engane. Às vezes ele não é o que parece. — Eu disse essa última parte com certa despreocupação, como se falasse de algo meio escandaloso, como um pendor pela bebida ou uma família famosa. Torci para que ela levasse meu alerta a sério.

— Estou certa disso — disse ela, olhando-se pela última vez no espelho. — Ele parece um daqueles homens por quem todas as mulheres se apaixonam. Fique tranquilo. Saiba que não sou como todo mundo.

— Só está dizendo isso para que eu me sinta melhor a respeito desta festa, não? — perguntei, tentando recuperar o tom brincalhão que usamos na véspera. Mas alguma coisa não se encaixava.

— Só pensei que seria divertido — disse Violet, virando-se para mim e mordendo o lábio.

— Tem razão — decidi. Gostasse eu ou não, Damon estava em Londres. E até que tivesse absoluta certeza de que Klaus não estava aqui para se vingar, eu não conseguiria tirá-lo da cabeça.

— Obrigada... mano! — exclamou Violet, me dando um beijo no rosto.

— Claro — murmurei. Era apenas um piquenique. Em plena luz do dia. Violet tinha a verbena, cintilando na cavidade de seu pescoço. Nada poderia acontecer, não é?

Uma hora depois, andávamos pelos gramados bem-cuidados do Regent's Park. Eu havia retirado um lençol da cama e o segurava debaixo do braço como uma manta improvisada. Meu estômago roncou mais uma vez. Violet me olhou como quem acha graça e perguntei-me se ela também ouvira. Tossi para mascarar o som.

O parque estava repleto de crianças brincando, pipas voando e várias mansões grandes erguendo-se de gramados verdejantes como estátuas exageradas. Olhei o sol. Devíamos ir à Grove House, que o concierge do hotel havia me dito que ficava na extremidade leste do parque.

— Lá estão eles! — exclamou Violet, correndo pelo parque, seu cabelo arruivado voando às costas.

Acompanhei-a lentamente. À minha frente havia uma enorme estrutura de calcário com colunas gregas. O gramado tinha várias mesas cobertas de linho branco. Larguei o lençol no chão. Não era um piquenique; parecia mais um banquete. E, vampiro ou não, eu estava agindo como um caipira trazendo um lençol enorme, como se este fosse um dos eventos sociais da igreja a que Damon e eu costumávamos comparecer quando meninos.

Quando cheguei, Violet já bebia uma taça de champanhe e gesticulava animadamente para Damon. Tentava ao máximo fazer seu sotaque americano, pronunciando meu nome como *Stef-ein*, e até tentando incluir contrações de palavras de seu sotaque irlandês, embora eu houvesse lhe dito várias vezes a caminho dali que não eram expressões comuns no vocabulário americano.

— Bem-vindo, mano — disse Damon com eloquência, como se estivesse me convidando à própria casa. Pelo que eu podia ver, estava mesmo.

— Está morando aqui? — perguntei, olhando a construção, que parecia ainda maior do que alguns museus que eu vira em Nova York.

— Não — respondeu Damon, como se eu estivesse sendo ridículo. — Ele mora — disse ele, gesticulando para um homem magro, de cabelo avermelhado e terno creme, a seu lado.

— Lorde Ainsley — disse o homem, estendendo a mão.

— Olá — cumprimentei, ainda admirado com a vastidão da casa. Estava claro que Damon transitava por um círculo incrivelmente poderoso. Comparado com os amigos de Damon, George Abbott pareceria um garotinho brincando de faz de conta.

— Este é um velho amigo dos Estados Unidos, Stefan Salvatore — disse Damon rapidamente.

Enrijeci. Teria ele me ouvido ontem à noite apresentando-me como Stefan Pine? Eu não queria arrastar o nome Salvatore para nenhum assunto relacionado a mim, especialmente agora. Sabia que ninguém conheceria a história dos Salvatore — um evento sem grande importância até na Virgínia, nosso estado de origem —, mas ainda queria proteger o nome, e a mim mesmo, sempre que pudesse.

— Stefan, é um prazer conhecê-lo. É um homem do aço? Ferrovias? — indagou lorde Ainsley, olhando-me de cima a baixo.

— Hummm... — Era uma boa pergunta. Quem era Stefan Salvatore? Olhei incisivamente para o meu irmão, ansioso para ouvir o que ele inventaria.

— Ele tem uma fazenda nos Estados Unidos — intrometeu-se Damon. — Está aqui de visita. Imagine minha sorte quando o encontrei por acaso ontem à noite na festa do Gaiety.

— Uma fazenda — disse lorde Ainsley, imediatamente perdendo o interesse. — E quanto tempo ficará em nossa bela cidade?

— Depende — comecei, olhando nos olhos de Damon. Mas, antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Samuel aproximou-se de nós, com um copo

de limonada nas mãos.

— Olá — disse ele, num tom acolhedor. — Vejo que vocês não ficaram com uma impressão tão ruim de nós, degenerados. Festas pela madrugada, muito champanhe... Por isso fico feliz por lorde Ainsley ter nos convidado para este piquenique. É um alívio não ser sempre uma criatura da noite. Não é o que você sempre diz, Damon?

— De fato, digo — respondeu Damon, sorrindo para mim com malícia. Fervilhei de ódio em silêncio. Tudo em Damon, de seu colete à cartola que ele insistia em usar, até o sotaque europeu afetado, irritava-me. Damon parecia decidido a provar que era superior a tudo, até a ataques sangrentos que pareciam ser cometidos unicamente como um aviso a ele. Será que não se lembrava do que Klaus havia feito em Nova York? Não se importava? Ou simplesmente estava se distraindo com sanduíches e champanhe, fofocas de sociedade e mulheres, até que fosse tarde demais?

— E, Stefan? — perguntou Samuel, olhando-me de cima com seu nariz aquilino. — O que achou da festa? Imagino que tenha sido muito diferente de... de onde quer que você venha — disse ele, sem conseguir esconder um riso abafado.

— Sim, aproveitamos a festa. Violet ficou especialmente encantada — falei, com um sorriso forçado.

— E, você, está encantado pela jovem Violet? — perguntou Samuel com curiosidade, colocando a taça de cristal vazia em uma das mesas brancas. Quase de imediato, a taça foi retirada por um mordomo vestido de branco. Podia ser fácil se acostumar com este estilo de vida. Mas eu sabia, por experiência própria, que uma existência dessas sempre tinha um preço.

— Violet é encantada pelos palcos — expliquei. — Não tenho interesse nela além da amizade. Só quero garantir que ela esteja bem.

— Você só quer garantir que ela esteja bem — repetiu Samuel. Haveria um leve traço de zombaria em seu tom ou era imaginação minha? — É muita nobreza de sua parte.

— Desde que o conheço, Stefan não resiste a bancar o herói a uma donzela em perigo — disse Damon languidamente. Lancei um olhar duro,

mas ele simplesmente sorriu para mim. Remexi o corpo e o olhei com desconfiança. Aqui, em Londres, parecia que todos, especialmente Damon, jamais diziam exatamente o que pretendiam.

— Bem, vai descobrir que não há escassez de donzelas em perigo em nossa cidade — disse Samuel com ironia. — Suponho que tenha ouvido falar de nosso assassino.

— O assassino? — perguntei. Tinha esperanças de não parecer ávido demais. Ouvindo a horrenda palavra, vários casais viraram-se para me olhar.

— Acham que ele atacou novamente, ontem à noite. O Estripador, é como todos os jornais chamam. Acreditam que ele pode ser um açougueiro, pelo modo como corta os corpos. — Charlotte torceu o nariz ao se aproximar de nós, vindo de um salgueiro, sob o qual mantinha até então a atenção de um grupo de mulheres. Elas estremeceram. O mero nome, o *Estripador*, parecia ter o efeito de uma nuvem de tempestade em um dia idílico de verão. Era como se a temperatura tivesse caído vinte graus.

O Estripador. Tentei olhar nos olhos de Damon, mas ele me evitava. Ele esteve na festa ontem à noite. A não ser... Meus pensamentos giravam.

Charlotte passou o braço possessivamente na cintura de Damon.

— Ainda bem que tenho alguém para me proteger. É tão medonho.

Olhei rapidamente para Violet. Ela ouvia, extasiada, com o amuleto de verbena ainda brilhando em seu pescoço. *Ótimo.*

— Quem foi a vítima? — perguntei.

— Outra prostituta. Ninguém importante. — Uma mulher de ombros largos fungou, como se toda a questão fosse demasiado ardente para ser discutida.

Samuel retirou o jornal do bolso do colete e o abriu, espalhafatoso.

— Jane só está aborrecida porque o assassino a substituiu no jornal — disse ele, sorrindo com sarcasmo para a mulher. — De repente, todas as colunas sociais foram interrompidas pela cobertura do assassinato.

— Qual era o nome dela? — perguntou Violet, trêmula.

— O nome da vítima? Por que isto importaria? — Jane deu de ombros com desdém.

— Annie qualquer coisa — disse Samuel, passando os olhos pela reportagem no jornal.

Os ombros de Violet arriaram de alívio e fechei os olhos, agradecido. Cora ainda estava viva. Por enquanto.

— Qualquer que seja seu nome, é pavoroso, não? — Lorde Ainsley estremeceu, unindo-se à nossa conversa. — Graças a Deus ele pelo menos está atacando apenas no East End. Quando chegar a nosso meio, teremos de nos preocupar — disse, com uma gargalhada alta. Lancei um olhar para Violet, que se aproximara de Charlotte. Seu vestido e seus maneirismos eram quase indistinguíveis dos de Charlotte e ninguém imaginaria que ela não era da mesma estirpe. Ainda assim, a frivolidade despreocupada de lorde Ainsley sobre a classe inferior, a classe de Violet, fez meu estômago revirar.

— Ele escreveu uma carta ao *Courier* — disse Samuel. — Deixe-me ver se encontro. — Samuel sentou-se em uma das cadeiras brancas e, cruzando as pernas na altura do joelho, deu um pigarro e começou a ler.

— O endereço do remetente diz “Do Inferno”... — começou ele.

As palavras golpearam meus ouvidos e cambaleei, procurando me sentar. Não conseguia respirar. *Do Inferno*. Talvez fosse alguma brincadeira terrível, mas não pude deixar de me perguntar se haveria alguma verdade nisso. Seria Klaus, ou alguém ainda pior? Segurei-me na beira da mesa, procurando apoio, e senti Violet virar-se e olhar para mim.

— “Do Inferno”... Mas será este endereço pior do que “Whitechapel”? — Samuel bufou.

— Nunca estive lá — disse uma garota bonita e ruiva enquanto tomava um longo gole de champanhe. — É tão horroroso como dizem?

— Pior! — disse Samuel, entre risos. Voltou a olhar o jornal. — “A Scotland Yard e a polícia de Londres trabalham 24 horas por dia, mas as pistas para os horrendos assassinatos são poucas e raras...”

Parei de ouvir e me afastei alguns passos do grupo. Dali, a cena que se desenrolava parecia idílica: só um grupo de jovens ricos e despreocupados

desfrutando de seus privilégios. O que eles fariam se soubessem que havia um monstro em seu meio? E não aquele de quem eles riam agora?

Do Inferno. A cada pista, eu tinha uma certeza maior de que Klaus estava em Londres. A grande pergunta era: por que Damon não se importava?

Klaus era efetivamente do Inferno — era seu legado. A maioria de nós, vampiros, fora transformada nas mãos de outro vampiro. Lexi foi transformada por um amante, Damon e eu por Katherine e havia milhões de outras histórias como a nossa no mundo dos vampiros. Mas havia também os Originais, vindos do próprio Inferno. Nunca viveram um só ano como humanos. Não tinham humanidade para moderar os instintos e, como tais, eram brutais e perigosos.

Estremeci, embora o ar estivesse parado, sem nenhuma brisa para balançar os olmos acima de nós.

— Está se sentindo bem, senhor? — perguntou um mordomo, aproximando-se de mim. Estendia uma travessa de sanduíches de pepino.

Peguei um. O pepino desceu pegajoso por minha garganta e quase vomitei com a umidade do pão. O sanduíche nada fez para diminuir minha fome. Claro que não. Mas, a essa altura, só de pensar em sangue ficava nauseado.

Dei meia-volta e juntei-me novamente ao piquenique, o sanduíche acomodando-se como uma pedra em meu estômago. Quando voltei, a conversa vagara para assuntos mais leves: o verão estranhamente quente, o fato de que ninguém parecia mais inclinado a ir para suas casas de campo no fim de semana e a criação recente de festas secretas nas docas de Canary Wharf.

— Uma palavrinha? — perguntei, puxando Damon do grupo e abrindo certa distância, caminhando em direção ao jardim bem-cuidado que cercava a casa. O cheiro de rosas era denso no ar e, por um instante, fui transportado a nosso labirinto em Mystic Falls. Era lá que nós dois disputávamos a atenção de Katherine enquanto a acompanhávamos em caminhadas vespertinas, antes de termos alguma ideia do jogo perigoso que fazíamos.

— Sim, mano? — perguntou Damon, suspirando com impaciência. Obriguei-me a olhar em seus olhos negros, nada parecidos com os de meu irmão humano. Damon estava diferente. Eu estava diferente. Era hora de eu parar de pensar no passado.

Um sorriso lento se abriu em seu rosto e acompanhei seu olhar ao lençol que joguei de lado quando chegamos.

— Isto é seu? — perguntou Damon. — Não gostou? É algodão egípcio autêntico, digno de um rei.

— Era para o piquenique — eu disse. — Não sabia que seria tão formal.

— Roubando roupa de cama do hotel Cumberland. — Damon balançou a cabeça. — Será que você enfim desenvolveu uma inclinação para a maldade? Isso o tornaria quase interessante.

— E suponho que, se fosse você, estaria roubando o sangue das criadas do hotel, não? — perguntei. — Estou preocupado com o Estripador — acrescentei. Peguei um botão de rosa e o arranquei do caule, sentindo a maciez aveludada das pétalas cor-de-rosa. Apesar de meu desejo, só um segundo atrás, de esquecer o passado, minha mente voltou ao jogo de *bem-me-quer, mal-me-quer* com que Katherine me torturava.

Puxei uma pétala. *Confio nele, não confio nele*, pensei enquanto deixava cair na grama cada fragmento sedoso da flor.

— Você está preocupado com o Estripador. — Damon escarneceu. — Por quê? Você é uma mulher? É uma prostituta? Porque estas são as vítimas dele. Você está obcecado, mano! Encontre uma mulher por quem ficar obcecado, é mais vantajoso.

— Sim, tenho certeza de que é vantajoso correr e pegar champanhe a cada estalo dos dedos de Charlotte. As coisas que você faz por sangue são admiráveis, mano. Tenho de admitir — falei, satisfeito por conseguir me sair bem quando se tratava de ofender Damon. Sempre que fazia isso, sentia um leve aumento no respeito que meu irmão nutria por mim. Não era muito, mas era alguma coisa. E se havia algo que aprendi lidando com Damon, era que ele só participava de jogos segundo suas próprias regras.

— Não estou obcecado, estou preocupado. E você sabe por quê! — Ainda sentia que Damon escondia alguma coisa. Ou, se não estava escondendo nada, certamente não fazia nenhum esforço para que eu percebesse. — Sei que você e eu temos uma história juntos. Uma história medonha e sangrenta. Mas estou estendendo uma bandeira branca. Tudo o que quero, se não podemos ser amigos, é que não sejamos inimigos. Não quando há coisas demais em jogo para nós dois.

— Poupe-me do discurso. — Damon bocejou. — Já ouvi tudo isso. Estou tão *enjoado* da sua falação! Você só fala, fala, fala. E jamais muda. Tive as mesmas conversas com o mesmo tipo de gente repetidas vezes. Estou entediado, mano — disse ele, olhando-me bem nos olhos.

— Então, tudo bem — enfim falei. Não era um pedido de desculpas por qualquer esforço de imaginação, mas o que eu esperava que Damon quisesse dizer era que ele estava entediado de seu juramento, que mesmo que ele não tivesse interesse em ressuscitar nosso vínculo, pelo menos não sentia mais o impulso de continuar uma rixa. — Assim, vamos entender o que está acontecendo. Estou preocupado com Jack, o Estripador, porque creio que ele pode ser um Original. Creio que pode ser Klaus. Está atrás de nós. Ou, mais provavelmente, está atrás de você. Deve estar. Porque aquele bilhete, em sangue... — Interrompi-me, tentando de algum modo conseguir que Damon reconhecesse a importância da questão. — Não é apenas uma brincadeira. Parecia o recado na parede dos Sutherland. Então, o que isso significa?

Damon abanou a mão na frente do rosto como se enxotasse uma mosca.

— Significa que você é obcecado por vampiros, mano. Por que Klaus só mataria uma mulher de cada vez, se pode matar dezenas? E por que ele brincaria com a imprensa dessa maneira? Tudo me parece muito *humano* — disse ele com desdém.

— Mas “Do Inferno”... — estimulei-o.

Damon revirou os olhos.

— Para alguém que sempre tem o nariz metido num livro, você leva as coisas literalmente demais. Sugiro que pare de bancar o detetive. Por que não se diverte? Tem uma linda garota, está numa nova cidade... Relaxe. —

Damon me olhou criticamente. — Ou talvez *abasteça*. Quando foi a última vez que se alimentou?

— Ontem à noite — improvisei, na evasiva.

— Mas não de sua garota — observou ele, estreitando os olhos para Violet. Acompanhei seu olhar ao pescoço branco e imaculado.

— É claro que não. — Balancei a cabeça. — Não me alimento de humanos.

— Bem, deveria. Vai aquietar sua mente. Pense nisso. Pode esquecer esse absurdo desagradável do Estripador e entrar para a sociedade de Londres. Você pode se divertir... mais do que jamais imaginou.

Suspirei, imaginando como seria: festas intermináveis, beijos intermináveis, anos incessantes de diversão. Era a vida que Damon escolhera. Senti um lampejo de dúvida. Será que ele teria razão? Seria este o segredo para a felicidade eterna, fazer o que parecia bom no momento?

— Vou lhe dizer uma coisa, mano — disse Damon, sentindo minha hesitação. — Vá para Paris. Afaste-se dessa história desagradável. Se for Klaus, ele o encontrará onde quer que esteja e, se for um humano estúpido, será apanhado daqui a algumas semanas.

— E se for *ocê*? — perguntei incisivamente.

— Se for assim, claramente aconteceu enquanto eu estava sob a influência de uma quantidade copiosa de sangue saturado de álcool. — Damon revirou os olhos. — O que é isso, mano. Me dê algum crédito. Por que eu cometeria assassinatos tão negligentes em uma região tão indesejável?

Assenti. Era um bom argumento. E também era um bom argumento que talvez o melhor para mim, para minha própria paz de espírito, fosse simplesmente ir embora. Mas isso não era possível. Não podia sair de Londres antes de sentir que Violet estava em segurança. E Violet só ficaria em segurança quando o Estripador fosse encontrado. Balancei a cabeça.

— Violet tem de trabalhar na taberna esta noite. Eu a acompanharei, para ver se descubro mais alguma informação. — Interrompi-me por um momento. — Venha comigo.

— Ir com você? A um bar infestado de ratos? Não, obrigado.

— Você disse que está entediado. Disse que é sempre a mesma coisa. Por que não fazer algo diferente? Além do mais... — Respirei fundo. — Você me deve uma.

Callie.

Não precisei pronunciar seu nome. Vi algo cintilar nos olhos de Damon.

— Está bem. Mas beberei champanhe e quem vai pagar é você.

Sorri com afetação.

— Nada de champanhe, mano. Só cerveja.

— Meu bom Senhor, eles não sabem nada da civilização em Whitechapel? Está bem. Desfrutarei de uma cerveja.

Pestanejei, certo de ter entendido mal. Mas Damon tinha o mesmo sorriso leve que mostrava ultimamente, os olhos azuis refletindo meu rosto em suas pupilas negras.

— Quer dizer que você vai? — perguntei, com evidente surpresa em minha voz.

— Claro. — Damon deu de ombros. Deu meia-volta, prestes a se reunir à festa, antes de olhar para mim.

— Obrigado — falei depois de um segundo. — O Ten Bells, em Whitechapel. Encontre-me às dez. E tenha cuidado.

— “Tenha cuidado.” — Damon zombou de mim. — Por quê? Se encontrar um vampiro pelo caminho? Uma distração seria bem-vinda. Como eu disse, estou *morto* de tédio. — Damon voltou ao grupo.

Eu o segui lentamente. Damon estava fazendo minha vontade. Eu devia ficar feliz. Então, por que não conseguia ignorar o nó na boca do estômago?

De algum modo, sobrevivi ao resto da festa. A única coisa que me salvava de meus pensamentos obsessivos era Violet. Estava encantada com tudo, e os amigos de Damon pareciam igualmente encantados com ela. Acharam seu sotaque cativante, e Charlotte e suas amigas atrizes pareciam gostar da veneração digna de um herói que Violet lhes devotava. Damon, por sua vez, manteve distância e passou a maior parte da festa à parte, fumando com Samuel. Sentei-me afastado de todos, lendo a carta do assassino sem parar, na esperança de que houvesse alguma pista nas palavras. O Estripador enviara a carta junto com o que dizia ser um rim de uma das vítimas. Meu estômago se revirou; menos, porém, do que quando li a última frase de sua carta.

Peguem-me enquanto puderem.

Era endereçada ao repórter do jornal. Assim, o assassino tinha de saber que a carta apareceria na publicação. Seria alguma mensagem codificada para mim, ou para Damon? Seria um desafio?

Estaria eu disposto a aceitar?

Isso é o que ainda não sabia enquanto sentava no Ten Bells naquela noite. Acompanhei Violet a seu turno de trabalho, sem querer que ela se arriscasse por Londres, sozinha no escuro. Ela insistiu em usar o vestido novo, de

modo a estar preparada se recebêssemos um convite de última hora de Damon a uma festa. Mas, embora estivesse de avental, o vestido já estava coberto de manchas de cerveja e uísque. Eu sabia que ela estava infeliz. Pelo menos, porém, estava a salvo.

Remexi-me, inquieto, em minha cadeira e olhei sombriamente para a entrada. Sempre que o sino soava, anunciando um novo freguês, eu me animava, certo de que era Damon, até ver entrar outro operário de construção embriagado ou mulher exageradamente perfumada. É claro que ele não viria. Havia sido um tolo em acreditar nele, e mais ainda por ter me sentado esperando por ele nas últimas horas. Quando é que pararia de depender dele?

— Olá, Stefan. Gostaria de alguma coisa? — perguntou Violet ao vir à minha mesa, de ombros arriados, melancólica. O cabelo estava suado e puxado para trás, seu batom tinha borrado e ela não estava nada parecida com seu alter ego da atriz americana glamourosa. Pior ainda, ela sabia disso.

— Uma cerveja preta, por favor — eu disse quando a olhei nos olhos. Abri-lhe um sorriso, mas não fez diferença em seu estado de espírito.

Ela assentiu.

— Estou louca para sair daqui — disse ela, com a voz se transformando em um sussurro. — Antes, eu não sabia o que estava perdendo, então não parecia tão horrível. Mas agora, sabendo que todos estão bebendo e dançando enquanto estou aqui... — Ela suspirou, seu lábio inferior rosa-claro tremia.

— Nem tudo que reluz é ouro — adverti em voz baixa, tirando da memória um verso de Shakespeare de que pouco me recordava. Algo no estilo me tranquilizou e tive esperanças de que causasse o mesmo efeito em Violet.

— Nem tudo que reluz é ouro — disse Violet, testando a frase. Sorriu com ironia. — Isso é bonito — disse ela, um pouco consigo mesma. — Não queria me queixar, é só que...

— Eu sei. Mas isso não vai durar para sempre.

— Como sabe? Stefan, isto é o que eu sou. Posso fingir e me produzir, mas é só atuação. Esta é a realidade — disse ela com tristeza. — Pegarei sua bebida. — Ela se virou e se afastou.

Pensei no que ela disse. Ela era sensata para sua idade. Será que eu ainda aprenderia a mesma lição?

Recostei-me na cadeira. Cerca de uma hora antes, quando Violet estava ocupada servindo ao grande grupo de homens que jogavam pôquer, eu havia escapulado para caçar. Bem na margem do Dutfield Park, consegui matar um pombo gordo, pegando-o desprevenido enquanto ele bicava uma crosta suja de pó alojada entre as pedras do calçamento. O gosto acre ficou em minhas papilas gustativas. O sangue era frio e fino e tive de resistir ao impulso de vomitar, mas era o sustento de que eu precisava para me fazer parar de olhar cheio de desejo os pescoços lisos das mulheres que circulavam pela taberna.

Mesmo com o barulho, ouvi o sino indicando entrada de outro freguês. Nem me incomodei de levantar a cabeça. É claro que não seria Damon. Ele não se importava com as mortes e estava claro que não se importava com Klaus, nem com qualquer um dos Originais. Estava inteiramente satisfeito, embriagando-se e se alimentando de Charlotte. Talvez assim fosse melhor...

— Assassinato! — Um homem de cara vermelha cambaleou para dentro, seu corpanzil praticamente caindo no balcão. Era o mesmo bêbado que alegara me conhecer na outra noite. Senti meu estômago se apertar enquanto a taberna ficava silenciosa como uma igreja. — Assassinato! — grasnou ele de novo. — Na praça!

O homem desabou, as mulheres gritaram e, antes que pudesse me deter, estava me deslocando na velocidade de vampiro bar afora, esbarrando em uma das mesas ao passar. Quando cheguei à rua, o cheiro de ferro estava por todo lado, enchendo minhas narinas e provocando uma ardência em meu peito. O cheiro vinha do leste. Parti para lá, já sentindo as presas inchando, afastando qualquer temor de meu cérebro.

Parei de repente com uma visão diante de mim. Ali, a poucos passos de distância, iluminada pela lua e amarfanhada no chão, estava uma garota de

vestido vermelho. Suas saias estavam tortas, o rosto virado era pálido e os olhos azuis, fixos no céu. Reconheci-a como uma das meninas que estivera na taberna duas noites antes. Caí de joelhos a seu lado, aliviado quando vi que seu peito subia e descia.

Lambi as presas e me curvei, ansioso para provar o sangue quente e suculento que escorria de seu pescoço e enrodilhava-se em seu cabelo. A trilha brilhava como um líquido rubi e eu queria mais do que tudo provar, queria um segundo para matar a fome incessante.

— Não — falei em voz alta, desejando que minha mente racional controlasse meus instintos. Levantei-me, rompendo o feitiço entre minha natureza e o sangue. Eu sabia o que tinha de fazer para salvá-la. Sem pestanejar, levei o punho à boca e cortei minha carne com as presas. Estremecendo, apertei a ferida nos lábios rosados da garota.

— Beba — eu disse, procurando ver se havia algum sinal de comoção. Cheguei à garota bem mais rápido do que qualquer um poderia se viajasse na velocidade humana e normal, mas não demoraria para que outros espectadores da taberna nos encontrassem. E eu não podia ter alguém vendo o que fazia. Contudo, sem o meu sangue, ela morreria.

De longe, ouvi os sinos altos e ressoantes de uma carruagem da polícia. Eu precisava partir logo. Se a polícia me visse naquela posição, concluiria que o agressor era *eu*.

— *Beba* — ordenei com mais intensidade, pressionando meu pulso na boca aberta da mulher.

A garota tossiu antes de sugar meu punho.

— Shhh, já basta — falei, afastando o braço e colocando-a sentada.

Naquele momento, vi uma sombra se avolumar atrás de nós. Girei o corpo, o medo gelando minhas veias. Prédios de tijolos cercavam a viela, fechando-nos ali.

— Quem vem lá? — perguntei, minha voz ecoando nas paredes da viela.

E então ouvi um riso longo, baixo e demasiado familiar, e Damon virou a esquina, com um charuto aceso na boca.

— Salvando o dia de novo — disse ele, com um sorriso irônico. Jogou o charuto no chão e as cinzas brilharam no escuro. A meu lado, a garota se mexeu, gemendo e suspirando como se estivesse nas garras de um terrível pesadelo.

— Ele está *aqui* — falei, aos sussurros.

— Quem, o assassino? — Damon se ajoelhou e olhou a garota. Seus dedos roçaram o ferimento no pescoço. — Isto é obra de amador. Só um vampiro bebê que não sabe se comportar. Se o encontrarmos, meteremos uma estaca nele pelo incômodo que está causando. Mas ele não é uma ameaça — disse Damon, sorrindo enquanto limpava um filete de sangue ao lado da boca da menina.

— Mais... — A garota ofegou, agarrando o ar diante dela. — Mais! — Ela soltou um grito estrangulado e desabou contra o pavimento.

— Meu tipo de garota. — Damon sorriu. — Infelizmente, não há mais. Stefan decidiu que você já teve o bastante — disse ele numa voz cantarolada. — Stefan sempre gosta de controlar as pessoas — acrescentou, enigmaticamente.

Olhei, desconfiado. Poderia esta ser uma armadilha criada por *Damon*? Ele já havia feito isso antes — quase matou uma garota só para me atrair a seu resgate. Havia sido em Nova York pouco antes de Klaus e Lucius derrotarem Damon em seu próprio jogo, quase matando a nós dois. Eu estava a ponto de lembrá-lo disso quando uma sombra ondulante chamou minha atenção.

Era a figura de um homem, de cartola, no final da viela. Levantei-me de um átimo.

— Viu isso?

Damon assentiu, arregalando um pouco os olhos.

— Vá. Eu cuidarei dela.

Tomei a decisão rápida de confiar em meu irmão. Ele era tudo que eu tinha.

Parti para a sombra, a vários metros de distância de onde Damon e eu estávamos agachados, com a menina.

A sombra também correu, virando a esquina na direção do rio. Parti atrás dela. Minhas pernas bombeavam como pistões e eu corria numa velocidade crescente, meus pés mal tocando o chão. Ainda assim, a figura ficava um pouco à minha frente, sempre, disparando para um lado e outro, aproximando-se do Tâmis.

Mais rápido, cochichei comigo mesmo, instando-me a correr. As construções passavam por mim num piscar de olhos e eu sabia que estava no máximo de minha velocidade. Fragmentos voavam em meu rosto e provocavam ardência nos olhos, e o vento assoviava em meus ouvidos. Ainda assim, por mais rápido que eu me estimulasse a correr, não conseguia alcançar o criador da sombra, um homem alto e magro que agora eu sabia, sem dúvida alguma, não era humano.

Corremos, mais e mais velozes, para o rio. Eu ouvia uma multidão de gente ao longe, mas não olhei por sobre o ombro. Toda minha atenção era dirigida ao homem da sombra, que acelerava a cada passo. Agora o rio estava à plena vista, a lua lançava um brilho fraco na água negra como breu. Estávamos a cem metros, depois cinquenta... Ele pularia?

— Pare! — chamei, minha voz soando como um clarim no escuro. Meus pés bateram nas tábuas irregulares de um cais, mas o vampiro desaparecera. Havia um píer abandonado de um lado, um armazém do outro, mas nenhum sinal do assassino. Os sinos da polícia soavam nas vielas. Olhei loucamente para todo lado.

— Mostre-se! — exclamei. Meu olhar se fixou no armazém. Teria ele entrado ali? Parti para lá, subindo em uma caixa de leite virada para ter uma visão do interior por uma das janelas.

As janelas estavam foscas e sujas. Semicerrei os olhos, mas, mesmo com meus sentidos ampliados, não conseguia distinguir nada ali dentro, embora soubesse que o vampiro estava lá. Tinha de estar. Não queria entrar e me encontrar em uma armadilha mortal. E eu sabia que se ficasse ali a polícia logo me encontraria — e o outro vampiro. Um vampiro encurralado pode facilmente dar cabo da polícia, e isto poderia levar a mais derramamento de

sangue. Mas eu não podia entrar no armazém sozinho. Não havia o que fazer, senão voltar a Damon para elaborar um plano.

Dei um chute na lateral do armazém, frustrado, mas ouvi um som. Foi tão sutil que pensei ter sido das ondas do rio batendo nas docas, até que percebi não ser nada disso. Era um riso. Virando-me, parti para a taberna.

Ao contrário da hora anterior, quando voltei, o Ten Bells tomara uma atmosfera sóbria. Velas estavam acesas, conhaque fora servido e quase toda mesa estava ocupada por um policial tomando depoimentos dos vários fregueses que ocupavam a taberna quando o bêbado entrou gritando “assassinato”.

— Eu vi a garota. Ela estava deitada no próprio sangue — insistia ele em dizer, com a cara vermelha. — Eu lhe *falei*, não havia mais ninguém.

Eliza aproximou-se de mim, segurando um copo de conhaque.

— Fiquei tão preocupada com você! — disse ela. — Você saiu correndo e pensei “esse sujeito vai acabar se matando.” Como está a Martha? — perguntou ela.

— Não sei — respondi. Martha devia ser a garota. Será que Damon a trouxera? Tive um vislumbre de Violet, enchendo copos de conhaque com a maior rapidez possível ao balcão. Sua cara estava branca de medo.

— Violet! — chamei, aliviado ao vê-la. — Onde está a garota? Está viva? — perguntei bruscamente.

— L-l-lá em cima — gaguejou ela, demonstrando medo e cansaço. — Damon a levou para meus antigos aposentos. O m-m-médico deve chegar a qualquer minuto — explicou.

— Muito bem. — Segurei sua mão e ela se retraiu, claramente tensa. — Desculpe-me. Quero que você saiba...

— O quê? — perguntou Violet.

— Onde está sua verbena? — indaguei, subitamente em pânico.

— Verbenas? — Ela me imitou.

— Sim. O amuleto que eu lhe dei.

— Está aqui! — disse Violet, tirando do bolso. — Este lugar é frequentado por um público da pesada, assim prefiro não usar joias. Mas gosto dele.

— Ótimo. Tive medo de que você o tivesse perdido — eu disse. Curvei-me e plantei um beijo em sua testa. — Coragem.

— Tudo bem — disse Violet, de olhos arregalados, sem a menor ideia de que estava concordando.

Corri para cima, subindo a escada de madeira de dois em dois degraus até chegar a uma porta que levava ao quarto mínimo com o teto inclinado. Duas camas finas de ferro batido ocupavam lados opostos do cômodo e uma única vela queimava em um castiçal de peltre precariamente colocado em uma caixa de laranja virada. Damon não estava à vista. Na confusão, todos pareciam ter se esquecido de Martha. Estava deitada sozinha em uma das camas. Embora seu pescoço tivesse um curativo, o sangue ainda escorria do ferimento, formando uma poça vermelha e pegajosa junto da orelha.

Sentei-me na beira da coberta de flanela esfarrapada e passei minha mão calejada na testa da menina. Não era preciso um médico para saber que ela ainda estava em estado terminal. Sua respiração era presa, ela ofegava. Só o que eu ouvia era um *tum-tum-tum* muito fraco vindo de seu peito.

Baixei os olhos para meu punho. A ferida que criara menos de uma hora antes já desaparecera. Mas embora a marca tenha se curado, eu ainda me sentia esgotado e sabia que precisava ter muito cuidado com minhas próprias reservas de sangue. Mesmo assim, ela precisava de algo mais do que eu lhe dera. Levei o braço à boca e cravei os dentes em minha carne, estremecendo enquanto sentia o enjoo piorar.

— Tome — eu disse, segurando com uma das mãos a cabeça da garota. — Beba. — Pus meu punho em seus lábios.

Guiada pelo instinto, a garota começou, hesitante, a chupar até que retirei o braço. Sua cabeça tombou para trás e um sorriso de satisfação sonolenta brincou em seus lábios. Neste momento uma porta se abriu e entrou um homem de casaco branco, trazendo uma bacia de água.

— É um amigo? — perguntou ele com firmeza.

— Meu nome é Stefan — falei, colocando a mão às costas e apertando no tecido do casaco, na esperança de que ele não notasse a ferida. — Eu a encontrei.

— Muito bem — disse o homem. — Pode ficar por um momento, mas precisarei de algum tempo a sós com a paciente.

— Sim, é claro — concordei, aliviado por ele não ter achado estranho que eu estivesse aqui. A garota começava a se agitar. Despertaria logo. Fiquei enquanto ele se aproximava, querendo ter certeza de que ela estava bem.

O médico pegou uma toalha e mergulhou na bacia, colocando-a na testa da garota. Os olhos dela se abriram e se fixaram nos meus. Depois, suas feições ficaram petrificadas e um grito espantoso saiu de seus lábios.

— Assassino!

O médico recuou, chocado, quase deixando cair a bacia. Seus olhos foram imediatamente à porta, como se pensasse em gritar por ajuda.

— Shhhhh, você está a salvo — falei. — Sou seu amigo. Eu sou amigo dela! — acrescentei, desesperado, virando-me para o médico.

— Assassino! — Ela gritou de novo, as lágrimas brotando dos olhos. — Socorro!

— Ela deve estar em choque — tentei explicar ao médico, na esperança de que fosse uma justificativa clínica para seu comportamento e não o que eu temia: que ela pensasse que *eu* era seu agressor.

O médico concordou com a cabeça, embora eu não pudesse ter certeza se ele só estava concordando para apaziguar um suspeito de crime.

Uma escuridão formava-se aos poucos em meu cérebro, ameaçando levar-me a um desmaio, mas invoquei todas as minhas forças. Ela precisava se acalmar. Se pensava que eu era o assassino porque lembrava-se de mim ajoelhado a seu lado, salvando-a, ou se pensava que eu era o assassino porque alguém a influenciara a assim pensar, eu precisava corrigi-la.

— Escute-me — disse eu à garota, imbuindo minhas palavras de Poder. Ela parou no meio do grito. Repentinamente, o quarto ficou em tal silêncio que era possível ouvir um alfinete cair. — Sou seu amigo. Sou Stefan. Eu encontrei você. Eu a salvei. Você agora está em segurança. Não há nenhum

assassino aqui. — Foi preciso tudo que eu tinha para fixar meu olhar na garota. Felizmente, seu estado enfraquecido tornou possível a influência. Ela assentiu e virou-se para o médico.

— Boa menina — encorajei em voz baixa. — Ela é toda sua — falei ao médico. Tinha acabado de escapar por pouco e não queria arriscar a sorte ficando um segundo a mais do que o necessário. A expressão dele me fez pensar que não seria preciso influenciá-lo. Ele começava a relaxar e voltar a seu trabalho.

Desci a escada a passos pesados e entrei na taberna, onde vi meu irmão, rindo como se nunca tivesse se divertido tanto na vida.

Ao entrar na parte principal da taberna, fui ao balcão para pegar uma bebida e me recompor. Será que Martha havia sido influenciada para acreditar que eu a atacara? Será que *Damon* a influenciara? Era possível e, quanto mais eu pensava, mais isso fazia sentido. Ela mal tinha aberto os olhos quando me culpou. E no início não me dera ouvidos, mas simplesmente gritara, como se estivesse preparada para assim agir. Só duas pessoas podem tê-la influenciado a pensar dessa maneira: o vampiro que persegui nas docas ou Damon, depois que o deixei com ela.

Pedi um uísque e virei-me para as mesas. Eu podia interrogar um dos suspeitos naquele exato momento.

— Olá, mano! — disse Damon num tom agradável, estendendo-me o copo como forma de saudação. — Creio que o tumulto tenha o distraído de seus deveres para a noite. Você não estava encarregado da nossa conta do bar? — perguntou, na expectativa. — Pedi alguns uísques a mais do que pretendia, mas acho que se justificam, em vista das circunstâncias.

— Por que você fez isso? — sibilei ao me sentar na cadeira de frente para ele. Eu ainda pensava no grito agudo da garota.

— Fiz o quê? — perguntou Damon com inocência, tomando outro gole da bebida.

— Você sabe do que estou falando — respondi severamente.

— Não, na realidade não sei. Lamento se fui insatisfatório ao bancar a ama-seca para uma garota anônima. Como foi sua caçada ao assassino? —

Ele arqueou uma sobrancelha.

Não estou fazendo joguinhos. E não me importa se você não quer ajudar, mas sei que o assassino é um vampiro, disse eu a meia-voz, num tom baixo o bastante para que apenas Damon ouvisse. Na realidade, pensei ter visto um vago lampejo de surpresa atravessar seus olhos. *Não consegui alcançá-lo.*

E daí?, perguntou Damon depois de uma pausa. *Em todos os seus anos de perambulações, você nunca encontrou outro de nós, fora daquela casa de vampiros aberrantes em que você e Lexi moravam em Nova Orleans? Você sempre parece tão surpreso. Nós matamos, mano. Não é novidade nenhuma. Nem é particularmente interessante. Só o que interessa nisso é ver você aprender essa lição, todas as vezes. Será que isso não lhe ensinou a parar de se intrometer? Ninguém gosta disso. Nem humanos, nem vampiros,* disse Damon, ainda sorrindo.

Um arrepio subiu por minha espinha. Teria Damon armado para me culpar pelos assassinatos? Seria *este* o seu grande plano? Porque ele sabia que eu tentaria ajudar. Não conseguia deixar de me envolver demais nos problemas humanos.

Não procuro por problemas, falei simplesmente. E também não os crio.

Bem, talvez devesse. Podem ser divertidos. É claro que este problema é estúpido, negligente e está bêbado de sangue, e deixando para nós a parte de limpar seu trabalho porco...

— Mas que sentido tem? — perguntou Damon em sua voz normal.

— O que quer dizer? — perguntei.

— Digamos que você o encontre. E depois? — perguntou ele, unindo os dedos e pousando o queixo neles.

— Depois eu... — Debati internamente. Eu o mataria? Levaria à polícia?

Damon me olhava com uma expressão irônica.

— Está vendo? Você antigamente pensava demais. Agora não pensa nada. Sempre achei que lhe faria algum bem ser mais impulsivo, mas sua impulsividade não o leva a lugar nenhum. E sabe por quê? — perguntou ele, curvando-se para se aproximar de mim, de modo que eu podia sentir o

cheiro doce e delicioso de sangue em seu hálito. Mas era o sangue de Charlotte? Ou de Martha? Ou seria de outra pessoa inteiramente diferente?

— Por quê? — perguntei. O cheiro do sangue era dominador.

— Porque você não faz isso por si mesmo. Faz pela humanidade. Pelo bem maior — disse Damon, o sarcasmo vertendo de sua voz. — Mas lembre-se, não fazemos mais parte da humanidade.

— Então, por que você está constantemente influenciando para entrar em círculos sociais e brincando com as pessoas? Por que insiste tanto em ser Damon, o duque, ou Damon, o visconde? Se não fazemos parte da humanidade, por que você não se desliga da sociedade? — perguntei. Apesar de minhas palavras, eu não sentia raiva dele. Só queria compreender o que Damon procurava.

— Aonde eu iria? — perguntou ele de volta com uma expressão distante. Mas, subitamente, sorriu, fazendo com que seu olhar penetrante parecesse nada mais do que um truque da luz. — E eu influencio para penetrar nos círculos sociais porque posso. Porque isto me intriga. E só o que importa é o meu prazer.

— É isso? — sibilei. Notei que ele se esqueceu de mencionar que seu outro impulso na vida era tornar a minha vida um inferno. Contudo, me contive e não disse nada.

— Sim. Bem, mano — disse Damon de súbito, terminando o uísque e estalando os lábios. — Esta foi uma noite divertida, mas, se me dá licença, tenho planos para o jantar.

— Ótimo — respondi, sem querer ouvir o que esses planos envolviam. Enquanto Damon se levantava para sair da taberna, Violet aproximou-se de nós.

— Já vai embora? — perguntou Violet, de cenho franzido.

— Lamento muitíssimo, mas, como estava dizendo a Stefan, tenho um jantar que não posso perder — disse Damon, de pé e beijando sua mão.

— Mas é tão tarde. — Violet fez beicinho.

— Sim, mas eu a verei amanhã. Não verei, querida? — perguntou Damon.

— A festa nas docas de Canary Wharf! Claro! — Violet sorriu.

As docas? Talvez a sombra fugitiva estivesse lá, se os convidados incluíssem mortos-vivos.

— Será uma festa de matar — disse Damon com um sorriso malicioso que deu arrepios em minha pele. Era este o problema: quando éramos humanos, Damon tinha seu lado sombrio, mas era sempre ele mesmo. Agora, eu nem imaginava onde estava meu verdadeiro irmão ou no que eu devia acreditar.

— Estaremos lá — confirmou Violet com firmeza.

— Vejo você mais tarde, mano — disse Damon enquanto saía pela porta sem olhar para trás.

Levantei-me também, dominado por uma onda de vertigem.

— Vamos, Violet — pedi.

Ela assentiu, sem se incomodar a dizer a Alfred que estava saindo. Não importava. A taberna parecia um posto avançado da central de polícia. Na realidade, a maioria dos clientes agora eram os oficiais, repassando suas anotações e subindo para ver Martha. De vez em quando, olhavam para mim e escreviam alguma coisa em seus blocos. Eu não podia ficar mais tempo ali.

Violet enganchou o braço no meu e fomos para nosso hotel. Ela estava calada e abatida, imersa nos próprios pensamentos. Era claro que os acontecimentos da noite faziam com que se lembrasse de Cora, e eu não tinha mais palavras para reconfortá-la.

— Você está bem? — perguntou Violet numa voz fraca enquanto chegávamos ao tapete escuro e felpudo do hotel. Era tão meigo ela se preocupar comigo numa hora dessas que senti meu coração quase se romper.

Obriguei-me a sorrir.

— Vou ficar — disse. Mas ela sabia que eu mentia. A morte me cercava e era só uma questão de tempo até que desmoronasse sobre mim; ou que eu me libertasse. Fosse como fosse, haveria sangue.

— Seu problema, Stefan, é que você não compreende a morte.

Eu estava no quarto despojado do anexo em Mystic Falls. Katherine vestia apenas uma camisola, seu corpo claramente visível por baixo do tecido leve. O cabelo preto estava preso numa trança frouxa. Eu me contorcia de desejo por tocar suas mechas sedosas, mas me continha, com medo de perder o controle depois que permitisse que minhas mãos percorressem seu corpo. E eu não queria perder o controle. Ainda não.

— Então me diga o que é a morte — pedi. Fazia poucos dias que minha noiva, Rosalyn, havia falecido. Falar com Katherine permitia que eu me esquecesse de minha culpa e entrasse em um mundo infundido de aroma de limão e gengibre, onde nada podia nos tocar; nem meu pai, nem Damon, nem a morte. Era um mundo em que me sentia seguro. Pela janela, eu via a lua cheia refletida no lago à margem da propriedade. Todas as luzes estavam apagadas na casa principal. Não havia uma só nuvem no céu. Aquele era meu paraíso.

— Por onde devo começar? — perguntou Katherine, passando a língua nos dentes pontudos. Automaticamente, levei a mão ao pescoço. Ainda estava sensível ao toque e eu sentia um golpe de prazer misturado com dor sempre que pressionava o local onde Katherine havia cravado suas presas.

— Conte-me o que você sabe — pedi, ainda um discípulo ansioso. Mantive os olhos fixos nela, enquanto Katherine andava de um lado a outro do quarto, leve em seus saltos como um felino.

— Bem, é uma questão de perspectiva. Pense em sua bela Rosalyn, por exemplo. — Katherine tombou a cabeça de lado e me olhou.

— O que quer dizer? — Eu queria saber como Katherine escapava da morte. Não sabia por que ela falava em Rosalyn. Ela sabia que eu ainda estaria de luto pela garota que nunca teve a oportunidade de ser minha esposa. E, à minha própria maneira, eu me entristecia por ela.

— Bem, você se lembra dela, não? De sua aparência e de seu cheiro? — perguntou Katherine, sua voz cantarolada.

— Claro que me lembro. — Sentia-me ofendido.

— Então, como Rosalyn pode estar morta se vive em sua mente? — Katherine arregalou os olhos castanhos para mim.

Suspirei, cansado de seus zigue-zagues existenciais. Me aproximei dela, ávido para encerrar a conversa.

Felizmente, Katherine entendeu a dica. Veio a mim e roçou provocativa os caninos em meu pescoço, o suficiente para deixar um arranhão.

— Só estou dizendo isso, Stefan. Não importa o que aconteça um ao outro, viveremos para sempre — disse ela. Enquanto eu fechava os olhos, afundou os dentes em minha pele, o mundo desaparecendo nas trevas enquanto eu me entregava.

Meus olhos se abriram de repente. Não fiquei inteiramente surpreso de ter sonhado com Katherine. Quando minha vida caminhava bem, era como se todas as minhas lembranças de Katherine existissem em um sótão mental, que eu podia passar anos sem visitar. Mas quando as coisas estavam difíceis, ela aparecia por toda parte. A questão que eu ainda não conseguia responder era se um dia escaparia de sua atração, ou se ela sempre estaria presente, insistindo nas sombras.

Mas não era o momento de pensar nisso. Estava quase na hora de pegar Violet na taberna e acompanhá-la à festa nas docas. Eu debatia comigo mesmo se a deixaria ir ou não. Tinha esperanças de que a festa me desse uma oportunidade de especular melhor onde o vampiro estaria se escondendo, ou a chance de sumir na multidão se ele estivesse procurando por mim. E eu não queria Violet no mesmo possível lugar que o assassino.

Mas então percebi que ela era dona de uma determinação feroz e certamente compareceria, independente da minha vontade.

Pelo menos eu sabia que ela estaria a salvo comigo. Se eu garantisse que sua vida não fosse levada pelo mal, talvez sua alma pudesse se tornar um grão de areia, um peso mínimo a contrabalançar as mortes e destruição insensatas pelas quais fui responsável no passado.

Ou assim ao menos eu podia esperar.

Massageei as têmporas. Nos últimos dias, eu vinha tendo uma dor de cabeça constante e persistente, zumbindo como as cigarras em um dia quente de verão. E minha permanência em Londres só piorava a dor. Levantei-me e fui ao espelho. Meu reflexo era pálido e abatido e os olhos estavam injetados. Eu parecia doente, tanto para um humano quanto para um vampiro. Por reflexo, levei os dedos ao pescoço, minha mente ainda vagando pelo sonho. A leve brisa farfalhando sua camisola branca, a centelha do lampião contra as paredes caiadas, a deliciosa dor dos dentes de Katherine afundando em minha carne... Tudo parecia demasiado real. Mas, naturalmente, por baixo de meus dedos, não havia nada, apenas a pele lisa.

Katherine estava morta — morta *morta*, não apenas mortalmente morta — havia vinte anos. Seu corpo fora queimado em uma igreja. Entretanto ela estava em todo lugar, fazia parte de mim e de Damon. E tinha razão. Na época, fui um tolo por não ter compreendido as implicações de suas palavras.

Aproximei-me da bacia e joguei água fria no rosto, chocado ao ver quanta sujeira e fuligem desaparecia na água. Londres era uma cidade suja. Mas lavar a sujeira do rosto nada fazia para limpar a escuridão de minha alma.

Notando que o sol se punha rápido, lançando sombras na parede, terminei apressadamente de me limpar e amarrei a gravata. Com a mesma pressa, fiz a então familiar caminhada pela cidade. Detestava a tensão que sentia; via com suspeita cada rosto que passava.

Violet esperava à porta do Ten Bells, com o mesmo vestido verde-esmeralda que havia usado no teatro duas noites antes. Passara delineador

nos olhos e a boca estava pintada de vermelho vivo. Embora o vestido tenha ficado lindo na noite do teatro, na taberna parecia quase espalhafatoso e seria fácil demais ela ser confundida com uma das damas da noite. Ou, pior, o alvo ideal para um assassino perverso.

— Preparada para ir? — perguntei a Violet enquanto me aproximava, estendendo o braço. Ela assentiu e o tomou, falando-me de seu dia na taberna enquanto percorríamos rapidamente as ruas calçadas de pedra na direção das docas. No caminho, vários trabalhadores assoviaram para Violet. Olhei feio para eles, retraindo-me intimamente. Parecia que éramos alvos móveis para qualquer um pelo caminho.

Ao nos aproximarmos, música irradiava de um dos armazéns. Era animada e dançante, e o burburinho que cercava o armazém não combinava com a desolação que eu vira na noite anterior. Londres lembrava-me um caleidoscópio, um brinquedo infantil que Lexi conseguira uma vez. Com um giro, a imagem na outra ponta do cilindro mudava e jamais se podia prever o que viria em seguida. Eu só esperava que as cenas que se desenrolassem para Violet e eu fossem agradáveis, e não macabras.

— Chegamos! Stefan, vamos! — disse Violet, acelerando o passo ao ver um trio de homens bem-vestidos andando para um dos depósitos mal-iluminados que ladeavam as docas.

Apressei o passo até me emparelhar com ela e passei levemente o braço pelo dela, sem querer perdê-la de vista depois que entrássemos na festa. Vários barcos subiam e desciam na água e as docas estavam tão apinhadas quanto as ruas de West End depois de um espetáculo. A brisa nos trazia a música e os risos.

Violet e eu paramos em frente a uma porta de metal rebitada e, com um olhar furtivo para mim, Violet ergueu audaciosamente a mão com a intenção de bater. Mas, antes que o fizesse, a porta se abriu lentamente.

— Ora, se não é a Srta. Burns! — disse uma voz suave e levantei a cabeça. Do outro lado da porta estava Samuel, com uma camisa branca abotoada até o pescoço e um paletó de smoking preto em seus ombros quadrados.

— Muito obrigada. — Violet corou e fez uma mesura enquanto Samuel lhe oferecia o braço.

— Olá — cumprimentei educadamente Samuel. Embora, até onde soubesse, eu nunca tenha feito nada para ofendê-lo, Samuel sempre me parecia distante. Eu supunha que se devia à minha posição na vida; que ele pudesse ver, por minhas mãos calejadas e a barba por fazer, que eu não estava acostumado com seu mundo. Suponho que eu simplesmente devesse me sentir feliz por ele não dedicar o mesmo desdém a Violet, mas, ainda assim, o esnobismo me irritava. Talvez eu compreendesse um pouco por que Damon queria desesperadamente ser aceito pela sociedade.

— Stefan — disse Samuel, um leve sorriso cruzando seu rosto. — Que bom que pôde vir. — Parecia que esta noite eu não era o único a me forçar a ser educado.

O ar estava denso do cheiro de perfumes e fumaça de cigarro. Candelabros estavam mal-empoleirados em cada superfície plana e era um milagre que não tivesse começado um incêndio. Ainda assim, todo o armazém estava na penumbra, impossibilitando saber quem era quem, a não ser que você se postasse bem na frente das pessoas. No canto, uma banda tocava uma música de metais que não reconheci e parecia bater, ritmada, em minha cabeça. Eu havia me enganado em me preocupar que a vestimenta de Violet fosse inadequada. A maioria das mulheres trajava vestidos com corpete de decote baixo, as saias bem apertadas nos quadris. Era uma mistura de dois mundos distintos de Londres e parecia que aqui era um lugar onde o refinamento e o decoro social não importavam.

Repentinamente, ouvi um grito agudo. Girei o corpo, minhas presas inchando, pronto para atacar.

Mas tudo o que vi foi Violet no meio do salão, abraçando uma garota alta e magra como se jamais quisesse soltá-la.

— Stefan! — chamou Violet, gesticulando para mim, de olhos brilhantes. — Veja, eu tinha razão. Eu *sabia* que ela estava viva. Esta é Cora!

— Cora? — perguntei, sem acreditar, olhando atentamente para a mulher diante de mim. A multidão havia se separado um pouco para assistir ao

desenrolar do drama.

Cora assentiu, seus olhos azul-claros nebulosos e sem foco.

— Sim — disse ela simplesmente. — Eu sou Cora. — Sua voz era arrastada e melosa. Teria ela sido influenciada? Eu não sabia; não tinha nenhum parâmetro sobre como Cora costumava se comportar. Mas senti uma profunda inquietação. Havia algo errado com aquele reencontro. Era conveniente demais, depois de tanta procura.

— Você está bem? Por onde esteve? — perguntei, tentando não parecer um pai preocupado. Não queria assustá-la. Afinal, éramos completos estranhos. Mas eu precisava saber.

Violet não percebeu minhas perguntas e acariciava o cabelo da irmã como se fosse seu bicho de estimação preferido.

— Este é Stefan — explicou Violet. — Meu novo melhor amigo. Tenho *tanto* para lhe contar... — Violet espontaneamente lançou os braços no pescoço da irmã. Cora, como Charlotte, tinha uma echarpe de seda enrolada no pescoço.

— Onde você esteve? — perguntei mais uma vez, minha preocupação chegando ao desespero. Não conseguia distinguir Damon na multidão de convidados, mas tinha certeza de sua proximidade.

— Onde eu estive? — A confusão era evidente na voz de Cora. Senti meu estômago em queda livre.

— Por que isso importa? — perguntou Violet. — O importante é que Cora está bem, não é verdade? — Violet pôs a mão na nuca e soltou seu colar. Eu estava prestes a lhe dizer para ficar com ele quando ela o prendeu no pescoço de Cora. O ouro do pingente brilhava à luz das velas.

— Este é seu presente de não-vá-embora, entendeu bem? — disse Violet, com os olhos cheios de lágrimas. Cora concordou com a cabeça, mas parecia não ouvir. Olhava por sobre o ombro de Violet, claramente procurando alguém. E embora parecesse feliz por ver a irmã, não estava exultante e não parecia reconhecer inteiramente que esteve desaparecida.

Ela piscava constantemente e puxava a corrente no pescoço. Observei, em transe. Estaria ela influenciada?

Neste momento, Damon aproximou-se, trazendo uma garrafa de champanhe numa das mãos e taças na outra. Atrás dele estavam Samuel e um homem alto de cabelo louro e curto, usando cartola e terno.

— Soube que há motivo para comemoração — disse Damon enquanto retirava suavemente a rolha da garrafa. Ela explodiu com um chiado festivo e ele serviu as taças.

— Esta é minha irmã! — explicou Violet, sem tirar os olhos de Cora.

— Lindo — disse Damon, com um olhar enviesado. — Os encontros familiares são adoráveis. E eu sabia que gostava de alguma coisa em você — disse Damon, jogando o braço no ombro de Violet. — Cora também se juntou a nosso pequeno grupo há pouco tempo; é amiga do irmão de Samuel. Parece que agora somos todos da mesma família!

— Esta é *Cora* — falei, irritado. — Lembra-se?

Damon deu de ombros.

— Como eu disse, se não está no jornal, não está na mente. Minha memória piora a cada dia com a idade! — exclamou ele.

— Cale-se — rosnei.

— Isso é jeito de falar com um irmão? — respondeu Damon, sem tirar o sorriso da cara.

— Saúde, saúde! — disse Samuel, erguendo a taça em um brinde, sem saber que havia algo errado. — Às famílias. Inclusive a meu irmão, Henry — disse ele, gesticulando ao louro pálido a seu lado. À primeira vista, ele parecia ter uns 18 ou 19 anos.

— É um prazer conhecê-lo — cumprimentei, sem conseguir dar um tom educado. Mas o rosto de Henry se abriu em um largo sorriso e ele apertou minha mão com entusiasmo.

— É um prazer conhecê-lo também — respondeu com um sotaque britânico aristocrata idêntico ao do irmão. Mas sua expressão calorosa e quase ingênua era bem diferente da de Samuel, e de imediato notei que ele lançava olhares a Violet.

— Olá — disse ele calorosamente.

Violet virou-se para ele, seu rosto cheio de interesse. Eu sabia que testemunhava a passagem veloz de emoções que os humanos julgavam comum — os momentos em que um estranho torna-se algo mais, torna-se alguém que um humano pode imaginar a seu lado na velhice. No ambiente escuro, não havia como Henry saber que Violet era garçoneiro. Ela falava em sua voz bem-modulada de atriz e o vestido novo não trazia as manchas do Ten Bells. *Esta é uma época extraordinária*. Como George havia me dito, talvez Violet verdadeiramente pudesse transcender sua classe e encontrar a felicidade. Ela a merecia.

Embora Cora tivesse sido encontrada e não parecesse em más condições, eu sabia que não podia ir embora antes de resolver o mistério. Por que Damon estava sendo tão reservado? Não existia a menor chance de ele não estar envolvido com os assassinatos. A pergunta era, o que ele fizera? E com quem ele o fizera?

Olhei mais uma vez para Henry e Violet. Estavam envolvidos numa conversa, de cabeça baixa, como se os dois fossem conhecidos de longa data. Pelo menos Violet estava ocupada e com alguém seguro, o que me dava a oportunidade que precisava para procurar na festa pelo vampiro misterioso que escapara de mim na noite anterior.

Era inútil andar pela festa abarrotada. As mulheres estavam tão embriagadas que mal conseguiam ficar de pé e apoiavam suas mãos em mim, e o barulho da banda sobrecarregava meus sentidos. Saí do armazém, pensando em procurar a porta por onde o assassino havia corrido na noite anterior. Talvez ele tivesse deixado algo para trás.

O ar fresco ajudou a clarear minha mente. Comecei a contornar o armazém, procurando por uma janela ou porta familiar. E então, quando o vento aumentou, senti o cheiro.

Era um cheiro de sangue — quente, crescente e próximo.

Trinquei os dentes. O cheiro deixava-me ao mesmo tempo nervoso e ávido para me alimentar. O assassino devia ser um dos convidados da festa. Mas quem seria ele? Ou — e este foi o pensamento que mais me apavorou — teria ele já agido e a fragrância no ar era de uma morte recente?

Foi essa possibilidade que me incitou a correr de volta ao armazém, atravessando a multidão, desesperado para encontrar a origem do cheiro. Eu não tinha tempo a perder. Era como se eu vivesse pelo mesmo cenário por muitos anos, sempre chegando à cena meio segundo, meio minuto ou meio dia atrasado. Mas desta vez seria diferente, pensei, desvairado, enquanto passava aos empurrões por um casal que dançava, um homem rodando uma mulher nos braços cada vez mais rápido. Eu não era mais um “vampiro bebê”, expressão que Lexi usava com desprezo para me descrever. Tinha sabedoria, idade e sangue nas costas. Desta vez, eu impediria o mal antes que ele começasse.

O armazém era enganosamente grande e fiquei chocado que o espaço não terminasse jamais, cada centímetro de piso de concreto repleto de gente aos risos, fumando e bebendo como se não tivessem nenhuma preocupação no mundo.

— Com licença! — gritei, frustrado, abrindo caminho a cotoveladas pelos casais e pisando nos sapatos dos outros, seguindo o cheiro de ferro cada vez mais pungente; até que dei numa massa sólida.

Levantei a cabeça. Era Samuel. De imediato, coloquei-me em toda minha altura e ele abriu um sorriso rígido. Eu sabia que disparar pelo armazém deve ter dado a impressão de que eu estava embriagado ou louco.

— Eu é que peço licença! — disse Samuel com jovialidade, bebendo seu uísque. — Você parece ter pressa — acrescentou ele, com uma centelha de ironia no rosto.

— Procuro um amigo — respondi em voz baixa, meus olhos disparando de um lado a outro. Percebi que não vira Violet enquanto corria por ali. Agora não só eu procurava um assassino, mas também uma garota inocente. Não tinha certeza se ela estava em segurança.

— Considere-o aqui! — disse ele, jovial, bloqueando meu caminho.

— Não é você — eu disse, percebendo, só depois de as palavras deixarem minha boca, o quanto pareciam grosseiras. — Quero dizer, procuro por Violet.

— Violet! — seus olhos se iluminaram, reconhecendo. — Naturalmente. Pensei tê-la visto perto do bar... Gostaria de ir comigo?

Não tentei ser educado ao partir para o bar, olhando desesperadamente a multidão. Ela diminuía enquanto eu me apressava e por fim consegui um espaço em que não havia esbarrões ou empurrões. Deixei que meus olhos se readaptassem à luz fraca. Na extremidade do armazém havia duas portas abertas que levavam às docas e, para além dali, à água. As portas abertas eram presas por várias caixas de madeira, presumivelmente para permitir a entrada do ar. Ainda assim, enquanto o resto do armazém estava apinhado, essa parte era mal-iluminada e deserta. Eu sentia o cheiro de teias de aranha e mofo.

E sangue.

Lá fora, as nuvens se deslocaram e um raio de luar foi refletido nas janelas sujas em uma ponta do armazém. Meus olhos caíram em uma pilha amarfanhada no canto. No início, tive esperanças de que não passasse de um monte de tecido descartado, empurrado de lado para a festa. Mas não era. O tecido era de um verde vivo.

Empalideci, já sabendo o que veria antes de virar a figura para mim.

Mas, quando virei, ainda não consegui conter o grito estrangulado.

Era Violet, com a garganta cortada, seus olhos azuis e inquisitivos esgazeados, sem piscar, enquanto a multidão dançava a poucos metros de seu corpo lívido e frio.

Eu precisava tirar Violet de lá, antes que o assassino voltasse para terminar o serviço com sua mutilação costumeira. Apressadamente, peguei-a e carreguei-a no ombro. Seu corpo parecia mais frio a cada minuto e o toque de sua pele na minha provocava arrepios em minha espinha. Ela estava morta. E eu não conseguia encontrar o assassino.

Olhei em volta ansiosamente. A banda passara a tocar uma valsa e a frente do armazém estava lotada de casais dançando no escuro. Era afetado, como um número barato de parque de diversões em que trabalhei em Nova Orleans. O assassino estava em algum lugar nessa multidão, dançando entre os casais.

Minhas presas latejavam e as pernas doíam do impulso de lutar ou fugir. Mas não podia fazer nem uma coisa nem outra. Fiquei ali, petrificado. Gotas de sangue espalhavam-se pelo corpete do vestido e o carvão que ela usara para delinear os olhos escorria, fazendo com que seu rosto parecesse pintado de lágrimas.

Não sentia tristeza. O que eu sentia era mais profundo e mais primitivo. Sentia ódio de quem fizera aquilo, assim como desespero. Isso aconteceria para sempre, e mais vítimas como Violet pereceriam. Não importava se eu voltasse aos Estados Unidos, fosse para a Índia ou apenas viajasse como um nômade por todas as terras. Quantas mortes podia eu testemunhar, sabendo o tempo todo que a morte jamais viria para mim?

Fitei o corpo flácido de Violet e obriguei-me a parar com esses pensamentos. Em vez disso, pensei na curta vida da jovem. Seu largo sorriso quando ela pôs um dos vestidos elegantes, seu rosto feliz brilhando de lágrimas ao fim do espetáculo musical, sua crença verdadeira de que havia bondade no mundo. Eu sentia falta dela. Violet era animada, apaixonada e *viva*. Também era estúpida, confiante e vulnerável demais. E dera a verbena à irmã. É claro que ela não sabia que era algo além de um bom amuleto da sorte, mas ainda assim... Se estivesse com a verbena, agora estaria viva.

— “Hostes de anjos cantem a ti em teu descanso” — disse eu, citando Shakespeare, na falta de uma oração, enquanto punha a mão em sua testa fria e afastava os cachos soltos da testa. A frase ecoou em minha mente, as palavras muito mais familiares a mim do que qualquer sermão ou salmo que tivesse ouvido quando era humano. Curvei-me e pus meus lábios no rosto de Violet.

De súbito, ela se ergueu, tremendo com o corpo todo, os olhos arregalados, a boca espumava, avançando para minha mão.

Na pressa, caí de costas, cambaleando e retirando-me para as sombras.

— Stefan? — Violet chamou numa voz aguda e esganiçada, em nada semelhante a seu sotaque irlandês. Sua mão arranhava freneticamente o pescoço e os olhos se arregalavam de pavor quando ela levantou a mão e viu que estava coberta de sangue. — Stefan? — Ela chamou novamente, os olhos voltando-se desesperadamente para todo lado.

Olhei, chocado. A essa altura, eu tinha visto a morte incontáveis vezes e sabia que Violet estava morta. Entretanto, agora não estava. Isso só significava uma coisa: ela recebera sangue vampiro e fora morta em seguida. Estava em transição.

— Stefan? — perguntou ela, puxando o ar a sua frente e rangendo os dentes. Sua respiração era ruidosa e áspera. Lambia insistentemente os lábios, como se estivesse morrendo de sede. — Ajude-me! — chamou numa voz estrangulada.

Longe, no armazém, eu distinguia o som mais fraco da banda tocando outra música. Todos na festa estavam alegremente inconscientes da cena

medonha que ocorria diante de meus olhos. Cerrei o queixo. Eu queria mais do que tudo ser forte para Violet, mas ainda estava em choque.

Eu sabia que ela queria se alimentar. Lembrei-me da fome agonizante que senti quando despertei em transição. Ela respirava ruidosamente, um ofegar ritmado, ao se colocar de joelhos e depois de pé. Avancei para ajudá-la.

— Shhhh — falei, passando os braços por seu corpo. — Shhhh. — Passei as mãos pelo cabelo embaraçado, molhado de suor e sangue. — Você está em segurança — menti. É claro que ela não estava.

A alguns metros, em uma doca vizinha, vi um pequeno esquite, embarcação mais provavelmente usada para transportar carga de um lado de Londres a outro, balançando-se nas ondas suaves do Tâmis. Tive a ideia insana de usá-lo, partir pelo rio para o mais distante que pudéssemos, só para nos afastar.

— O que está havendo comigo? — Violet lutava a cada palavra, com a mão no pescoço.

— Você ficará bem, Violet. Mas, por favor, diga-me, quem fez isso com você? — perguntei.

— Não sei. — Ela contorceu o rosto. O sangue escorria do pescoço, formando um desenho na lateral de seu vestido que teria sido quase bonito para quem não soubesse do que era feito. Seu rosto estava branco como giz e ela não parava de lambe os lábios. — Eu estava indo ao bar. Depois, ele me puxou para dançar com ele e... É tudo de que me lembro. — Violet torceu as mãos e me olhou, suplicante.

— “Ele” quem? — perguntei com urgência.

— Damon — disse ela, mal sendo capaz de reprimir o choro. Uma cena passou por minha mente: Violet, animada demais por ter a atenção de Damon. Violet, permitindo que Damon a acompanhasse ao bar e lhe pedisse uma bebida. Violet, nervosa e vaidosa, querendo ouvir o que Damon tinha a dizer. E então Damon lambendo os lábios, avançando e bebendo, deixando Violet para que eu a encontrasse.

Você sempre ajuda uma donzela em perigo. A frase zombeteira de Damon soava em meus ouvidos. Ele a deixara para que eu a encontrasse, como se

fôssemos crianças brincando de esconde-esconde.

— Tenho tanta sede — disse Violet, curvando-se na beira das docas e fechando as mãos em concha para pegar parte da água suja que fluía no Tâmis. Vi quando ela pôs as mãos na boca e a repulsa atravessou seu rosto. Ela sabia que havia algo muito errado. — Stefan... Não me sinto bem. Acho que preciso de um médico — disse ela, aninhando a cabeça nas mãos e se balançando em silêncio.

— Venha comigo — eu disse, puxando Violet num abraço. Senti os tremores percorrerem seu corpo e vi lágrimas caindo de seus grandes olhos. Sabia que ela estava confusa e desorientada e aquela doca não era lugar para lhe explicar o que estava acontecendo.

Levantei-a e fomos ao esquiife. Coloquei-a gentilmente no piso do barco. Ela piscou algumas vezes e soltou um suspiro trêmulo.

— Estou morta? — perguntou ela, a mão se estendendo até a minha. Fechei os dedos nos dela. Esforcei-me para me lembrar da minha própria morte. Também sentira confusão, combinada com a tristeza e a culpa pela perda de Katherine. Depois, quando a transição estava completa, sentira-me rápido, astuto. Inumano.

— Sim — respondi. — Você está morta.

Violet jogou-se de costas e fechou os olhos.

— Dói tanto. — Ela choramingou enquanto arriava na lateral do barco, exausta. Seu corpo não suportava a transição.

Senti a raiva cortar meu estômago. Damon precisava pagar por isso.

Peguei na lateral do barco um pedaço de tecido, mais provavelmente usado para o reparo de velas, e o coloquei sobre seu corpo como um cobertor. Ela agora dormia e eu sabia que não teria forças para fugir. Violet suspirou e se enrolou no tecido enquanto eu saía do esquiife e partia de volta à festa.

Assim que voltei ao armazém enfumaçado, ouvi a voz de meu irmão acima do barulho, rindo e fazendo graça da ridícula expedição à Índia que

lorde Ainsley planejava. Sem me importar com quem me via, usei a velocidade de vampiro para alcançá-lo. Ele ria com Samuel e Henry. Cora se prendia a cada palavra.

— Devia ir à Índia também, Damon. Você sempre reclama que está farto da sociedade de Londres — disse Henry, erguendo a champanhe para o outro. — Talvez uma aventura lhe faça bem.

— Sim, você pode tentar a sorte no encantamento de serpentes — sugeriu Samuel. — Já provou seu talento encantando mulheres.

Disto, Damon riu, apreciando. A fúria cresceu dentro de mim. Como ele *ousava* rir e fazer piada minutos depois de ter atacado Violet e tê-la colocado no caminho que nós dois nos arrependêramos de ter tomado?

— Você — rosnei, arrastando meu irmão pelo braço para a viela que levava às docas, vazia, tendo apenas ao longe um vagabundo adormecido com uma garrafa de uísque agarrada no peito.

— Ah, uma conversa ao luar à beira da água. Que pitoresco. Qual é a ocasião especial? — perguntou Damon, arqueando uma de suas sobancelhas pretas.

Recuei. Detestava tudo nele. Detestava seu sotaque afetado da Virgínia que ele usava em minha presença, como quem quer zombar de nossa criação educada, como ele distorcia as palavras, mesmo que fosse o único a entender a piada, e como ele zombava de tudo, inclusive da vida humana.

— Você está morto para mim — rosnei, agarrando-o com toda minha força e arremessando-o na parede oposta, satisfeito ao ouvir seu crânio rachar no concreto. Ele arriou como uma boneca de trapos e se levantou, seus olhos faiscando no escuro. Deu um passo rápido na minha direção, parou e riu suavemente.

— Alguém reencontrou sua força — disse Damon, ainda esfregando a têmpora. O ferimento se fechara quase instantaneamente, sem deixar nada além de carne clara e lisa. — Por que está tão aborrecido? Não encontrou o assassino que procurava? — zombou, em voz baixa.

— Basta de joguinhos. O assassino é *você*! — retruquei rispidamente, a fúria fervendo em minhas veias. Eu queria machucá-lo. Mas o problema era

que nada o machucaria.

— Eu, sou eu? — perguntou Damon com indiferença. — Diga-me, como chegou a essa conclusão, detetive Salvatore?

Então era assim que ele decidira me atormentar agora. Não com golpes, lutas ou batalhas; apenas tortura psicológica. Bem, ele estava conseguindo.

— Outro dia, você armou o ataque contra mim. E você matou Violet — acusei, minha voz clara como o estalo de um trovão.

Um milhão de expressões — ódio, raiva, irritação — faiscaram pelo rosto de Damon antes de ele partir para cima de mim, prensando-me contra a parede fria de concreto, seu rosto a centímetros do meu. Contorci o corpo, tentando me afastar, mas ele apenas me prendeu com mais força.

— Tentei ter paciência com você, mano — disse Damon, o ódio exalando de sua voz. — Pensei que talvez algumas décadas tivessem feito algum bem a nós dois. Mas você é o mesmo de sempre. Sempre aquele que se mete num problema e pensa saber como corrigi-lo. Sempre o cavaleiro tolo na armadura reluzente. Sempre aquele que assume a responsabilidade pelo mundo todo nos ombros. Mas... — A voz de Damon virou um sussurro, para que apenas eu pudesse ouvir. — Você não é inocente. Você começou tudo isso. E a morte não começa nem termina comigo. Acostume-se com isso, mano. As pessoas morrem e você não pode alterar este fato. — Ele soltou meu pescoço, mas não antes de cuspir em minha cara. — Esteja avisado, da próxima vez que eu aparecer em sua vida, não será em festas e piqueniques. Acredite. — Damon deu as costas e voltou à festa.

Eu o observei, de punhos cerrados, ainda plenamente consciente das marcas em meu pescoço, onde Damon havia segurado. Ele era muito mais forte que eu, e não queria que me esquecesse disso. Meus pensamentos se demoraram na felicidade de Damon com a morte de Violet. Era claro que ele jamais mudaria. Desfrutaria para sempre do meu sofrimento. Ele pensava que eu o havia enganado e continuaria a destruir qualquer um de quem eu gostasse. Continuaria matando, e pelo quê? Para acertar comigo uma conta que jamais seria acertada. Embora eu o tivesse transformado num vampiro, fora ele próprio quem se tornara um monstro.

Mas agora Violet estava em transição e tudo que eu podia fazer para compensar meus erros era tentar ajudá-la no processo. Corri o mais rápido que pude de volta ao esquife, onde vi um leve movimento por baixo do pano.

— Violet! — Caí de joelhos a seu lado.

Seus olhos se abriram, palpitantes, as pupilas enormes e embaçadas. Puxei-a para mim, desejando haver algo que pudesse fazer por ela. Mas tudo que podia fazer era lhe dar a oportunidade de deixar este mundo como entrou nele — como humana, sem sangue nas mãos.

— Stefan. — Sua voz era fraca e ela lutava para se sentar.

— Precisamos ir — disse eu, colocando-a de pé. Damon devia estar procurando por ela para garantir que sua transformação se completasse. Eu sabia que precisava voltar para localizar Cora, mas não podia me arriscar. Teria de torcer para que a verbena a ajudasse quando eu não pudesse.

Não podia dar muito a Violet, mas pelo menos poderia lhe dar uma alternativa — e contar exatamente o que aconteceria com qualquer dos caminhos que ela escolhesse. Era uma decisão impossível e monstruosa, mas era dela, e podia ser a última que ela tomaria na vida. Merecia fazer isso em paz. Eu precisava levar Violet a um lugar em que ficasse a salvo.

— Vamos — insisti, ajudando-a a ficar de pé e mantendo-a junto de mim. Comecei a correr, no início desajeitado, até ganhar a velocidade com que estava acostumado quando plenamente sintonizado com meu Poder. Por uma ou duas vezes, pensei ter visto uma cortina de fumaça passando, ou uma sombra alta demais para ser minha. Cheguei a pensar ter ouvido passos de alguém correndo atrás de mim. Isso só me estimulava a agir mais rápido, quase esquecendo de diminuir quando nos aproximamos da rua do nosso hotel. Parei para pensar. Damon sabia onde estávamos hospedados. O local não era seguro. Olhei para Violet, ainda desorientada e se enfraquecendo.

— A festa? — perguntou Violet, sentando-se e levando a mão à cabeça.
— O champanhe... Eu fiquei bêbada?

Eu queria dizer que sim. Queria poder poupá-la da dor das próximas horas. Mas ela merecia mais do que isso. Não menti para ela quando a

encontrei e não mentiria agora. Faria com que soubesse da decisão que tinha pela frente. Era o mínimo que podia fazer. Lembrei-me de como o rosto dela brilhara ao ver o Gaiety Theatre e tive uma ideia.

— Vamos ao teatro — disse.

— Ao teatro? — Violet piscou, como se não entendesse meu convite. Eu não a culpava. Sua situação era horrenda, e até ela sabia disso. Entretanto, parecia que eu a convidava a um evento da igreja.

Assenti e ajudei Violet a se levantar. Juntos, andamos pelas calçadas desertas. Era quase manhã.

As luzes na frente do Gaiety estavam apagadas, mas a porta para o palco, com suas dobradiças enferrujadas, não exigiram muita força para ser abertas. Depois de entrarmos no teatro escuro, suspirei. Enfim sentia que estávamos a salvo de Damon.

— Vamos para outra festa? Porque não acho que eu esteja preparada para isso. — Meu coração doeu com aquela inocência.

Gesticulei para Violet sentar-se a meu lado em uma das poltronas de veludo vermelho de frente para o palco.

— Eu a trouxe aqui porque sabia o quanto você adorava. E o que tenho a dizer não será fácil de processar — expliquei, piscando no escuro. Era mas fácil ter esta conversa quando não estávamos de frente um para o outro.

— Damon... — disse Violet, depois estremeceu. — Ele foi tão gentil. Apresentou-me a todos os amigos dele. E depois...

— Ele a atacou — completei vagarosamente.

Ela fez uma careta, mas não refutou o que eu disse.

— Lembro-me de beber champanhe. Eu estava rindo e então... Não sei. É como se minha mente se apagasse. — Ela balançou a cabeça, desamparada.

Olhei o anel de lápis-lazúli em meu dedo. Quando eu tinha feito a transição, a criada de Katherine, Emily, me explicara o que aconteceria comigo. Fora ela quem me dera o anel. Katherine havia pedido que desse um a mim e outro a Damon. Emily mantivera a calma, e me dera espaço enquanto eu sofria. Eu não podia fazer o mesmo.

— Stefan? O que está acontecendo comigo? — perguntou Violet, sua voz falhando.

Entrelacei os dedos gelados dela nos meus.

— Você está em transição. Foi morta por um vampiro — respondi. — Damon.

— Vampiros? — A voz de Violet tropeçou na palavra. — Isso faz parte dos livros de criança. Do que você está falando?

— Não, eles são reais. Eu sou um vampiro. Damon também. E ele é meu irmão. Meu *verdadeiro* irmão — disse, sem desviar o olhar. Detestava o que dizia, mas sabia que seria bem pior esconder a verdade. — Parecemos humanos. E, um dia, fomos humanos. Fomos criados juntos, rimos juntos e éramos uma família. Mas não somos mais. Só sobrevivemos porque bebemos o sangue dos outros. Eu prefiro animais. Mas meu irmão, não.

— Isso significa que agora sou uma vampira também? — perguntou ela, com a voz trêmula.

Acenei negativamente com a cabeça.

— Não — respondi com firmeza. — Damon matou seu corpo humano, mas primeiro lhe deu parte do sangue dele. Para completar a transição e se tornar plenamente uma vampira, você deve beber sangue humano. Se não beber, seu corpo morrerá. — A sala revestida de papel de parede parecia se fechar sobre mim.

— Mas, Stefan, não entendo. Se há um jeito de viver, então por que... — Ela se interrompeu, a voz parecendo tão inocente e perdida que senti meu estômago se apertar.

— Porque não é assim tão simples. Ser vampiro não é o mesmo que estar vivo. Você é consumida por seu desejo de sangue, seu desejo de matar. Torna-se uma pessoa inteiramente diferente... — Interrompi-me enquanto Violet apertava a mão no meu peito, no início gentilmente, depois com uma insistência crescente. Resisti ao impulso de me afastar. Era um gesto íntimo, como se entre amantes.

— Eu não... não posso... — disse ela, o horror transparecendo em seu rosto enquanto ela arranhava meu peito. — O coração não bate —

exclamou, finalmente entendendo o que eu tentava lhe dizer.

— Não — confirmei com paciência.

— E se eu quiser... me transformar? — perguntou ela. — E se quiser ficar igual a você?

— Eu ajudaria. É uma decisão que cabe a você. Mas é algo a se pensar seriamente antes de fazer. Não é uma vida de verdade. Não é uma bênção viver para sempre. Você testemunha muita gente morrendo; é para sempre uma criatura das trevas. Precisa viver nas sombras, saindo apenas à noite. E não merece viver assim. — Apertei sua mão. — Você pertence à luz.

O choro de Violet a dominou e eu sabia que ela entendia a realidade do que enfrentava.

— Eu só estava começando a viver... — disse ela, triste, e esfregou gentilmente seu pescoço em mim, como se estivesse se recordando da carícia de um amante de um passado distante. Sua mão caiu ao peito. Em seguida, ela me olhou com lágrimas nos olhos.

— Quando? — perguntou.

— Em breve — admiti. Meus olhos dispararam à porta entreaberta do palco. Vi que o céu começava a clarear. Não podíamos ficar ali. Violet precisava ficar em um lugar seguro e não havia local algum em Londres que estivesse a salvo de Damon.

Violet fungou e vi duas grossas lágrimas descerem por seu rosto.

— Quero ir para casa — disse ela, numa voz fraca. — Quero ficar com minha mãe e minhas irmãs. Não pertenço a este lugar. Se tiver de morrer... e prefiro morrer, não quero me tornar um monstro... então quero morrer sendo eu mesma. Como Violet Burns. Quero ir para casa. Eu quero Cora.

Encarei Violet, que olhava corajosamente à frente. Eu desejava fretar um navio ou atravessar a nado o escuro mar da Irlanda para dar o que ela queria. Mas não podia. E ela sabia disso.

— Estou apenas resmungando. Só quero ver minha irmã pela última vez.

— Sei que quer — respondi. — No entanto, se a encontrarmos, creio que Damon achará você. Mas Cora está bem. Está protegida. O amuleto que

você deu a ela é cheio de verbena. É uma erva que protege as pessoas contra os vampiros. Não lhe contei porque não queria assustá-la, mas...

Violet arranhou o pescoço.

— Foi culpa minha — percebeu ela.

— Não. Você salvou sua irmã. Embora não soubesse o que era o amuleto, você sabia que dava sorte e deu a ela. Isto é amor. — Sorri para Violet. Perguntei-me se, vivendo situação semelhante, eu teria feito o mesmo por Damon.

— Bem, espero que ela pense em mim sempre que o usar — disse Violet. — E talvez eu possa escrever uma carta a ela. E você pode entregar. Porque ela precisa que alguém cuide dela — disse Violet, construindo lentamente cada frase.

— É claro. Cuidarei de Cora, e lhe prometo que ela ficará bem. Sei, também, aonde posso levá-la — decidi, pegando sua mão. Tinha esperança de que a fazenda dos Abbott a lembrasse das colinas ondulantes da Irlanda das quais ela tanto havia me falado. Era de pouco conforto, e não substituíra sua terra natal, mas era o melhor que podia fazer.

Violet assentiu mansamente. Olhei-a de cima, em agonia, uma lágrima ameaçando escapar de meu olho. Deixei cair, vendo-a espirrar no cabelo de Violet, desejando que houvesse algo que eu pudesse fazer. Esta noite, só queria que Violet ficasse em segurança. E aqui estava ela, ainda em meus braços — mas cheia de sangue de vampiro. Eu havia falhado.

Houve ocasiões em minha vida nas quais senti que algo ou alguém velava por mim. Pois, de que outro modo Violet e eu poderíamos ter chegado à Paddigton Station sem sermos parados pela polícia ou por um transeunte preocupado? Tudo bem que foi útil termos pegado algumas roupas da bagagem de um viajante enquanto ele esperava por seu trem e não usássemos mais as outras roupas sujas de sangue. Ainda assim, eu tinha de escorar Violet junto de mim, e mesmo um observador despreocupado veria que ela estava próxima da morte. Entretanto, ninguém deu por nossa presença.

Não considerei isso uma providência divina. Poderia tê-lo considerado em certa altura da vida, mas naquele momento só sentia que era prova da minha maldade inata. Eu assustava as pessoas. Aquela noite, somente os monstros poderiam bloquear nosso caminho.

Ao chegarmos à estação ferroviária, usei minhas últimas moedas no bolso para pagar nossas passagens a Ivinghoe. Pegamos o primeiro trem que saía da cidade. Eu devia ter ficado aliviado, mas não o estava, porque não sabia quando Violet ia morrer. Só esperava conseguir levá-la em segurança até minha casa.

— Stefan? — perguntou Violet enquanto seus dedos, leves como o roçar da asa de um beija-flor, deslizavam por meu braço.

— Sim? — respondi, desviando os olhos da janela. Em vez de dar a impressão de estar às portas da morte, Violet tinha o rosto ruborizado e os

olhos brilhavam. Estávamos no trem havia quase uma hora, e agora passávamos pelos arredores de Londres. Mesmo um toque do ar campestre fazia maravilhas por Violet. Mas não a salvaria.

— Estou me sentindo melhor — sussurrou Violet, cheia de esperança, evidentemente pensando o mesmo que eu. — Acha que eu posso sobreviver?

— Não — respondi com tristeza. Não desejava ser rude, mas seria ainda mais cruel enchê-la de falsas esperanças. Independentemente de como se sentisse ou da aparência que tivesse, o destino de Violet estava selado.

— Ah — disse ela em voz baixa, apertando os lábios e olhando a paisagem verdejante que passava pela janela. O ambiente em que nos sentávamos era idêntico àquele que ocupei quando fui para Londres. Uma bandeja do serviço de chá repousava entre nós, com pratos de porcelana trazendo pilhas altas de bolinhos e sanduíches. Ainda era muito cedo e o trem estava quase deserto. Violet alternava entre o cochilo e umas mordidas delicadas num dos bolinhos. Passei a maior parte da viagem olhando pela janela. A paisagem era exuberante e verde e em completo descompasso com meu estado de espírito sombrio.

— Depois que a transição começa, não há cura — repeti com paciência.

— A não ser que eu beba sangue humano — corrigiu Violet.

— Isso não é uma cura — retruquei severamente.

— Eu sei — respondeu Violet em voz baixa antes de olhar ao longe.

— Se eu pudesse voltar e fazer tudo novamente, teria escolhido a morte — admiti. Pus a minha mão na dela para reconfortá-la.

— Tanta coisa que não vi e não fiz. — Violet falou com tristeza. — Nunca estive no palco, nunca tive filhos... Nunca estive apaixonada.

Eu continuei acariciando sua mão pequena. Não havia nada que pudesse dizer.

Violet gemeu e permitiu que a cabeça repousasse em meu ombro.

— Sinto tanto frio — sussurrou ela.

— Eu sei. Eu sei. — Afaguei seu cabelo, desejando poder tornar sua morte mais fácil. *Seria*, disse comigo mesmo. Quando estivéssemos de volta ao solar e longe do perigo. Eu queria que ela encontrasse consolo na

quietude da minha casa e partisse pacificamente. Ela tivera uma vida difícil. Talvez o além fosse melhor com ela.

A respiração de Violet se estabilizou e ela adormeceu. Olhei pela janela. O céu parecia clarear mais, conforme nos afastávamos de Londres. Ouvi um ruído fraco, mas não vinha da minha mente. Vinha de fora.

— Sim? — chamei incisivamente, supondo que era um cabineiro chegando com mais bolinhos e outra seleção de jornais.

Mas ninguém respondeu. O ruído de arranhões era persistente, mais alto do que apenas um rato clandestino.

Houve outro ruído, como se o trem tivesse atingido um animal grande. Mas o trem continuava rodando. Olhei pela janela e um rosnado longo e baixo que não reconheci como meu escapou de meus lábios.

Ali, espiando de cabeça para baixo pela janela, estava o irmão de Samuel, Henry. Seu rosto estava apertado no vidro e o cabelo louro dourado soprava ao vento.

Encaramo-nos e por um breve momento de insanidade pensei que ele pudesse ter vindo para ver Violet, uma sondagem de um admirador ávido que fora longe demais. Mas notei seus caninos alongados, os olhos injetados e, aos poucos, compreendi. *Henry* era um vampiro. E Henry não procurava ansiosamente por Violet. Estava caçando — a nós dois.

Fechei as cortinas de tecido adamascado azul da janela e olhei apressadamente em volta, procurando uma saída. Mas é claro que não havia nenhuma. Senti meu coração endurecer. Aquilo era obra de Damon. Tinha de ser. Por que outro motivo Henry estaria ali? Mesmo quando crianças, meu irmão incitava os meninos Giffin a jogar pedras em um trem que passava ou a soltar as galinhas durante um churrasco. Assim, não corria o risco de ser castigado. Agora fazia o mesmo, só que com um grupo de vampiros.

Eu precisava proteger Violet. Não podia permitir que Henry se apoderasse dela e a obrigasse a se alimentar. Não podia deixar que ela se transformasse em vampira contra os próprios desejos. Fui rapidamente ao vagão-alojamento e subi a frágil escada para o alto do trem de ferro. O vento

jogava poeira e seixos em minha cara. Graças à fuligem e à fumaça que giravam em volta de minha cabeça, era quase impossível enxergar alguma coisa.

— Henry! — chamei, equilibrando-me na chaminé que se projetava do alto do trem. Agachei-me bem, preparado para uma luta.

Nada. O trem ainda avançava. Um fiapo de dúvida passou por meu cérebro. Teria sido alguma visão? Uma alucinação paranoica?

Um grito de ódio soou atrás de mim.

Antes que eu pudesse me virar, senti um peso nas costas, seguido por mãos frias deslizando por meu pescoço. Ofeguei e tentei me libertar. Eu estava preso em uma chave de braço por Henry, firme em volta da minha traqueia. Gemi, tentando afastá-lo enquanto mantinha o equilíbrio.

— Pronto para morrer? — sussurrou Henry em meu ouvido. Seu sotaque impecável era modulado com perfeição e eu sentia seu hálito quente em meu pescoço. Mais uma vez, ele aplicou pressão a minha garganta.

Morrer. A palavra teve eco em minha cabeça. Esqueci-me do que era ser caçado. Mas, agora, eu havia sido capturado. E se não fizesse alguma coisa, morreria. E Violet ficaria pior do que morta. Eu precisava fazer algo. Precisava...

Fique parado. Uma voz — a de Lexi? Minha? — gritou instruções em minha cabeça, embora me contrariasse cada instinto. Meu braço se contorcia por baixo da pressão que Henry fazia. *Fique parado!*, insistiu a voz.

— Está com medo? E você pensava que eu era apenas o pequeno Henry. Um dos amigos vaidosos de Damon, sem importância e sem interesse para um vampiro americano grande e forte como você. Não estou certo, amigo? — perguntou Henry com sarcasmo, puxando-me para mais perto. Era evidente que ele tentaria quebrar meu pescoço e, dali, seria capaz de me cravar uma estaca, incendiar meu corpo, ou fazer o que quisesse. Ou poderia simplesmente jogar-me do trem, onde eu estaria acabado em pouco tempo. Uma dezena de hipóteses, cada uma pior do que a outra, girava por minha cabeça.

— Que foi? Não vai falar comigo? — Henry me provocava. Podia ver o chão zunir sob meus pés, reunindo cada grama de força do meu ser. Pensei em Callie, a morte que não vinguei. Pensei em Violet, prestes a ser a próxima.

— Isto acaba agora! — gritei, girando, com os punhos preparados. Eu era maior do que ele, mas sabia, pela pressão de seu braço em meu pescoço, que ele era mais forte. Eu precisava ser mais rápido e mais inteligente.

— É assim que você quer fazer isso? — Henry falou entre rosnados, investindo contra mim. Desviei-me dele com um passo de lado e meu pé começou a escorregar do trem. Estendi a mão, segurando a chaminé, enquanto Henry girava o punho. A carne fez contato com minha têmpora e, por um momento, vi apenas estrelas.

O riso baixo e suave de Henry arrancou-me de minha névoa de dor.

Fingi cambalear, como se corresse o risco de soltar a mão. Queria pegar Henry desprevenido. Depois lancei o braço para trás e ataquei.

O sangue esguichou do lábio de Henry e eu recuei, avaliando com satisfação meu trabalho.

— Não é tão fácil quanto você pensava, não? — perguntei, enojado. Damon devia ter dito a seu bando que eu sempre evitava o conflito, mesmo em detrimento próprio. Eu não era mais assim. Estava farto dos jogos do meu irmão.

Henry se afastou alguns metros, esfregando a ferida e tentando recuperar o equilíbrio. O ferimento desaparecia rapidamente e eu sabia que precisava agir depressa.

Verguei os joelhos, torcendo para que meus instintos de décadas de saltos com cavalos me ajudassem. Tudo se resumia a olhar aonde você ia e nunca, jamais desviar os olhos. Olhei uma pequena marca de metal no meio do vagão a alguns metros de mim e pulei.

Meu corpo inclinou-se pelo espaço enquanto eu ouvia Henry rosnar abaixo de mim. Não olhei, concentrado naquela imperfeição minúscula no exterior do trem, até que meus pés bateram no metal com um baque. Girei o corpo e investi, mirando seu rosto, dando-lhe um murro com a maior força

que consegui invocar. Meu punho fez contato com sua carne. Ele aguentou, seu corpo oscilando numa perna só, suspenso no ar como um dançarino esperando a próxima deixa, e por fim tombou do trem. Seu corpo caiu em um monte no chão, ficando cada vez menor em minha visão à medida que o trem acelerava.

— Vejo você no inferno — murmurei. A qualquer outro, seria uma maldição. Para mim, era uma promessa.

Desci a escada e entrei no vagão-alojamento, esperando desesperadamente que nenhum condutor ou policial me aguardasse ali. Eu estava fraco e trêmulo, coberto de sangue e fuligem.

Tomei o rumo da cabine, aliviado por ninguém ter me parado no caminho. Violet ainda dormia, sua respiração superficial e de vez em quando interrompida por um arquejar, embora só ela pudesse saber se era de dor ou por algum sonho.

Não consegui me sentar. Andei ali feito um animal selvagem, desesperado para fazer alguma coisa. Então Damon havia recrutado Henry para fazer seu trabalho sujo. A pergunta era, havia outros? Eu tinha forças para derrotar um, mas poderia derrotar vários? E seríamos capazes de nos esconder deles por tempo suficiente, pelo menos para que Violet morresse em paz?

O trem apitou e Violet se agitou em meu colo. Havíamos chegado à minúscula estação de Ivinghoe.

— Acorde. — Despertei-a com gentileza. Minha têmpora latejava e a ferida demorava a se curar, um sinal patente de que eu perdia forças rapidamente.

— Stefan — disse ela, sonolenta, antes de abrir os olhos. — O que houve? — Ela ofegou ao ver minha aparência.

— Estamos sendo seguidos — respondi, tenso, vendo meu reflexo na janela para além de Violet. Eu estava horrível. Parecia ter saído de uma guerra. O que, suponho, era mais ou menos onde eu me encontrava. — Por Henry — esclareci com uma carranca.

— Henry! — Violet arquejou novamente, empalidecendo. — O que quer dizer?

— Ele era vampiro também. Damon tem muitos amigos poderosos. Mas eu me livrei dele — expliquei. Eu sabia que dava a impressão de tê-lo matado e desejei com fervor que assim fosse. Mas tinha a sensação de que simplesmente o machucara e, se foi o que aconteceu, sabia que ele não demoraria para voltar. O trem apitou ao entrarmos na estação. — Venha comigo — pedi bruscamente.

Violet levantou-se com esforço e me seguiu pelo corredor estreito do vagão do trem.

— Senhor? — chamou um condutor atrás de nós. Voltei-me, notando a fração de segundo que ele levou para ver o sangue em minhas mãos, a sujeira e a fuligem cobrindo toda minha roupa.

Mais uma vez, falei a mim mesmo, olhando-o bem nos olhos. Só porque influenciar tinha se tornado rotina nos últimos dias, não queria dizer que exigisse menos esforço. Obriguei-me a ficar parado.

— Você nunca nos viu — instruí enquanto o trem parava, guinchando os freios.

Violet segurou minha mão com força e ficou atrás de mim, como um animal assustado protegido por um membro maior e mais forte do bando.

Fixei-me nos olhos aquosos e sonolentos do condutor.

— Estamos indo embora. E quando você passar pelo vagão, não se lembrará de nós — falei, descendo os três degraus para a plataforma. O condutor veio atrás de nós, curvando-se nos degraus como se não soubesse se pulava do trem e nos fazia mais perguntas. Continuei a encarar.

— Eu nunca vi... — ouvi o condutor concordar, antes do apito e do trem se mexer, adentrando mais o interior do país.

— O que aconteceu? — perguntou Violet, com as mãos nos quadris enquanto a poeira do trem que partia nos cercava. Ela ainda parecia tonta e cambaleava como se estivesse embriagada.

— É um poder que os vampiros têm. Posso fazer com que as pessoas obedeçam a mim. Não gosto de fazer isso, mas pode vir a calhar. — Tive

esperanças de não ter de influenciar ninguém em nossa jornada de cinco quilômetros até o solar. Quem sabia se a Sra. Toff, da agência postal, ou o Sr. Evans, do armazém, estavam espiando de trás das cortinas, perguntando-se o que Stefan, o caseiro, fazia com uma garota pálida, doente e chorosa? — Mas chegamos a Ivinghoe. Você está a salvo.

Violet balançou a cabeça.

— Eu *não estou* a salvo — disse ela, sua voz baixa e fraca. — Estou morrendo. — Vi que Violet se retraía e percebi que o sol devia ser uma agonia para ela. Manchas vermelhas pontilhavam seus braços e pernas e o rosto estava escorregadio de suor. Olhei, impotente, para meu anel de lápis-lazúli, desejando poder fazer alguma coisa. Mas eu precisava ficar com o anel o tempo todo.

— Vamos. — Enganchei o braço no dela e atravessamos para o lado sombreado da rua. Não era de muito alívio, mas já era alguma coisa. E então, juntos, andamos pela estrada sinuosa até o Solar dos Abbott.

Quando chegamos ao caminho que levava ao jardim dos fundos dos Abbott, minha mente tinha clareado. As árvores eram lindas, escuras, selvagens e misteriosas. Uma das lendas locais dizia que, muito tempo antes, as fadas tinham colonizado a terra e feito dali seu lar, escondendo-se nos largos troncos de carvalho e cuidando da vida da floresta. Naturalmente, não acreditava na história. Havia passeado pelas árvores e capturado e matado animais suficientes para saber que não havia criaturas benevolentes protegendo a floresta. Ou, se houvesse, tinham coisa melhor a fazer do que salvar um esquilo ou coelho errante, apanhado nas presas de um vampiro. Ainda assim, a história me reconfortava, porque, pelo menos, provava que os humanos ainda podiam acreditar no bem, mesmo quando havia tanto mal em seu meio.

Fomos para a clareira. Ali, o solar de alvenaria de três andares se erguia na crista de uma colina.

— Chegamos. — Gesticulei para o vasto terreno, como um rei mostrando minhas terras aos súditos.

— É lindo — disse Violet, um leve sorriso entrando por seus lábios pálidos. — Tanto verde. Lembra-me de minha terra.

Ouvi o cachorro latir e me assustei. Eu sabia que era provável que Luke e Oliver estivessem por perto, e não queria que eles vissem Violet. Haveria perguntas demais que eu não acreditava poder responder. Rapidamente, peguei a jovem nos braços e entrei em meu chalé minúsculo. Em segurança

ali dentro, coloquei-a sentada na minha frágil mesa da cozinha. Rapidamente troquei a camisa, lavei o rosto e passei uma água no cabelo. No espelho, vi Violet me lançar um olhar inquisidor.

Virei-me e ela lambeu os lábios.

— Tenho tanta sede — choramingou Violet.

— Eu sei — respondi, sem poder fazer nada.

Naquele momento, a porta da casa se abriu um pouco. Olhei em volta, em pânico. Talvez meu chalé não fosse tão recluso como eu gostaria.

— Stefan, você voltou! — Oliver entrou de rompante, seus passos mínimos fazendo eco no piso. Atirou os braços nos meus joelhos. — Pensei ter visto você. Você voltou para casa mais cedo! Vamos caçar hoje?

— Ainda não — falei, acariciando seu cabelo louro e fino e tentando reprimir minha culpa. — Tenho uma visita. Oliver, esta é Violet.

Seus olhos se arregalaram ao vê-la, lembrando-me de como Violet cativara a multidão no teatro. Havia algo de especial nela.

— Ela é minha prima — menti enquanto Violet ajoelhava-se e estendia a mão.

— Olá, homenzinho. — Ela abriu um largo sorriso a Oliver.

Mas Oliver continuou a encará-la, sem mexer um músculo. Seu rosto passou sutilmente do espanto para a hesitação. Poderia ele sentir sua verdadeira natureza? Na Virgínia, nossos cavalos sempre ficavam indóceis quando Katherine estava em seu meio. Será que o mesmo se aplicava às crianças?

— Ela vai caçar conosco? — perguntou Oliver, sem tirar os olhos de Violet.

— Não, lamento, ela não pode — respondi rapidamente, na esperança de que ele não pedisse maiores explicações.

— Você pode pelo menos vir jantar? Sentimos sua falta, Stefan!

— Sim. Por que não corre para avisar a Sra. Duckworth que Violet e eu estamos aqui? Veremos vocês em breve. — Oliver assentiu, mas não se mexeu.

— Vá! — insisti. Eu não queria que os Abbott conhecessem Violet. Preferia que ela morresse em paz. Mas tampouco queria levantar suspeitas e agora tínhamos de comparecer ao jantar e fingir que estava tudo em ordem. A pele de Violet já assumia uma palidez apavorante, sinal claro de que a morte abria caminho por seu corpo. Quem sabia o quanto ela pioraria dali a uma hora? O tempo era essencial e eu me sentia péssimo por obrigá-la a passar suas últimas horas vivendo uma mentira.

— Sim, Stefan — disse Oliver, saindo pela porta e subindo o caminho de pedra até a casa.

— Temos de ir ao jantar — disse eu. — Desculpe-me.

— Não, está tudo bem. — Violet estava abatida e confusa, e a culpa se torceu em meu estômago. Talvez ela encontrasse algum conforto no solar da fazenda. Eu ao menos podia esperar que sim.

— Direi a eles que você é minha prima em segundo grau — expliquei enquanto a levava pelo caminho sinuoso até o grande solar. — Nós nos conhecemos em Londres e eu a convidei para passar uns dias no campo. Isto lhe parece bem?

Violet assentiu. Ainda lambia os lábios e notei que suas pupilas ficavam maiores. Ela estava bem avançada na transição, chegando a um pico, em que seu próprio ser lutava para sobreviver de todo jeito possível, mesmo que isto significasse beber sangue.

— Stefan! — gritou George quando entramos na antessala. Estava claro que Oliver dera meu recado e ele esperava por nós. A pança de George esticava seu colete e o rosto estava mais vermelho do que nunca. — Chegou bem a tempo para o jantar. Estive preocupado que você ficasse tão cativado por Londres que nunca mais voltasse para o campo. Mas vejo que voltou para casa! E trouxe companhia! — acrescentou ele, seu olhar adejando com curiosidade por Violet.

— Senhor — falei rapidamente, meu estômago se torcendo com a palavra *casa*. — Convidei minha prima, Violet, para explorar nossa cidade. Lamento por ser repentino.

— Ouvi muito falar deste lugar e senti que precisava vir — disse Violet, fazendo seu papel, como a atriz que era. Ela fez uma bela medida.

— Prima Violet — disse George em voz baixa. — Encantado, minha cara — disse ele, curvando-se de leve para ela.

Nós três entramos na sala de visitas. Senti o cheiro de um assado preparado na cozinha e adorei ver o quanto o ambiente era familiar e simples. Luke e Oliver estavam no chão, jogando dominó, Emma embalava uma boneca nos braços e Gertrude trabalhava em outro bordado, um padrão floral de feitura extraordinária. Nada mudara ali; entretanto, para mim, tudo havia mudado.

— Como foi em Londres? — trovejou George, olhando em meus olhos ao atravessar a sala até o carrinho de bebidas no canto e servir um líquido âmbar escuro em dois copos.

— Foi ótimo — comentei sucintamente. — Barulhento.

— Posso imaginar. E onde ficou? Com seus parentes, os...

— Burns — disse Violet rapidamente. — Meu nome é Violet Burns. — Olhei para ela. Estariam seus olhos brilhando demais, o rosto pálido demais? Eu não sabia dizer.

— Ele não se meteu em encrenca, não é? — George brincou.

Fiz uma careta por dentro. Eles não tinham ideia de que a encrenca me seguia para todo lado.

— Não, ele foi adorável — disse Violet por fim, como se fosse instruída.

George sorriu com ternura.

— Nosso Stefan tem esse efeito nas pessoas. E estou muito feliz que você tenha parentes por perto. Um homem não deve ficar sozinho no mundo. — Ele pegou meu olhar enquanto erguia o copo. — À família — disse George, virando o copo para mim.

— À família — murmurei, tomando devagar minha própria bebida. Então o silêncio caiu ali, e fiquei aliviado quando a Sra. Duckworth entrou na sala de visitas para anunciar que o assado estava pronto.

Violet lambeu os lábios ao se levantar e alisou as saias. Esteve fazendo isso obsessivamente e meu coração se condoía por ela. Eu sabia que ela

experimentava as primeiras ondas de fome verdadeira e esmagadora que não podia ser saciada com nenhuma refeição mortal.

— Violet, minha cara, sente-se aqui — disse Gertrude, orientando Violet a se sentar ao lado dela à grande mesa de cerejeira. — Você parece meio faminta, o que é compreensível. Tenho certeza de que a comida que servem nesses trens é pavorosa! — Ela riu com solidariedade.

— Desculpe-me — disse Violet com um ar distante. — Não me sinto muito bem.

— Bem, coma um pouco de carne, depois, se precisar se deitar, pode ir. Uma boa refeição, o ar do campo, e você ficará nova em folha — disse Gertrude de seu jeito amoroso e maternal.

Acomodamo-nos e observei a Sra. Duckworth cortar o assado. Um filete de sangue escorria da carne a cada corte e vi Violet se curvar para frente, os olhos azuis brilhando.

— Aqui está, querida — disse a Sra. Duckworth, colocando duas fatias em seu prato. Sem esperar que o resto da família fosse servido, ou sem se servir de batatas, feijões e os pãezinhos dispostos em tigelas na mesa, Violet atacou a comida. Mal usou os talheres ao meter a carne na boca.

— Você deve estar *mesmo* faminta — cantarolou Gertrude, levantando-se para ajudar Luke a cortar sua carne. O garoto, talvez pegando uma deixa de Violet, abandonou a faca em favor de usar o garfo na fatia de carne.

— Não sei o que deu em mim — disse Violet, limpando a boca com o guardanapo. Seus olhos ainda estavam na carne. Um silêncio pairava na sala.

— É só o ar puro do campo — repetiu Gertrude, com certa tensão na voz. Eu sabia que os Abbott podiam sentir que havia algo errado, mas não conseguiam entender o que era. Queria desesperadamente que eles gostassem dela e que Violet encontrasse na fazenda a mesma paz que eu encontrei. Mas, é claro, ela estava confusa e faminta. Com ou sem Damon, talvez fosse melhor se morresse cercada pelas luzes dos letreiros do West End.

— Sempre morou em Londres, querida? — perguntou Gertrude, evidentemente dando o benefício da dúvida a Violet.

— Sou da Irlanda — disse Violet, com a boca cheia de comida. Luke e Oliver a olhavam, fascinados.

— Irlanda. — George deu um pigarro. — Pensei que seus parentes fossem da Itália, Stefan.

— São, por parte de pai. Há algum sangue irlandês do lado de minha mãe — menti. Se Damon podia se reinventar como conde ou duque, eu podia inventar os parentes irlandeses.

— Ah. — George cortou a carne em seu prato. — Bem, de qualquer modo, é ótimo tê-la aqui, Violet. Sinta-se em casa.

— Vocês são muito gentis — murmurou Violet, os olhos disparando freneticamente pela mesa, procurando desesperadamente algo para saciar a fome. Mas não havia nada que pudesse fazê-lo.

Neste momento, Emma puxou timidamente a manga do vestido de Violet.

Violet baixou os olhos, sua expressão cautelosa se abrindo num largo sorriso.

— Ora, olá, queridinha — disse Violet com gentileza.

— Oi — disse Emma, de imediato metendo o polegar na boca e virando a cara.

— Ora, Emma, não pode se apresentar corretamente à Srta. Violet?

Nervoso, observei Emma. Eu ainda estava preocupado com o jeito com que Oliver encarara Violet. Havia algo de evidente nela para as crianças que seus pais não percebiam?

— Eu sou Emma — disse a criança solenemente, antes de meter de novo o polegar na boca.

Violet sorriu, repentinamente parecendo muito mais forte do que antes.

— Olá, Emma. Meu nome é Violet. E você é *muito* bonita. Quando vi você, sabe o que pensei?

— Não. — Emma balançou a cabeça.

— Eu pensei, essa menina deve ser uma princesa das fadas. De jeito nenhum pode ser humana. É linda demais. Você é uma princesa? — perguntou Violet.

Sem dizer nada, Emma subiu no colo de Violet, que a balançou no joelho.

— Acho que você encontrou uma nova amiga — disse Gertrude, claramente encantada com a afeição que Emma demonstrava por Violet.

— Creio que eu também, e estou muito agradecida por isso — disse Violet com os olhos brilhando. — Tenho uma irmã mais ou menos da idade dela em minha cidade natal; ela se chama Clare. Sinto muita saudade. E tenho também outra irmã, Cora. Ela está em Londres — disse Violet, seus olhos assumindo uma expressão nostálgica.

— Deve ser difícil ficar tão longe. O que a trouxe a Londres? — perguntou George. A ternura de Emma rompera qualquer gelo e agora os Abbott se comportavam como se Violet fosse apenas uma integrante um pouco mais velha de seu próprio grupo.

— Bem, pensei que seria atriz — confessou Violet.

— Ora, ainda pode ser. Quantos anos tem? Dezesete? — perguntou Gertrude, limpando o canto da boca com o guardanapo de linho branco.

Violet assentiu.

— Sim, creio que poderia ser — disse ela, suspirando. Por toda a conversa, ela comia com voracidade, quase mais rápido do que a Sra. Duckworth conseguia completar seu prato. Luke e Oliver olhavam admirados, claramente assombrados com seu apetite. Afinal, eles faziam concursos de comida o tempo todo entre si, só para ser repreendidos pela Sra. Duckworth com uma tapa incisivo em seus dedos.

— Bem, Stefan, sua família é adorável, justo como imaginei. É como disse meu marido: a família verdadeiramente é a coisa mais importante na vida — disse Gertrude, seus olhos azuis e inteligentes brilhavam.

— Concordo — respondi simplesmente.

Violet baixou o garfo e arriou, pousando os cotovelos na mesa. Tinha os olhos vidrados e a face de um branco espectral.

— Está se sentindo bem, querida? — perguntou Gertrude, empurrando a cadeira para trás. Rapidamente, a Sra. Duckworth correu para ajudá-la.

— Ela está bem. Só teve um longo dia. Partimos de Londres muito cedo — expliquei freneticamente, perguntando-me se este seria o início do fim.

— É claro. Bem, podemos preparar o quarto de hóspedes, se...

Violet respirou fundo algumas vezes. Consciente de todos os olhos nela, ajeitou o cabelo arruivado e se sentou reta como uma vara. Seu sorriso estava petrificado em uma careta. Devia ser torturante para ela.

— Peço desculpas. Eu estou muito bem, obrigada. — Sua voz era forte e firme.

Coloquei meu guardanapo ao lado do prato e levantei-me para ajudar Violet. Ela precisava ficar sozinha e já.

— Creio que vamos sair para uma caminhada. Como a senhora disse, o ar nos fará bem — disse eu, puxando a cadeira de Violet para trás e oferecendo-lhe o braço. Ela estava prestes a morrer e eu não podia permitir que isto acontecesse no solar. Inventaria o que dizer aos Abbott depois; que ela havia decidido voltar para Londres, a fim de procurar um médico e transmitia suas desculpas. Depois de vinte anos de mentiras, tinha aprendido a pensar em todas as eventualidades.

Oliver agitou-se com impaciência na cabeceira da mesa.

— Podemos ir caçar? Por favor? Tenho praticado todo dia e você prometeu. Violet pode ir conosco!

— Oliver! — Gertrude o repreendeu. — Stefan estará ocupado com a prima dele.

— Em outra hora, Oliver — respondi, acariciando sua cabeça. — Continue trabalhando em sua mira e você poderá me ensinar alguma coisa quando caçarmos. — Violet abriu um leve sorriso e senti outra forte dose de remorsos. Por acidente ou não, eu a levarei a Damon. Por minha causa, Violet jamais teria uma família só dela. — Muito obrigado por uma ótima refeição — concluí. Estendi o braço para Violet e fomos para a luz de fim de tarde.

Havia certo frio no ar e percebi o quanto estávamos próximos do outono. Quanto mais eu vivia, mais consciente ficava da velocidade com que mudavam as estações. Às vezes parecia que uma acabara de começar, e de

repente já estávamos na seguinte — tão diferente de quando eu era humano, quando o verão parecia se estender pela vida toda. Era apenas uma entre os milhões de perdas mínimas que eu suportava, que Violet não teria de tolerar.

— Não sei o que deu em mim no jantar — confessou Violet enquanto eu a levava pelo caminho pedregoso para o vale. Pensei que seria bom ir ao farol de Ivinghoe. Era o local mais alto na paróquia, mais até do que o grande moinho de água que batia no rio Chiltern, fornecendo energia às minas abaixo.

Andamos pelo vale verde e cintilante, que parecia mais vivo do que nunca. Pardais cantavam, tãrnias e esquilos se agitavam nos arbustos densos e eu ouvia o riacho correndo para o regato Bilbury.

Violet parou repentinamente.

— Você está bem? — perguntei com delicadeza. Era uma pergunta terrível de se fazer. Era claro que ela não estava bem.

Violet balançou a cabeça.

— Sentirei falta de tudo — disse ela, abrindo bem as mãos, como quem abrange toda a paisagem. Vi seus ombros se erguerem e caírem, ouvi um leve ofegar escapar de seus lábios. Mas ela não chorou.

Peguei sua mão. Não havia nada que eu pudesse dizer. Assim, continuamos colina acima, até que a relva ficou mais áspera, as pedras maiores e o ar um pouco mais rarefeito. Andamos por uma densa floresta de árvores perenes até o momento que eu esperava — quando as árvores se abriam e só o que restava era o céu azul, a Inglaterra esparramada abaixo. Era um de meus lugares preferidos no mundo, perdendo apenas para a margem da propriedade de meu lar de infância na Virgínia, onde o lago encontrava a floresta.

— Obrigada por me trazer aqui — disse Violet, por fim. Ela pôs a mão no coração. — Oh, *Stefan*! — exclamou, angustiada.

— Shhhh. — Puxei-a para mais perto. Não sabia de que outra forma poderia reconfortá-la. À nossa volta, os passarinhos ainda cantavam e o ar de outono farfalhava as saias de Violet. Mas, intimamente, eu sabia que ela se enfraquecia. — Shhhh — repeti.

Ela enterrou o rosto nas mãos em meu peito. Abracei-a enquanto ela chorava, cada estremecimento dela causava uma torção em meu coração. Por fim, ela retirou os dedos e olhou-me de forma tão penetrante que me afastei um passo.

— Por que eu? — perguntou, seus olhos procurando meu rosto.

— A culpa é minha. Se não tivesse me conhecido, isto jamais teria acontecido — falei, infeliz.

Violet balançou a cabeça.

— Ou talvez eu estivesse morta em uma vala de Londres. Você foi meu amigo. Mostrou-me o mundo. Se tenho de morrer, pelo menos tive esses dias de magia — disse, timidamente.

— Obrigado. — Pensei em quando nos conhecêramos. De maneira nenhuma eu teria me perdoado se tivesse simplesmente ido embora quando Alfred gritara com ela na taberna. — É muita gentileza sua. Mas, por favor, entenda que só fiz o que qualquer um faria, Violet.

— Não acredito nisso — retrucou ela, com firmeza. — Você é um amigo de verdade.

— E você também. Sempre me lembrarei de você.

Um sorriso lento cruzou o rosto de Violet.

— Vai sempre se lembrar de mim? Mesmo daqui a duzentos anos?

— Sim — respondi. Eu não tinha dúvidas. Queria boas lembranças de Violet, queria lembrar-me da corajosa determinação que ela mostrou, mesmo em face da própria morte. — Você é uma em um milhão. É alguém que eu nunca, jamais esquecerei.

A gratidão brilhava nos olhos de Violet.

— Obrigada — disse, numa voz fraca. — Posso lhe pedir um favor?

Concordei com a cabeça. Eu sabia que, se falasse, minha voz falharia, e não queria chorar na frente de Violet. Não queria que ela soubesse o quanto eu estava apavorado.

— Você pode... me beijar? — sussurrou ela, constrangida. — É que nunca recebi um beijo de verdade. E não quero morrer sem ter sido beijada. Por favor?

Mais uma vez, senti meu coração se partir por aquela garota. Tinha tanto a viver. Assenti, segurando sua mão mínima e delicada e puxando-a para mim. Curvei-me e deixei que meus lábios tocassem os dela em um beijo doce e inocente.

Violet interrompeu o beijo e me olhou timidamente nos olhos.

— Obrigada. Foi perfeito.

— Não precisa agradecer — falei em voz baixa. Nesse momento, senti algo próximo da paz como não sentia havia anos.

Voltei o rosto ao céu para não ter de olhar para ela. As nuvens rolavam com o fluxo do rio abaixo e eu sabia que não demoraria muito para que os céus se abrissem.

Levei Violet colina abaixo rapidamente e sem olhar para trás. A chuva logo chegaria, fazendo com que o terreno cintilasse de condensação. Eu adorava tempestades, sua capacidade de lavar e deixar tudo inocente e com cheiro de limpo. Apenas desejava que a chuva pudesse lavar meus pecados.

Quando eu era adolescente, beijar era um jogo que começamos a fazer quando descobrimos que brincar de pique era infantil demais. Era uma distração, um entretenimento, e fazia nosso coração disparar em um piquenique que, sem isso, seria tedioso. Eu partilhava beijos com Clementine Haverford, Amelia Hawke, Rosalyn Cartwright e todas as minhas outras amigas de brincadeiras. Beijar era agradável, mas não transformador.

Mas um dia beijei Katherine Pierce e nada jamais foi o mesmo. Era como se todos os outros beijos fossem meras sombras do êxtase que sentia quando os lábios de Katherine estavam junto dos meus. Quando estava cercado de seu inebriante cheiro de limão e gengibre, guiava-me puramente por instinto. Eu faria qualquer coisa por um beijo.

E, naturalmente, foi esse desejo insaciável que mudou toda a minha vida. Katherine era como Helena de Troia, desencadeando uma eternidade de destruição. Entretanto, eu sabia que se um dia me visse perto da morte, fecharia os olhos e imaginaria os lábios de Katherine tocando os meus.

Violet queria algo que eu não podia dar: queria amor, e só o que eu tinha era meu afeto. Mas talvez isso fosse melhor que

o desejo. Afinal, foi exatamente o desejo que acabou me matando.

No outono, densas nuvens de chuva costumavam pender baixas no céu de Ivinghoe, lançando toda a fazenda em uma névoa melancólica, feito poeira, qualquer que fosse a hora do dia. Hoje não era exceção. A linda manhã dera lugar a uma tarde pesada com a promessa de chuva e, na semiescuridão de minha cabana, eu observava Violet se enfraquecer cada vez mais. Aqui, éramos apenas eu e a Morte, uma terceira entidade poderosa em minha vigília a Violet.

— Por favor, Stefan! — disse Violet, debatendo-se ao despertar. Apressadamente molhei uma compressa em água e a segurei em sua testa. Meus joelhos estavam rígidos e eu sabia que devia estar na mesma posição havia horas, mas não queria sair de seu lado nem por um instante. Não sabia se seus gritos eram o resultado de um sonho febril ou sinal de que ela retornava a uma semiconsciência nebulosa.

Quando se abriram, os olhos de Violet estavam toldados como leite. Ela os estreitou, tentando focalizar em mim.

— Stefan, por favor! Por favor, mate-me. Acabe com isto agora! — Ela arquejou, sua respiração soando como uma serra enferrujada em metal. Uma espuma esbranquiçada se acumulava nos cantos da boca e os braços estavam cobertos de arranhões, de quando ela cravou as unhas na própria pele, dormindo, como se quisesse escapar de seu corpo. Eu a contivera ao máximo, mas ela ainda parecia correr por uma trilha espinhosa. Agora, Violet não tinha mais energia para se debater e só conseguia se concentrar em piscar e respirar.

Balancei a cabeça vagorosamente. Desejava poder fazer o que ela me pedia — dar um fim a sua agonia e lhe trazer paz. Porém, por mais que ela implorasse, não conseguia me decidir a fazer isso. Prometi a mim mesmo repetidas vezes que jamais mataria outro humano. Talvez fosse egoísta, mas

só o que podia fazer era tentar deixá-la confortável em seus últimos momentos.

— Por favor! — exclamou ela, sua voz meio estridente. Uma coruja piou ao longe. Era à noite que saíam as criaturas da floresta. Eu sentia o cheiro de seu sangue e ouvia seu coração bater. E, embora Violet não as pudesse ouvir com igual clareza, eu sabia que também podia sentir sua presença.

— Logo você estará num lugar melhor — falei, esperando desesperadamente estar lhe dizendo a verdade. — Logo você estará em paz. E será melhor do que aqui ou Londres... Melhor até do que a Irlanda. Será melhor do que qualquer lugar que você e eu possamos imaginar.

— Stefan, dói. — Violet debateu-se contra a estrutura da cama e jogou a roupa de cama no chão. Voltou a abrir os olhos.

— Shhhh... — Estendi a mão para seu braço. Mas ela o puxou de mim, jogou os pés para baixo e correu para a porta, deixando um emaranhado de lençóis no chão atrás dela.

— Violet! — Corri, deixando minha cadeira cair com um baque. Rapidamente, Violet soltou a tranca e fugiu na noite. A porta bateu com um estrondo.

Imediatamente parti correndo atrás dela. Olhei de um lado para o outro, meus sentidos rapidamente se aclimatando ao ar de fora da cabana. Tudo estava negro como breu e as árvores que cercavam o chalé, em geral tão aconchegantes, fizeram-me perceber que ela podia estar em qualquer lugar.

Farejei o ar, repentinamente pungente do cheiro de sangue, e corri para a sua origem.

— Violet! — chamei na noite, consciente e sem me importar que os Abbott me ouvissem. Precisava encontrá-la. Pulei a cerca de tela do galinheiro.

Ali, ajoelhada e com o vestido, o rosto e as mãos sujos de sangue, estava Violet. Havia uma galinha morta em seu colo, o sangue vertendo de um corte no pescoço quebrado. O sangue escorria pelo rosto de Violet e seus dentes, ainda normais, brilhavam à luz da lua.

Repentinamente, ela se curvou e começou a vomitar. Todo seu corpo estava ensopado de suor e eu não sabia se ela morria ou renascia.

— Eu lamento tanto! — disse Violet, com o rosto manchado de lágrimas.
— Não pretendia fazer isso.

Sua culpa era bem conhecida minha. Sem dizer nada, peguei-a pela mão, coloquei-a de pé e a levei de volta ao chalé. Fechei a porta e me virei para ela. Seu corpo estava empoleirado na beira da cama, manchas de sangue no cabelo e no corpete do vestido, e sua expressão era infeliz.

— Está zangado comigo? — perguntou ela numa voz mínima.

Disse que não com a cabeça e a ajudei a se deitar, em silêncio, colocando-a debaixo de lençóis de linho branco imaculados e abrindo a janela, na esperança de que o ar de outono lhe trouxesse algum alívio.

— Eu estava com tanta fome — disse ela bem baixinho. — Ainda estou.

— Eu sei — respondi. O sangue da galinha não adiantaria de nada. Para se transformar, um vampiro precisava de sangue humano. — Sei que é difícil. E sei que você está sofrendo — acrescentei inutilmente. Ela concordou com a cabeça, uma gota do sangue da galinha ainda demorando-se no canto de sua boca. — Mas, lembre-se, você vai para um lugar melhor. Acredito verdadeiramente nisto. E sei que será doloroso, mas depois da dor, virá a paz.

Suponho que esperava isto por mim também. Afinal, era obra minha. Minha mente insistia no mesmo cabo de guerra. A parte lógica de meu cérebro dizia-me que isto podia ter acontecido, quer eu tivesse me envolvido ou não. Afinal, se Violet e eu nunca tivéssemos nos conhecido, ela poderia ter sido atacada na rua. Poderia ter sido encontrada por qualquer um.

Ou podia estar prestes a ter uma vida longa e feliz.

— Stefan, eu... — disse Violet, respirando de forma mais densa a cada palavra.

— Está tudo bem. Vá e encontre a paz. — Foi o adeus que nunca dei a Callie. Agora eu sabia que o melhor a fazer era deixar que Violet soubesse que não havia problema em partir.

— Mas... Eu... — disse Violet, sua respiração mais e mais laboriosa. Curvei-me para mais perto a fim de ouvir, minha orelha a centímetros de sua boca, quando subitamente ouvi um grito terrível e sobrenatural penetrar o ar noturno.

Mas não era Violet. Vinha do solar.

Desviei os olhos de Violet e corri para a casa, temendo o pior.

O solar estava inteiramente às escuras e não havia sinal de ninguém, nem mesmo da Sra. Duckworth, que costumava ficar acordada até tarde, tricotando à luz de velas. Nem mesmo uma lanterna iluminava a varanda e senti meu estômago arriar. Havia algo errado; muito errado.

— Olá? — chamei, minha voz vacilando. — Quem está aí? — Desejei ter me lembrado de pegar uma arma antes de correr à casa. — Apareça! — gritei, ainda mais alto, minha voz fazendo eco na entrada de pedra.

Silêncio. Damon devia ter nos encontrado.

E então, ouvi um leve choro. Era tão fraco que pensei ser imaginação minha. Tomei a cabeça de lado novamente. Sem dúvida nenhuma, um ruído.

— Estou indo! — gritei. Se havia som, era um sinal de vida. Rapidamente corri pelo labirinto de cômodos, meus olhos se adaptando à luz fraca, até que cheguei à sala de visitas.

Ali, toda a família Abbott estava reunida no canto, Luke branco feito um fantasma. George agarrava-se a um atizador, de olhos desvairados, e Gertrude desmaiara no chão. Emma, a origem do ruído, chorava sobre a mãe. Mas eles estavam vivos.

— Estou aqui. É Stefan. Vocês estão em segurança — falei à família, embora meu coração martelasse de pavor contra o peito. Damon podia estar em qualquer lugar. Provavelmente estava bem às minhas costas, rindo de mim. Havia tramado esta cena puramente para me assustar, para me

mostrar que não tinha medo de Klaus porque *se tornara* Klaus. Podia cometer atos horrendos de derramamento de sangue sem pestanejar.

— Stefan? — disse George, incrédulo, o medo transparecendo em sua voz.

— Sim. Vocês ficarão bem. Eu prometo. — Meus olhos disparavam pela sala. Os muitos retratos pareciam me olhar de cima. Mas não havia sinal de Damon.

De súbito, ouvi um barulho e girei o corpo. Assim que virei as costas, George atacou, investindo para mim com o atizador. Seu rosto avermelhado tinha a expressão de um louco.

— Traidor! Você roubou meu filho! — gritou ele, balançando o atizador de ferro loucamente pelo ar como se fosse uma espada. Esgueirei-me facilmente, o horror me dominando enquanto olhava a família. *Onde estava Oliver?*

— Senhor! Não! Eu estava lá embaixo, na fazenda! Foi o meu irmão, *Damon*. Onde ele está? Viu para onde ele foi? — perguntei desesperadamente, fugindo de seus golpes.

Senti algo bater em minhas costas. Girei e percebi que Luke tinha se pendurado em meus ombros e chutava meus pulmões.

— Você pegou o meu irmão! — gritava o menino, batendo os pés em minhas costas. Lutei contra ele. Emma agora chorava alto, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Demônio! Você morrerá! — rugiu George, atacando-me no escuro.

— Não fui eu! — gritei inutilmente. Livrei-me de Luke em minhas costas. Ele caiu no chão com um baque nauseante e usei o momento em que George se virou para cuidar do filho, corri da casa e entrei no escuro, confiante que meus sentidos de vampiro me dariam uma boa dianteira. Mas eu sabia que não tinha muito tempo. George pediria ajuda a uma fazenda vizinha e logo haveria uma turba inteira procurando por mim.

Mas, naquele exato momento, eu não podia me preocupar com isso. Oliver fora raptado. E um vampiro estava à solta. Fora tudo armado, justo como acontecera quando Martha foi encontrada na viela atrás do Ten Bells.

O medo tomou meu corpo quando percebi a ligação. Oliver fora levado por algum motivo e eu deixei Violet sozinha e vulnerável. Ele ia pegá-la e obrigá-la a uma decisão contra a qual ela tanto havia lutado. Oliver seria o cordeiro sacrificial. Era apenas um peão no jogo de meu irmão e, desta vez, ele estava verdadeiramente jogando com sangue.

— Damon! — gritei de novo no escuro. Farejei o ar, e fui acometido pelo impulso de vomitar quando senti o familiar cheiro de ferro por todo lado, envolvendo-me. — Damon! — Meus pés voaram ao meu chalé e abri a porta com toda minha força.

Pestanejei, horrorizado.

No meio do chão estava Violet, recurvada sobre Oliver, tomando largos goles de uma ferida aberta em seu pescoço. O sangue escorria no chão em uma poça escura e funda.

— Oliver! — chamei, inutilmente. Violet se virou, suas presas recém-formadas brilhando de sangue, com uma expressão vaga. Curvou-se, enterrando a cara novamente no pescoço de Oliver.

— Não! — Parti para eles e tentei retirar Oliver de seus braços. O corpo do garotinho estava flácido e sem vida e eu não ouvia o coração bater. Mas seu corpo mínimo ainda não estava inteiramente esgotado de sangue. Ainda não. Violet o puxou de minhas mãos e levou seu pescoço aos lábios.

Neste momento, ouvi a porta se fechar com um estalo. Virei-me, pronto para lutar com meu irmão.

Mas não era Damon. Emoldurado na porta estava Samuel, o cabelo louro e leonino cercando o rosto, a camisa branca e as calças caramelo impecavelmente bem-passadas. Pestanejei. Então Samuel também era um dos soldados de Damon. Era claro. Senti o ódio por meu irmão se aprofundar.

— Onde ele está? — rosnei, flexionando as mãos em punhos. Eu faria Samuel pagar, mas, primeiro, precisava que ele me levasse a Damon.

— Então, esta é sua propriedade rural, Stefan — disse Samuel, abrindo a gravata-borboleta e a jogando nas costas de uma cadeira, sentando-se como se estivesse apenas fazendo uma simples visita social.

— Onde está Damon? — repeti.

— Não sei. — Samuel deu de ombros, cruzando uma perna sobre o joelho e recostando-se na cadeira. — E não me importa. Vim procurar você. O tempo que passamos em Londres foi tão apressado; sinto que você não pôde me conhecer em nada — disse ele, arqueando uma sobrancelha loura.

— Não veio aqui em nome de Damon?

— Seu irmão? — perguntou ele, indolente, lambendo os lábios. — De jeito nenhum. Como eu disse, nem imagino onde ele esteja. E não me importo. O que realmente importa é onde as pessoas *pensam* que Damon está. — Um leve sorriso brincava nos lábios de Samuel.

— O que quer dizer com isso? — Minha cabeça girava. Não conseguia deixar de olhar a pedra de seu colar e quanto mais eu a olhava, mais enfeitiçado ficava por ela.

— Quero dizer que Damon... Ou, desculpe, o *conde DeSangue*, em breve poderá ter outra alcunha. Espero que ele goste do nome “Jack, o Estripador”. — Samuel levantou-se e foi a Violet, ainda agachada sobre Oliver. Ela parecia não saber se mergulharia e se alimentaria novamente. Samuel se colocou acima deles e, por um segundo, perguntei-me se ele também quebraria o pescoço de Violet, simplesmente para mostrar seu poder. Mas não o fez. Em vez disso, sua mão pousou com gentileza no alto da cabeça dela.

— Creio que você pode ser útil — refletiu ele consigo mesmo. — Sim, creio que você tem o necessário. Fome, certamente — dizia enquanto Violet baixava a cabeça para beber, como num transe. Depois, se virou para mim.

— Onde está Damon? — perguntei, minha voz tremendo. — Ele está...

— Morto? — Samuel soltou uma gargalhada áspera que mais parecia um latido. — Que diversão haveria nisso? Posso lhe garantir, ele não morreu. Pensei em outro plano. Como sei o quanto ele anseia pelos holofotes, descobri um jeito de fazer com que aparecesse em todos os jornais londrinos. Ele está prestes a ser conhecido como o mais notório assassino de Londres. Enquanto conversamos, uma testemunha ocular faz um retrato falado dele. E isso é só o começo. Creio que ele gostará disso, não acha?

— Você é o Estripador. — Tudo se encaixava. Samuel assassinara Mary Ann e atacara Martha. E pretendia enquadrar Damon pelos assassinatos. O que significava que *Samuel* escrevera a mensagem de alerta no parque.

Recuei um passo, meu corpo batendo na parede. Fiquei encurralado.

— Quero destruir Damon. E a morte seria fácil demais — Samuel sibilou, aproximando-se de mim e colocando as mãos em meus ombros. — Assim, primeiro farei com que ele pague. Eu o excluirei da sociedade londrina que tanto adora e arruinarei a imagem que ele gosta de manter. Esse é o plano e será concretizado — explicou Samuel, seu rosto agora a centímetros do meu. — Quando você apareceu, não tive muito tempo para pensar em sua punição. Mas estou muito satisfeito com o que elaborei. Arruinei a família que você amava tanto e coloquei a culpa em você. Consegui que sua garota viesse para o lado negro... Creio ter me saído bem. — Sorriu.

— Por que está fazendo isso conosco? O que nós fizemos a você? — perguntei, tentando aplacá-lo, recusando-me a lutar. Minha cabeça girava. Eu ouvia apenas gritos ao longe e sabia que não demoraria para que uma turba furiosa cercasse o chalé.

— Vocês fizeram o bastante. E não tenho muita vontade de lhe dar uma aula de história. Mas, por falar em irmãos, sei que você feriu o meu. E penso que isto basta como forte argumento contra uma amizade nossa, não concorda? — Seu sorriso era perigoso e eu sabia que estava prestes a atacar. Fechei os olhos, invoquei minhas forças e investi contra ele, na esperança de que a surpresa de meu ato o pegasse de guarda baixa.

Porém, mais rápido que um raio, Samuel me derrubou no chão e fiquei preso abaixo de seu corpo. Com o rosto a centímetros do meu, pude sentir o cheiro de sangue humano em seu hálito.

Libertei-me com uma torção do corpo e cambaleei para trás. Ele parecia estar em toda parte e em lugar nenhum ao mesmo tempo e, de súbito, captei o cheiro de algo queimando. Nossa luta havia virado uma mesa e uma vela tombada começara um incêndio, as chamas lambendo as paredes de pinheiro secas. A luz das chamas dançava no rosto anguloso de Samuel. Nossos olhos se fixaram por um momento e um leve sorriso atravessou seus

lábios. E então ele investiu para mim, pegando-me desprevenido ao me empurrar para a lareira. Caí de joelhos.

— Saia — gritou Samuel para Violet, que correu para a porta, deixando no chão o corpo sem vida de Oliver.

— Você já viveu demais — disse ele, rapidamente pegando uma cadeira e quebrando-a no joelho como se fosse um graveto. Parou acima de mim, com um pé de cada lado de minha cintura, e ergueu nas mãos uma perna quebrada da cadeira, pronta para servir de estaca.

Mas, em vez de descê-la em meu peito, ele me olhou enojado e cuspiu em meu rosto.

— Você não é digno da morte; isto é fácil demais — disse Samuel em voz baixa, quase consigo mesmo. — Quero que você sofra. É o que você merece. Na realidade, é a única coisa que merece.

Fechei os olhos, sem me incomodar em lutar. Em vez disso, permiti que minha mente conjurasse Callie. A doce e intensa Callie, de cabelo ruivo, pele sardenta e olhos maliciosos. Eu sabia que esta seria a última vez que eu a veria, mesmo em minha imaginação. Certamente ela estava no paraíso e logo eu seria mandado ao inferno.

Com um movimento rápido de Samuel, a dor foi para toda parte. A estaca atravessou meu peito, mas não pegou o coração. A dor se irradiou do ferimento para minhas mãos, os pés, o cérebro.

— Divirta-se no inferno — disse Samuel com uma gargalhada. Depois saiu pela porta, deixando-me no chalé tomado pelo fogo, uma prévia para o que eu sabia ser meu lugar de descanso final.

Quando a morte é inevitável, a passagem do tempo se acelera e, ao mesmo tempo, fica mais lenta. Aconteceu na primeira vez que morri, quando senti uma bala atravessar meu corpo, e sentia isto agora. Sentia o calor das chamas que dispararam pelo perímetro do chalé. Sentia a dor pulsando em minhas entranhas. Sentia-me aprisionado, incapaz de balançar a estaca mais de alguns centímetros para qualquer lado. Mas o que também sentia era remorso, raiva, tristeza e alívio. Foi verdadeiramente como se toda uma vida passasse diante de meus olhos.

Ou melhor, minhas duas vidas.

Não havia realizado muito, fosse como humano ou como vampiro. O que realizara foi a morte. E, por mais que eu me sentisse melhor do que Damon, será que de fato era? Pois, no fim, éramos ambos vampiros. Ambos deixávamos um rastro de destruição às nossas costas. E eu estava muito cansado. Cansado de lutar quando nada parecia dar certo. Cansado de sofrer. E estava cansado de sempre ser um brinquedo nas mãos do meu irmão. Não éramos mais crianças, os jogos eram letais havia tempo demais e talvez só minha morte desse um fim à nossa guerra. Se fosse assim, ela seria bem-vinda. Estava pronto para ser consumido por uma eternidade de chamas. Seria mais pacífico do que a vida que tinha levado.

O fogo não tinha pressa, dançando pela junção entre a parede e as tábuas do piso como um admirador cauteloso num baile. Observei, em transe. As chamas eram compostas de vermelho, azul e laranja e, de longe, lembravam-

me das brilhantes folhas de outono que vira pontilhar o Solar dos Abbott. Jamais veria isso novamente.

Por favor, não os mate, pensei, lembrando-me do resto da família Abbott, apavorada, entristecida e tão terrivelmente traída. Era um hábito pensar que os outros podiam ler meus pensamentos. Às vezes funcionava entre mim e Damon, mas apenas porque nossa proximidade de irmãos permitia nos encontrarmos frequentemente como convidados da mente do outro. Eu duvidava que Samuel e eu tivéssemos qualquer comprimento de onda familiar que lhe permitisse receber um recado desses de mim. Mas não importava. Ouvir só incitaria ainda mais sua sede de sangue.

Não me importava minha própria vida, mas sentia uma pontada mínima de lealdade por Violet, que agora estava com Samuel, em algum lugar. Ela era uma vampira muito nova, certamente confusa e dominada. Precisava de orientação. E não o tipo de orientação que lhe daria um assassino cruel.

Tentei mexer o braço, desesperado para arrancar a estaca. Um vigor renovado tomou meus braços e pernas. Eu não estava pronto para morrer. Não antes de poder impedir Violet de se tornar um monstro. Devia isso a ela, após lhe ter sido negada essa decisão. Tentei arrancar a estaca do peito enquanto as chamas se aproximavam cada vez mais de meu corpo. Ouvi o rangido da porta e arqueei na dor, pronto para enfrentar meu destino.

— Ele está aqui! — Era a voz de uma mulher.

Meus olhos se abriram e vi a irmã de Violet, Cora, seu cabelo ruivo ardendo em torno do rosto com olheiras. O pingente se balançava de um lado a outro do peito, hipnotizando-me por um momento. Fechei os olhos de novo. Era apenas mais uma pessoa que eu provavelmente não salvaria. Quando estava desesperado para tirar Violet das garras de Damon, havia abandonado Cora.

— Desculpe-me — sussurrei à imagem onírica.

Mas senti uma leveza no peito, de onde estivera a perna da cadeira. Meus olhos se abriram.

— Você quase conseguiu ser morto, mano — disse Damon. Antes que eu compreendesse inteiramente o que acontecia, senti um líquido quente descer

por minha garganta. Tive ânsias de vômito ao perceber uma carcaça de pelos vermelhos sendo metida na minha cara. Era o corpo flácido de uma raposa.

— Beba mais — instruiu Damon com impaciência, olhando, nervoso, às suas costas. As chamas agora eram mais altas, tendo atingido a parede.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, enquanto mais sangue escorria por minha garganta.

— Salvando a sua vida — disse Damon, arrastando-me para que eu ficasse de pé e puxando-me para fora, para a floresta, justo quando meu pequeno chalé explodiu em chamas atrás de nós. — Depois que você saiu da festa, percebi que foi Samuel quem deve ter matado Violet — continuou Damon. — O sangue sob as unhas dele praticamente brilhava contra a taça de champanhe. Quando o confrontei a respeito disso, ele disse que tinha um plano em andamento, para nós dois, e partiu. Digamos apenas que decidi não deixar você morrer, ou pelo menos não hoje. Pode me agradecer depois. — Damon me depositou bruscamente no chão frio da floresta. Bem ao longe, houve uma cacofonia de sinos, gritos e o bater de cascos de cavalos. Era idêntico ao cerco que meu pai armara na Virgínia. E, mais uma vez, meu irmão e eu estávamos lado a lado, unidos.

— Precisamos fugir! — Minha voz era entrecortada. — Vire à esquerda. — Não tínhamos tempo para uma explicação melhor, mas, se Damon tinha alguma compaixão em si, pensei que podíamos escapar de qualquer coisa. Eu conhecia a floresta melhor do que ninguém e depois que chegássemos ao centro, sob árvores tão altas que o céu não era visível nem mesmo em um claro dia de verão, ficaríamos bem.

Damon pegou Cora e a jogou sobre o ombro com uma das mãos enquanto me arrastava um pouco com a outra. Corremos pelo riacho e em volta de uma pedreira, contornando o perímetro distante da fazenda dos Abbott. Por fim, levei-os ao vale abaixo do rio Chiltern. Era um lugar que os humanos demorariam meio dia para alcançar, mas, como corríamos à velocidade de vampiro, chegamos rapidamente. Estávamos a salvo. Pelo menos por enquanto.

— Vou encontrar Samuel — disse Damon, com o rosto vermelho pelo esforço. — Ele precisa saber as consequências de seus atos.

— Damon, sabe o que ele fez? Atribuiu a você os crimes de Jack, o Estripador. A polícia está fazendo um retrato falado seu neste momento. Não pode segui-lo; não é seguro.

— Não deixarei que ele escape, mano — respondeu com raiva. — Fique aqui. Verei se consigo encontrá-lo.

Eu não tinha forças para argumentar com Damon. Nem acreditava que eu estava vivo. Sentei-me em uma pedra e coloquei a cabeça nas mãos. Levei a mão sobre minha ferida. Encolhia, mas ainda doía, e eu tive a sensação de que havia um coração mínimo batendo no ritmo de minha respiração.

— Você está bem? — perguntou enfim Cora, rompendo o silêncio. Ela estava sentada em um galho de árvore caído na minha frente, nervosa, roendo as unhas. Perguntei-me o quanto ela sabia sobre a verdadeira natureza de Damon. Mas eu não tinha energia para fazer perguntas. Afundei nas folhas enquanto Cora sentava-se a meu lado, olhando-me como um falcão. Ouvi seu coração bater — *tum-tum-tum* — e suspirei de alívio. Se eu podia ouvir seu coração, significava que ela não se transformara. Era humana. Concentrei-me naquele ruído, tranquilizador como as gotas de chuva durante um temporal de abril.

Eu precisava lhe contar sobre sua irmã.

— Violet... — comecei.

— Como está ela?

Balancei a cabeça.

— Não está bem — consegui dizer. O coração de Cora se acelerou, mas sua respiração continuava firme.

— Ela é uma vampira? — Cora olhou-me nos olhos.

Eu não podia mentir.

— Sim, ela se transformou — admiti. — Samuel a obrigou.

Um lampejo de esperança iluminou os olhos de Cora.

— Ela se transformou? Então, não está morta. Bem, não morta *morta*. Mas... para onde ela foi? — perguntou, confusa.

— Samuel a pegou — respondi. — Violet não teve alternativa. Deve estar assustada.

— Tenho certeza de que está — concordou Cora numa voz fraca, torcendo o amuleto de verbena em seu dedo indicador. — Quando éramos crianças, Violet costumava dormir com uma vela acesa a noite toda. Ela sempre tinha medo de que os monstros viessem pegá-la.

— Ela vai superar isto muito em breve — falei com ironia. Como vampira, as trevas logo se tornariam o maior conforto de Violet.

— Suponho que sim. — Cora fitava o vazio.

— Você está bem?

Cora deu de ombros.

— Não sei. Eu estava na festa, Samuel se aproximou de mim e comecei a gritar. Não sabia de onde vinha o som, sem perceber que era eu. Mas ele me apavorava. E então seu irmão encontrou-me e me fez falar. Trouxe-me no trem. Rezei o tempo todo para que Violet estivesse bem, mas... Será que ela está? — disse ela baixinho.

Acenei com a cabeça. Não queria lhe dar falsas esperanças.

— Ela ficará diferente. Mas posso ensiná-la. Existem coisas que fazem um vampiro menos terrível.

— Que bom. — Caímos no silêncio. O ferimento em meu peito encolhia e bem acima de nós eu via os mais leves sinais do amanhecer rompendo a noite escura. Eu ficaria bem. Viveria para ver outro dia, outra década, outro século. Mas Oliver não. E onde estava Damon?

— Damon está demorando muito — disse Cora, fazendo eco a meus pensamentos. — Será que está bem?

— Sim — respondi. Na verdade, eu não sabia. Só começava a ter consciência de uma vastidão diferente de vampiros vivendo no mundo. Antes, eu pensava que só precisava me preocupar com os Originais, como Klaus. Mas havia tantos outros com os quais me preocupar, de uma forma que jamais tinha considerado. — Damon sabe cuidar de si mesmo.

Ficamos em silêncio mais uma vez.

De repente, houve um farfalhar na mata. Enrijeci enquanto os passos se aproximavam e a conversa era transportada pelas árvores.

— Alguma coisa, rapazes? Nada naqueles arbustos?

Ouvi o latido alto de vários cães. O bater de pés passou perto e pressionei as costas no tronco áspero de uma árvore. Cora apertou minha mão com força até que o grupo partiu, incitado pelo latido louco dos cães.

— Procuram por mim — falei, declarando o óbvio depois que os últimos passos cessaram.

— Ora, não o encontraram, não é mesmo? Esta é uma boa notícia — disse Cora com seu sotaque arrastado, tentando um sorriso amarelo.

Também sorri. Não era muito, mas era verdade. Eles não nos encontraram. Talvez precisasse aprender a ser agradecido pelos pequenos milagres.

Por fim, enquanto os primeiros raios do sol caíam sobre nós, Damon apareceu pelo mato, com o corpo sem vida de Oliver nos braços. Sua expressão era abatida e um filete irregular de sangue escorria da têmpora. Estava descalço, com as roupas rasgadas, e não estava nada parecido com um conde italiano ou um mercador britânico. Parecia o Damon de nossa infância, que passava horas brincando no bosque. Só que este era um jogo de vida ou morte.

— Não consegui encontrar Samuel — disse Damon, sentando-se numa pedra e suspirando. — Tentei ressuscitar a criança, mas não consegui.

— Eu sei — falei, pegando no colo o corpo inerte de Oliver. Eu jamais o levaria para caçar. Afastei-me alguns passos, até um grupo de carvalhos. Olhei para o céu escuro, rezando pela salvação do garoto.

Ternamente, deitei o corpo no chão da floresta e abri uma cova rasa e pequena. Em seguida, coloquei Oliver dentro dela.

— Aqui jaz o melhor caçador da Grã-Bretanha — disse, com uma lágrima ameaçando meu olho. Joguei alguns punhados de terra e cobri com galhos de árvores. Virei-me, sem conseguir olhar mais para o túmulo, e fui a Cora e Damon, reunidos a pouca distância.

— E minha irmã? — ouvi Cora sussurrar. Vi Damon dar de ombros. Perguntei-me se havia mais nessa história do que ele estava contando. Mas eu não estava preparado para ouvir. Ainda não.

Deitei-me no chão duro da floresta a uma curta distância e fechei os olhos, permitindo que o sono me dominasse. Mesmo enquanto minha mente vagava para a inconsciência, eu sabia que o sono seria agitado. Mas eu merecia isso. Merecia tudo o que viria para mim.

Rolei no chão duro, desesperado para encontrar um lugar confortável para dormir. Mas não conseguia. Cada centímetro de meu corpo doía, como se atizadores quentes se cravassem em minha pele. Minha boca parecia uma lixa e braços e pernas eram como chumbo.

Em meu estado de semiconsciência, eu não sabia onde estava, apesar da sensação familiar de já ter estado ali. Mas onde? Se eu estava no inferno, pelo menos era tranquilo. Mas então pisquei e notei dois pontos de luz avançando para mim.

— Olá, olá — disse uma voz. Pisquei novamente e percebi que os dois pontos de luz vinham de dois olhos grandes e inquisitivos.

— Katherine. — Minha voz era rouca.

— Ora essa, sim — disse ela, como se estivéssemos nos encontrando na estrada de terra empoeirada para Veritas.

— Isto é um sonho — falei, mais para mim mesmo do que para ela.

— Pode ser — respondeu Katherine, num tom leve, como se eu tivesse perguntado se ela achava que choveria mais tarde. — Mas do que importa? Nós dois estamos aqui.

— Por que isso está acontecendo?

— Algumas pessoas não conseguem se deixar levar. Pode ser difícil, não?

— perguntou ela, retoricamente.

Olhei em seus olhos. Eram grandes, como de felinos, e mais bonitos do que nunca. Lembrei-me das horas que passei olhando-os fixamente, quando

eu estava disposto a arriscar tudo por ela. Havia arriscado. Perdera tudo. Ainda assim, aqueles olhos lembravam-me do que era sentir-me jovem e acreditar que o amor a tudo conquistava.

Eu queria lhe perguntar por que ela me transformara, quando deveria saber que minha vida seria cheia de tristeza. Queria saber como Katherine suportava. Queria saber o que eu devia fazer, agora que perdera todos de quem gostava. E queria saber por que ela ainda me assombrava.

— O culto Stefan — disse Katherine, com um sorriso brincando nos lábios. — Sempre pensando demais. Mas, lembre-se, algumas coisas não podem ser compreendidas, nem explicadas. Precisam ser vividas.

— Por quê? — gritei, mas Katherine simplesmente desapareceu na escuridão.

— Precisamos ir — disse Damon bruscamente, cutucando minhas costelas com a ponta da bota.

— Agora? — Esforcei-me para me apoiar nos cotovelos antes de esfregar os olhos e me livrar do sono. Eu sabia, pelo orvalho no chão, que era só uma questão de tempo até que o céu irrompesse plenamente na manhã.

Damon assentiu. Cora estava a uma curta distância, de testa franzida e os braços cruzados, examinando a nós dois em silêncio.

— Voltaremos a Londres — disse Damon com firmeza. — Preciso encontrar Samuel e dar-lhe uma lição. Ninguém é melhor que Damon Salvatore. Vou derrotá-lo em seu próprio jogo.

— Não podemos voltar a Londres — falei, de queixo cerrado enquanto me levantava plenamente, olhando nos olhos de meu irmão. — Não entende isso? Precisamos parar de lutar. Antigamente você me odiava; agora odeia Samuel. Isto só levará a mais derramamento de sangue. Não compreende?

— Ah, eu compreendo, mano. Compreendo que você prefere ser morto a agradecer ao irmão que salvou sua vida. Eu irei a Londres. Se quiser viver nas trevas e sobreviver de ovelhas e coelhos, vá em frente.

— Vou também. Tenho de encontrar Violet — disse Cora, seu rosto pálido e abatido. Damon e Cora trocaram um olhar rápido, mas não entendi o que significava. Por fim, Damon concordou com a cabeça.

— Eu vou — falei. Não poderia mesmo ficar ali. Violet estava por aí, por conta própria, e eu precisava fazer o que pudesse para honrar seu desejo de morte. Não podia deixar que se transformasse em um monstro. E Damon precisava de mim, quer ele soubesse disso ou não. Além disso, naquele exato momento, quando eu não tinha ninguém nem um lar, por mais que detestasse admitir, eu precisava dele.

Parti, levando os dois pela floresta até a estação de trem. Ao longe, ouvi um apito. A liberdade estava a uma curta distância. Apressei o passo.

— E, desta vez, sem desculpas pelo que você é, Stefan — disse Damon, alcançando-me, Cora atrás dele. — Você é um vampiro. Quando vai entender isso?

— Sei quem eu sou, Damon — retruquei calmamente. Era uma variação da mesma discussão que sempre tínhamos, porém, desta vez, eu não iria lutar. Via o trem entrando na estação. Precisávamos ter cuidado. Eu estava certo de que toda a paróquia procurava por nós e, se não estivéssemos preparados para influenciar a qualquer momento, seríamos apanhados desprevenidos. — Sou seu irmão.

— Sim — disse Damon, depois de um segundo.

Isto não chegava perto de um pedido de desculpas, mas senti algo entre nós se alterar. Se quiséssemos encontrar Samuel, precisávamos trabalhar juntos. Talvez a luta contra esse outro vampiro fosse nossa única oportunidade de impedir o banho de sangue que nos seguia. Eu precisava acreditar nisso. Tinha de acreditar em alguma coisa.

— Você sabia que Samuel era um vampiro? — perguntei. Era uma pergunta de pouca importância, mas que me fiz em meu sono febril. Será que Damon voluntariamente encontrou uma sociedade vampira em Londres?

— Não, eu não sabia. — Damon balançou a cabeça, seus olhos escuros brilhando de raiva. — Mas sei que jamais me farão de tolo novamente. E também sei que Samuel está a ponto de levar uma lição que jamais esquecerá.

— E se ele for um Original? — Minha voz caiu a um sussurro.

Lancei os olhos ao céu, na esperança de que houvesse luz e bondade em algum lugar no mundo, de que Oliver estivesse a salvo em algum lugar, onde pudesse caçar o quanto quisesse.

— Se ele for um Original? — zombou Damon, arrancando-me de meus devaneios. — De que importa isso? Só o que importa é força e determinação. O estilo Salvatore — disse, com a voz cheia de sarcasmo. — Pronto? — perguntou, virando-se para Cora com uma centelha nos olhos. Era sempre impossível saber no que Damon estava pensando.

— Todos a bordo! — disse o condutor, acenando para nós. Tentei não imaginar no que ele estaria pensando de nós três: Damon com a camisa rasgada; eu com um ferimento no peito vazando pela camisa; e Cora, ainda com a eterna echarpe amarrada em um laço elegante no pescoço, apesar do corpete manchado de sangue.

— Passagens? — perguntou, desconfiado, o condutor.

Damon sorriu, seus ombros relaxando, claramente em território conhecido.

— Londres. Você já viu nossas passagens, assim, acompanhe-nos a uma cabine de primeira classe. Não veremos você pelo resto da viagem. Para você ou qualquer outro, não estamos lá.

— Sim, senhor, perfeitamente — disse o condutor, assentindo e conduzindo-nos por um caminho estreito para dentro do trem.

Olhei pela janela e vi o campo verdejante passar em disparada. Perguntei-me o que esperava por nós em Londres. Será que Samuel cometeria outra matança? Teria Violet ido como ele de boa vontade, ou simplesmente ficara aturdida depois de sua transformação? E Damon e eu poderíamos um dia realmente trabalhar juntos?

Eu sabia apenas que éramos dois vampiros buscando a vingança e estávamos prestes a causar a destruição de Samuel — qualquer que fosse o custo.

Epílogo

Vinte anos atrás — há quase uma vida inteira — meu irmão e eu fugimos de Mystic Falls em um trem que ia para Nova Orleans. Na época, éramos vampiros bebês. Damon estava confuso e reflexivo, eu estava embriagado de sangue e pronto para a ação.

Agora nossos papéis haviam se invertido. Entretanto, quer o vínculo existisse por uma história em comum, lealdade ou mesmo pelo sangue — esta substância misteriosa, incômoda e revigorante —, estávamos juntos.

Não confiávamos um no outro. Não nos gostávamos. Mas um era o outro, refletindo nossa sombra, nossos egos secretos na identidade do irmão. Fugíamos da turba de um vilarejo que procurava por mim em direção a toda uma cidade que acreditava que Damon era o assassino mais mortal da história. Estávamos nisso juntos.

E merecíamos um ao outro.

Por mais que eu tentasse esconder, tinha um lado sombrio e letal. E eu vi, nos olhares preocupados de Damon para Cora e na maneira gentil com que ele aninhara o corpo de Oliver ao levá-lo para ser sepultado por mim, que meu irmão tinha um lado humano, repleto de sentimentos. Mas poderiam os dois

existir juntos? E quantos outros humanos seriam mortos antes que pudéssemos viver em paz como vampiros?

Eu não sabia a resposta. Mas sabia que haveria muitas outras mortes. Só podia esperar que não ocorressem por minhas próprias mãos...

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Capa

Obras da autora publicadas pela Galera Record

Rosto

Créditos

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

Epílogo

Colofão